A M A Z O N I A

A terra e o homem

Série 5.ª BRASILIANA *Vol.* 104
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

ARAUJO LIMA

AMAZONIA

A terra e o homem

Com uma
"Introducção á Anthropogeographia"

PREFACIO
DE
TRISTÃO DE ATHAYDE

Obra premiada pela Academia Brasileira

2.ª EDIÇÃO



1937
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

PREFACIO

Este livro vem abrir, a meu ver, novos horizontes, não apenas á sociologia propriamente amazonica, mas tambem aos estudos de geographia humana no Brasil. Inspirado nas mais modernas correntes do pensamento, que reagiram contra o naturalismo do seculo passado, estuda um dos problemas sociaes mais cruciantes de nossa nacionalidade, o do Amazonas, com uma largueza de espirito scientifico ainda muito rara em nossos estudos sociaes.

Conhecendo bem o meio, a gente e os problemas da região amazonica, de onde é filho e onde por longos annos viveu, como medico e como administrador, não escreveu o Sr. Araujo Lima este livro como uma apologia nativista ou uma anthologia de factos pittorescos e sim para servir á sua terra e ao seu povo. E essa honestidade de intenção communica ao seu estudo uma gravidade e uma profundeza que realçam de muito as qualidades que já revela de sociologo seguro e informado das mais recentes conquistas do pensamento. Não faz alarde de erudição, comtudo. Não se collocou

neste ou naquelle ponto de vista doutrinario por ser o mais *moderno* e sim por ser o mais *justo*. Começou por conhecer a realidade, por estudar os factos, por observar pessoalmente o phenomeno amazonico, em longos annos de contacto quotidiano com elle. E só depois é que começou a sua educação sociologica. Não foi á busca de factos que corroborassem as suas theorias. Ao contrario, adoptou a theoria que mais lhe pareceu explicar os factos que previamente observara. Essa, sem duvida, é outra das qualidades reaes deste trabalho, dos mais interessantes estudos sociaes que tenho lido sobre o Brasil, em um dos aspectos mais originaes de sua civilização.

A ordem de disposição da materia não corresponde, portanto, á ordem de preparação interior do livro. Começou, como todo trabalho realmente scientifico, por observar os factos para chegar ás conclusões normativas, perfeitamente justificaveis em um trabalho de sciencia social. Em sua obra, porem, começa por estudar theoricamente, em dois capitulos aliás magistraes, o problema do meio e o da raça, mostrando nelles o ponto de vista em que se deve collocar uma comprehensão verdadeiramente ampla desses dois problemas fundamentaes da geographia humana, contra a posição limitada e unilateral do naturalismo sociologico, que simplifica e hypertrophia a acção sociologica e historica de cada um desses dois factores, em conjuncto ou separadamente.

Acima desses factores impessoaes, colloca o autor o proprio factor *humano*, affirmando depois de uma justificação exhaustiva de sua conclusão que — "a intelligencia que, como vimos, modela o meio, é a grande modificadora da raça".

Contra o determinismo geographico ou o determinismo ethnico, eleva o autor a actuação do Homem, como factor primordial na determinação de sua propria historia. Nisso está de accordo com a sciencia mais recente e autorizada, da propria Allemanha, que já não acceita cegamente a posição unilateral de Ratzel. Pois como dizia recentemente um geographo — "devem os geographos reconhecer que, as regiões transformadas pelos actos da vontade humana, não podem ser reguladas apenas, com o seu conteúdo humano, como simples resultado das leis da natureza e, ao contrario, que nellas o homem continúa sempre a ser a medida das coisas. A região cultural (Kulturlandschaft) é traçada pelo engenho humano e adaptada a fins humanos". (1).

Essa posição, que não nega os factores mesologicos e ethnologicos, mas subordina-os afinal aos psychologicos, é que marca decisivamente a obra do sr. Araujo Lima sobre a Amazonia como um ponto de vista sociologico mais justo, mais novo e mais completo, para o estudo dos problemas anthropogeographicos e mesmo sociaes em nossa terra.

---

(1) HUGO HASSINGER — *Geographische Grundlagen der Gejchite.* Herder, 1931, pag. 6.

Todo o seu livro beneficia amplamente dessa posição scientifica, permittindo-lhe no estudo dos factores sociaes um jogo de actuação muito mais rico e complexo e portanto mais proximo da verdade, pois em materia social o perigo dos pontos de vista unilateraes é despojarem a realidade de sua riqueza, deformando-a e levando a conclusões precipitadas e falsas.

Desse perigo se exime esta obra, pelo cuidado que teve em libertar-se de preconceitos, como o geographismo ou o ethnologismo.

Dessa predominancia do factor humano, é levado naturalmente o autor, não a uma apologia facil da terra e do homem amazonico, mas a uma rehabilitação fundamentada de ambos, e sobretudo de suas possibilidades, sem esconder os obstaculos de uma e os defeitos do outro, mas mostrando que não existe "nem fatalidade ethnica, nem fatalidade geographica", e que todo o mysterio sombrio da Amazonia é composto de "accidentes sanaveis", por uma civilisação technica, educativa, hygienica e sobretudo moral, que póde vir e que ha de vir.

O problema do Amazonas, por hora, ainda é o do despovoamento. "Terra deserta, terra a ser povoada. Afigura-se muito aggressiva e indomavel. Não ha, em verdade, uma aggressividade especifica e caracteristica da terra; o homem é que se torna muito vulneravel pela insufficiencia numerica. Não está em causa a qualidade da terra, mas a quantidade da gente".

E o que se dá com o Amazonas, dá-se com todo o Norte. Apezar de todas as condições que lhe têm sido contrarias, a força do Norte, no Brasil, ainda é a familia grande e por isso aventureira, corajosa na lucta pela vida, espalhando-se por todo o Brasil. Se, por desgraça sua, fosse o Norte contaminado pelo mal que já hoje grassa francamente nas grandes capitaes do sul, o anti-concepcionismo, nenhuma esperança lhe restaria de restabelecer o equilibrio das forças financeiras e politicas do sul. O Norte é a grande familia. Sem ella, será o deserto.

A grande familia e a pequena propriedade, — em contraste radical com a pequena familia e a grande propriedade, apanagios da civilisação norte-americana — é que são os traços sociaes caracteristicos de uma civilisação genuinamente brasileira. E ambos são a chave do problema amazonico, pois o *deserto* e o *latifundio* são, como muito bem o demonstra o autor deste livro, os males talvez primordiaes da immensa interrogação amazonica. E contra ambos o remedio é a prolificidade, moral e hygienicamente defendida, e a pequena propriedade. "A solução do caso amazonico, mallogrado no seu grande surto inicial de grandeza, estaria certamente no distributismo, isto é, na disseminação intensiva da pequena propriedade".

Essa confirmação, por um pesquizador de factos e homem de sciencia positiva, de uma these que racionalmente muito me é cara, veio generalizar o seu campo

de applicação, que não se limita assim ao extremo sul, como de facto já se dá, mas se estende tambem ás condições apparentemente tão diversas do extremo norte.

Outros muitos seriam os pontos de detalhe a resaltar neste trabalho magistral sobre a Amazonia, como o estudo sobre a "cabanagem" ou sobre o "cangaceirismo" cearense, a rehabilitação do "caboclo amazonico" ou toda a vasta riqueza de informações sobre a natureza e o homem do extremo norte. Não quero, porem, prolongar um prefacio que já se estendeu por mais espaço do que devia, nem retardar a satisfação da curiosidade justa do leitor.

Desejo apenas, terminando, accentuar de novo a originalidade, em nosso meio, de uma posição sociologica rigorosamente positiva, de um homem dedicado sempre ás sciencias naturaes, e que entretanto soube reagir contra os preconceitos do naturalismo geographico e sustentar sempre, com razões e com factos, a primazia dos factores psychologicos e moraes na formação historico-social da região mais curiosa e mais mysteriosa do Brasil. O que o sr. Araujo Lima fez, magnificamente, com a Amazonia, outros o farão com outras regiões da nacionalidade. E assim teremos dado um grande passo para repôr os estudos sociaes brasileiros na verdadeira hierarchia scientifica dos valores.

Janeiro de 1932.

TRISTÃO DE ATHAYDE.

INDICE

QUARTA PARTE

O HOMEM EM FACE DA FAMILIA

Introducção á Anthropogeographia

I — Meio

II — Raça

III — Complexidade dos factores historicos

IV — A educação como factor historico

M e i o

CONCEITO CLASSICO DO MEIO

A noção biologico-historica da influencia do meio natural — meio physico, meio geographico, meio cosmico, *meio* "tout court" — tão dominanadora nos tempos modernos, deve a sua notoriedade e o seu prestigio, no dominio scientifico, á divulgação da theoria da evolução de LAMARCK, e, nas espheras da arte, da politica e da historia, á acção fecunda e alastradora das idéas de Taine. Mas de tempos mui recuados vem o conceito do meio prestando-se á interpretação historica.

A chronica tradicionalista accusa sobretudo a influencia de uma grande obra — "O Tratado dos Ares, das Aguas e dos Logares", de Hypocrates, que, no juizo de AUGUSTO COMTE, ainda não foi excedido, e é, para LITTRÉ, a maior herança da sciencia antiga.

Deixando de commentar o que, sobre tal, reponta da antiguidade classica, de philosophos, de homens de sciencias e de poetas — de Platão, Aristoteles, Galeno, Ptolomeo, Lucrecio, Theophrasto, etc, — devemos assignalar, mais modernamente, uma grande e infiltradora influencia: a de Montesquieu. Porque, se Bodin, celebrado auctor de *Republica*, encara nesta grande obra "a influencia do meio physico sobre a vida politica dos homens"; se Debos pretende demonstrar na sua *Historia Critica* o poder do ar sobre o corpo humano e caracterizar climas mais proprios que outros para as sciencias e as artes, é Montesquieu seguramente que, articulando num mesmo nexo de causalidade o *clima* e o *solo*, orienta o seu pensamento no sentido de attribuir a estas influencias o imperio de um estricto e rijo determinismo.

Não se lhe poderá negar poderosissima actuação sobre os modernos estudos sociaes, politicos, historicos, tal a voga e a acceitação do seu famoso livro "*De l'esprit des Lois*". Nelle estuda Montesquieu as "relações das leis com a natureza do clima" (Livros XIV a XVII) e com a "natureza do terreno" (Livro XVIII). Tão categorico em suas convicções que, no Capitulo XV do Livro XIV, fal-

lando do povo das Indias, diz que elle "est doux, tendre, compatissant", concluindo assim: "heureux climat, qui fait naître la candeur des moeurs, et produit la douceur des lois". E, no Capitulo II do Livro XVIII, assim interpreta os phenomenos politicos: "La stérilité du terrain de l'Attique y établit le gouvernement populaire, et la fertilité de celui de Lacédémone, le gouvernement aristocratique".

Se MONTESQUIEU faz philosophia sobre historia, BUFFON é homem de sciencia, é sabio; pratica a sciencia. Acreditando que o calor, a luz, o clima, o *meio*, emfim, tem acção sobre a variação das especies, exalta, com a sua autoridade de naturalista, na "*Historia Natural dos Animaes*", a importancia desses factores sobre os seres vivos.

LAMARCK e E. GEOFFROY DE SAINT-HILAIRE são, porém, os dois naturalistas-philosophos que, prestigiando a "acção das condições exteriores", dão áquella noção o seu completo e logico desenvolvimento. Assim, por sua intuição genial, LAMARCK sustenta a influencia do meio como um dos factores primaciaes da evolução, apoiada depois pelos *neolamarckianos*, numa systematização de de-

monstrações embryogenicas, anatomicas e paleontologicas, que tanta solidez imprimiram ao evolucionismo no seculo passado.

*

* *

A' proporção que uma noção rigida da influencia do meio creava raizes e adeptos, o espirito critico despertava em cogitações reaccionaes e salutares.

VOLTAIRE, annotando o Capitulo XV do Livro XIV da obra de MONTESQUIEU sobre "l'esprit des lois", oppõe, á margem dos conceitos acerca das relações das leis com o clima, esta vigorosa restricção: "*On a peut-être attribué trop d'influence au climat.* .... La différence la plus réelle est celle qui existe entre les Européens et le reste du globe; et cette différence est l'ouvrage des GRECS. Ce sont les philosophes d'ATHÈNES, de MILET, de SYRACUSE, D'ALEXANDRIE, qui ont rendu les habitants de l'Europe actuelle supérieurs aux autres hommes. Si XERXÈS *eut vaincu à* SALAMINE, nous serions peut-être encore des barbares".

Buffon, um dos consolidadores da "theoria do meio", com aquelle sentido divinatorio do genio, não crê numa cega e brutal acção dominadora, nem em influencias solapadoras sobre o homem inerte e impassivel, porque lhe reconhece, no theatro da vida, uma intervenção real e positiva: "La face entière de la terre porte aujourd'hui l'empreinte de la puissance de l'homme, laquelle, quoique subordonnée à celle de la nature, souvent a fait plus qu'elle ou du moins l'a si merveilleusement secondée que c'est à l'aide de nos mains qu'elle s'est développée dans toute son étendue".

Entrevira, pois, o homem como agente natural que é.

Michelet, com aquelle mesmo senso de previsão dos genios, presente que o solo e o clima não são tudo na historia; e prevê a acção da raça.

Le Play reconhece na questão do *meio* a base da sciencia social. Sua escola distingue tres typos de sociedades primitivas, oriundas das diversas categorias do solo: a *steppe* dos pastores; a beira-mar dos pescadores; a floresta dos caçadores. Essa escola descobre no estado primitivo do solo a origem das formas de governo, da familia e da propriedade.

Surge na idade contemporanea um espirito dominador — HYPOLITE TAINE, que invoca a acção simultanea do *meio*, da *raça* e do *momento*. Sua influencia é profunda e invasora, fazendo-se sentir nas artes, na critica, na especulação scientifica.

Nada se pode, em realidade, contrapôr á pressão avassaladora do "thema do meio", que, com incoercivel irradiação suggestiva, faz adeptos systematicos e apaixonados, precipitando a consequencias temerarias tal conceito, desviado de sua estricta e justa interpretação na esphera das especulações sobre synthese historica.

RELAÇÕES ENTRE O HOMEM E A TERRA. — RATZEL E VIDAL DE LA BLACHE. — ANTHROPOGEOGRAPHIA E GEOGRAPHIA HUMANA

As indagações sobre influencia do meio deslocam-se, do terreno ondulatorio das supposições e hypotheses, para o campo mais estavel em que se propõe o problema das relações reciprocas entre a terra e o homem.

A geographia deixa de ser meramente descriptiva, passa a adoptar os novos methodos das

sciencias naturaes; deixa de ser a *descripção da terra* para ser a *sciencia da terra.* Surge a *geographia humana.*

FREDERICO RATZEL, grande naturalista, publicava em 1882 o primeiro volume de sua *anthropogeographia;* inspirara-se em KARL RITTER, J. G. KOHL e G. B. MENDELSSOHN.

Renova "a maneira de comprehender a humanidade a actividade humana como factos geographicos" (J. BRUNHES). Definindo as noções de quadro natural (*rahmen*), de logar no globo (*stelle*) e de espaço (*raum*), RATZEL avança até conceber a terra como um "supporte rigido" que "regula os destinos dos povos com uma cega brutalidade", assentando dest'arte as bases scientificas de um determinismo geographico, brutal e cego.

Chefiando uma escola franceza de *geographia humana,* desde 1872 VIDAL DE LA BLACHE, como historiador, vem orientando os geographos num sentido de prudencia e habilidade ao jogar com os termos de *solo* e *clima* na interpretação da historia, sem aquelle espirito de generalização precipitada e de dogmatismo que caracterizam o *geographismo* á RATZEL.

Vidal de La Blache esboça a noção das *relações*. Assim se explica elle: "Qu'il s'agît de faits climatériques, botaniques, économiques, c'est le rapport que j'ai cherché à noter. Où se localisent tels phenomènes de climat, telles formes de végétation, tels groupements de produits: voilà l'élément géographique, celui qui permet de saisir une relation avec le sol".

E conclue: "La caractéristique d'une contrée est ainsi une chose complexe, qui résulte de l'ensemble d'un grand nombre de traits et de la façon dont ils se combinent et se modifient les uns les autres".

Ficou assim proposto o problema das connexões, das relações do *homem* com o *meio*, o estudo das acções e reacções, ou melhor das inter-acções.

MEIO PHYSICO, MEIO PHYSIOLOGICO, MEIO PSYCHOLOGICO

Analysemos num golpe de vista critico o conceito do meio, interpretado geralmente numa concepção crúa e falsa, por encarar o meio natural, o meio physico exclusivo, a agir por um mechanismo supposto verdadeiro.

O meio physico ou cosmico não age directamente, não age exteriormente, mas sim por intermedio do meio interno, physiologico ou psychologico. A acção faz-se exercer, através do apparelho vegetativo e do sensorial, sobre as funcções do organismo. São os alimentos, os toxicos, introduzidos no seio da economia viva; são as impressões sensitivas, recebidas pelas terminações nervosas periphericas e recolhidas aos orgãos centraes do systema nervoso, onde se projectam sob a forma de sensações para elaboração do pensamento. E' o pão; é o veneno; é a idéa.

A vida é funcção do meio interno liquido, que embebe todas as celulas, todos os tecidos; é o plasma intersticial, o plasma nutritivo, de cuja composição depende o equilibrio metabolico. As deficiencias nutritivas (as *avitaminoses*) e as perversões alimentares (as *intoxicações*) são outros tantos elementos comprommettedores, ou corruptores do organismo humano, independendo do clima, do meio cosmico, dos factores ambientes.

Assim tambem certos estados morbidos, attribuidos outr'ora á acção puramente climatica ou mesologica, ao ar e ás emanações telluricas, são hoje reconhecidamente produzidas por agentes na-

turaes, seres vivos que se fazem hospedes dos seres animaes, vehiculados de hospedeiro a hospedeiro por outros seres intermediarios ou transmissores.

Ha ainda um meio interno psychico, em que reina uma causalidade logica, graças á qual, como bem exprime Henri Berr, a "humanidade cada vez mais escapa ao determinismo bruto, á causalidade mechanica do meio exterior".

Marcando o fim da historia zoologica e o principio da historia humana, aponta esse grande historiador-philosopho a invenção da *technica* e da *linguagem*, os maravilhosos recursos pelos quaes o homem appareceu como o "agente da logica", assignalando com a *mão* e a *palavra* o "progresso decisivo da logica pratica e da logica mental".

A INFLUENCIA DO ELEMENTO PSYCHICO SOBRE O MEIO

O factor psychico dera-lhe a preeminencia zoologica. A idéa é o seu apanagio. Assim esclarece um dos mais debatidos problemas da evolução da humanidade o auctor da "*Synthese em Historia*": "A humanidade escapa ao meio natural

pela acção do meio interno ou logico: a idéa — a idéa que fazem os homens de seu meio, a idéa que os impelle a transformar este meio — representa um papel cuja importancia não se poderá exaggerar".

A idéa leva o homem a transformar o meio natural ou physico ou cosmico: assim elle se desvia deste, como deste se poupa pelo meio social.

"De toutes les espèces, l'homme est celle qui a le plus de moyens d'échapper, non pas aux milieux — dans lesquels il est obligé d'être — mais aux actions de ceux-ci" (EUGENE PITTARD — *Les Races et L'Histoire*).

Os recursos mentaes apparelham o homem para desviar as acções do meio, ás quaes se pode elle subtrahir graças aos artificios que a intelligencia concede e a technica realiza.

A evolução psychologica apura essa capacidade que conquistou o homem para se subtrahir á influencia natural do meio. "Plus l'homme est primitif et moins lui est aisé de se soustraire aux lois de la nature" (J. DE MORGAN).

Ao estudar as relações do homem e do meio, devemos abstrair a noção de individuo para admitir o conceito das sociedade humanas.

O que constitúe realmente o elemento humano é a sociedade. Os homens só valem pela associação. O isolamento, a segregação, o afastamento, a que são elles condemnados pela dispersão ou pela disseminação, tiram-lhe os predicados e as caracteristicas.

A sociedade é o meio humano, o ambiente em que age o homem em face da natureza. Ao homem e o producto natural interpõe-se a idéa (FEBVRE); a idéa se interpõe aos homens; as modas, as leis, os costumes são resultantes das idéas dos homens nas suas relações de vida em sociedade.

"Du naturel, non, ni du personel. Du social et du collectif. Pas l'homme, encore une foi — jamais l'homme: les sociétes humaines, les groupes organisés". (FEBVRE — *La terre et l'évolution humaine*).

Ha uma acção collectiva, ha uma mentalidade collectiva, que regem o procedimento das sociedades humanas ao contacto com a natureza.

O meio social, producto dessa acção e dessa mentalidade collectivas, superpõe-se ao meio cosmico, formando a ambiencia social ou humana, na qual a rigidez, a rudeza, a brutalidade da natureza são attenuadas e disfarçadas.

Não se pretende annullar o factor *meio*, ao qual o homem jamais se poderá subtrahir inteiramente, mas sim investir contra a crendice nas fatalidades geographicas, que, na supposição de espiritos supersticiosos, esmagariam o homem, inerme e passivo, pela brutalidade de golpes indesviaveis.

INTER-ACÇÕES: O COMPLEXO "INDIVIDUO-MEIO"

O *homem e o meio* — assim devemos comprehender — não se isolam, nem se oppõem: formam um systema de inter-acções, de inter-relações, de relações reciprocas e dependentes: acção do *meio* sobre o homem e reacção deste sobre aquelle. Interdependem e se correlacionam. Formam o complexo "individuo-meio".

Na actuação do *meio* sobre o *homem*, age aquelle como uma força, um reagente que desperta energias potenciaes, que "accelera processos evo-

lutivos, que arranca surtos efficientes do silencio de potencialidades dynamicas, latentes e adormecidas".

Reagindo o homem sobre o meio, actúa como um modificador desse meio, na funcção de grande factor social que é.

Ha uma correlação de acções, exercidas atravez do neuro-dynamismo: as impressões sensoriaes, recolhidas do ambiente e transmittidas pela innervação peripherica, vão projectar o meio exterior nos dominios cerebraes da percepção; as excitações motoras, geradas á custa dessas sensações, projectam o meio interior — a personalidade consciente e volitiva — sobre o meio ambiente.

O individuo assimila o meio, para a elle se incorporar, realizando o trabalho de adaptação, e agir como factor de modificação desse meio, de progresso social, emfim de civilização.

A acção do *meio* nenhum espirito liberto poderá negar em absoluto. Mas não representa ella apenas o effeito puramente mechanico de uma força sobre um movel bruto, passivo e inerte, e sim a resultante de um systema de forças em jogo, a influirem-se reciprocamente sem propriamente se opporem.

MECHANISMO DA NOCIVIDADE DO MEIO. — NOVA FÓRMA DE CONCEITUAR O MEIO.

Se a "geographia humana" se deve apoiar na geographia —; se a geographia, modernamente, deixa de ser meramente descriptiva, para emprehender indagações no dominio das sciencias naturaes — geologia, botanica, zoologia, climatologia; se a climatologia é uma sciencia que apenas ha poucas decadas se libertou das peias das superstições, para entrar em sua phase experimental, vindo elucidar aspectos obscuros da vida no globo e dar correcção a conceitos erroneos, reputados certos e solidos; se a epidemiologia moderna conseguiu surprehender os mysterios em que se encobriam diversas causas comprometedoras do equilibrio organico; se, finalmente, o conhecimento profundo do meio natural e a intelligencia geral das condições de desenvolvimento dos homens são "as duas bases fundamentaes de toda geographia humana séria e efficaz", poder-se-á bem perceber quão valiosas se fizeram as novas revelações scientificas sobre *meio* e suas relações com o organismo humano, abolidas

as crendices em miasmas, em ambientes lethiferos, em mephitismo tellurico, em fatalidades mesologicas ou climaticas.

A noção de malignidade de climas firmou-se no espirito dos doutrinadores, menos pelo rigor da temperatura ou de outros factores do meio, do que pelo imperio, nas zonas condemnadas, de certas molestias, de certas endemias, appellidadas exoticas, reinantes nas regiões tropicaes e sub-tropicaes.

Acreditava-se que as molestias chamadas climaticas fossem causadas pelo ar, pela agua, pelas emanações do solo, pela corrupção do meio gazoso, liquido ou solido, em determinadas regiões do globo.

Surge a éra pasteuriana e com ella se illumina a pathologia, transformada em sciencia experimental; orientou-se, a essas luzes, a medicina, e foi possivel o advento da hygiene moderna e da prophylaxia, beneficiadas pela conquista dos segredos da pathologia humana e comparada.

Descoberta a causa das molestias produzidas por germens vivos, não tardou a ser interpretado o mechanismo de sua penetração e actuação no organismo humano; a etiologia e a pathologia estavam esclarecidas. Os germens pathogenos são transmittidos por insectos intermediarios. Os

virus podem ser conservados em quaesquer latitudes, ao passo que os seres intermediarios são influenciados pelas condições do clima.

A distribuição geographica dessas molestias, portanto, não está ligada directamente ás influencias climaticas, atmosphericas ou telluricas, mas sim á interposição de insectos vectores, cuja destruição acarretará a extincção dos males que elles transmittem, pela annullação do *virus* pelos mesmos inoculado nos homens.

Bem diverso de phenomeno climatico, pois, o que se passa: em realidade, phenomeno biologico, facto ligado á biologia dos insectos, esta sim influenciada pela acção climatica.

HARMONIA NA NATUREZA

Darwin, estudando a fecundação das orchideas e verificando só ser ella possivel com a interferencia de certas abelhas, que ao sugarem o nectar transportam o pollen de uma flor á outra, exaltou o phenomeno como uma *maravilhosa harmonia* da natureza.

O mechanismo exacto e preciso da transmissão das molestias microbianas, promovida pelos insectos hematophagos, seria, para usar a linguagem

de Darwin, um caso de *harmonia* da natureza no concerto universal da vida, se não fosse, como realmente é, encarando-se singularmente a vida humana, uma *desharmonia da natureza,* tomada esta expressão, por emprestimo, á linguagem suggestiva de METCHNIKOFF, naturalista-philosopho a quem se deve uma philosophia sorridente e optimista, sem deixar de ser escrupulosamente calcada na sciencia contemporanea.

Phenomeno biologico, de cujo segredo se apoderou o homem, o facto de transmissão das suppostas molestias climaticas pode ser entravado ou annullado pelo homem, impedindo a pullulação dos seres transmissores por meio de acção systematica da prophylaxia especifica.

A sciencia moderna apparelhou o homem para sanear a terra, sem que, para isso, precise modificar-lhe a configuração, menos ainda pretenda o absurdo de transformar o clima da região que habita: basta-lhe obstar as condições de vida dos insectos vehiculadores.

Ha cerca de quarenta annos, a maior auctoridade brasileira em engenharia sanitaria proclamava a impraticabilidade do saneamento da cidade do Rio de Janeiro, por se tratar de um solo em-

bebido (empapado — era a expressão) num pantano.

Era um brado de resignação ante a inopia da sciencia antiga. A idade presente rehabilitou os nossos maiores: Oswaldo Cruz, applicando no Rio de Janeiro as lições de Gorgas em Havana e no Panamá, redimiu uma terra e rehabilitou uma nação, cuja capacidade de cultura se equiparou á das mais adiantadas em sciencia e acção.

No quadro das molestias influenciadas pela terra, figurou durante largo tempo o *beri-beri*, que, sobre todas as mais, parecia ligada ao meio physico por ter a melhor indicação da sua cura na mudança de moradia. Estudos victoriosos explicaram a sua causa pela falta de vitaminas; e a mudança de residencia não agia senão pela mudança de regime alimentar.

A ACÇÃO HUMANA COMO FORÇA MODIFICADORA DA TERRA

Fruimos na epocha presente a éra da hygiene e da prophylaxia.

Foi a hygiene moderna que abriu o Canal do Panamá, como foi ella que construiu a "Estrada

de Ferro Madeira-Mamoré", permittindo o exito dessas duas empresas que haviam fracassado lastimavelmente ha meio seculo, deixando para a historia uma tradição funebre de dois emprehendimentos ousados e benemeritos e uma supposição erronea sobre as forças da natureza.

Em ambos os casos não foi preciso modificar o ambiente, nem desviar as acções propriamente mesologicas: apenas visar os culicideos — *stegomya e anophelinas* — responsaveis pela febre amarella e malaria, e sobre elles exercer a prophylaxia especifica inspirada na doutrina vencedora.

O saneamento de qualquer região do globo não está, portanto, a depender de uma problematica, irrealizavel transformação de seu clima: é uma conquista da cultura e da civilização dos povos, producto de suas iniciativas e de seu progresso.

A acção humana é tudo na obra saneadora da terra, que depende muito mais dos elementos materiaes, sociaes e economicos dos homens, guiados pela sua cultura, do que de influencias atmosphericas, inspiradas á mentalidade primitiva pela astrologia e pelas suggestões superstíciosas.

Se é imprudente recusar em absoluto a acção do meio natural, temerario é certamente exageral-a, acceitando-a como um imperativo a prefigurar a historia, reger-lhe o curso e determinar-lhe os acontecimentos.

A geographia não faz a historia; mas não se lhe pode negar influencia na evolução da humanidade.

Não ha uma força cega e brutal, impulsionada por fatal determinismo; mas, em funcção do "complexo organismo-meio" e por consequencia de suas inter-acções, processa-se o trabalho biologico e social da adaptação.

Os excessos de doutrina derivaram de conceber-se o *meio* como exclusivo elemento activo, admittindo a passividade do homem ante as implacaveis acções naturaes.

Considera-se hoje, porém, um processo de adaptação activa, em que se equilibra o jogo das acções do meio e do individuo, nas suas relações de interdependencia e de reacção.

No computo desses agentes de acção e de reacção, entre as forças naturaes e a actividade humana, traduzida na "acção da natureza sobre o homem" e "reacção do homem sobre a natureza",

foi tentada esta discriminação: geographia humana passiva ou estatica e geographia humana activa ou dynamica.

Effeito das tendencias exclusivistas, esse criterio de dualidade da geographia humana é um erro de methodo de estudo e a negação do espirito de synthese, que deve prevalecer e dominar o assumpto.

O GRÁU DE DIFFERENCIAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO MENTAL ANNULLANDO A ACÇÃO DO MEIO PHYSICO

A acção do meio será tanto mais sensivel quanto menos differenciado o ser na escala zoologica, por menos apparelhado para a reacção sobre o meio. As bacterias, seres rudimentares da escala vegetal, modificam suas formas á feição dos meios de cultura em que se desenvolvem.

Quanto mais alto na evolução da vida, tanto mais firme nos seus attributos especificos saberá manter-se o ser vivo. E na evolução humana, a personalidade se affirma na gradação da cultura e da civilização. Só os selvagens se deixam escravizar. Com o aperfeiçoamento social alcançam os povos a liberdade e o progresso, e este resulta

da conquista do meio physico ou natural pelo homem civilizado.

O homem será tanto mais passivo quanto mais inerme fôr ante a ambiencia, quanto mais desapparelhado, quanto mais insciente. O meio cosmico, nesse caso, mais rudemente agirá sobre elle.

Culto e adiantado, o homem modifica o meio pela apparelhagem que a sciencia inspira e a industria materializa. Ao homem e á terra, defrontados no theatro da natureza, interpõe-se então essa montagem de recursos á mercê dos quaes o primeiro pode escapar á acção da segunda, remodelando-a e, até, modelando-a.

O homem — como já ficou expresso — não vive directamente em contacto com o meio exterior e delle não depende immediatamente; vive, em realidade, na dependencia directa do meio interior, em que mergulha a parte realmente viva do organismo. O revestimento externo do corpo dos animaes é desprovido de vida, formada de cellulas endurecidas e adaptadas á funcção mechanica de envolucro protector. O dynamismo vital processa-se no meio interno tanto psychologico como physiologico.

O meio exterior não age, portanto, directamente, mas por intermedio do meio interior. Physicamente são os alimentos os agentes principaes dessa acção. O homem, physiologicamente, faz-se pela alimentação. Psychologicamente, é o producto das excitações do meio, das sensações, das emoções elaboradas em seu espirito.

Da funcção espiritual provêm a idéa, o pensamento, o recurso mental com que o homem affirmou sua preeminencia zoologica; e esta não foi senão a victoria do trabalho racional sobre as forças naturaes, sobre a terra e os outros animaes.

O mundo, os mundos — como expressões de culturas generalizadas — no occidente europeu-americano ou no oriente asiatico, são productos da intelligencia humana. E assim o homem, factor psychologico por excellencia, fez-se agente natural, agente geographico, agente causal.

RELAÇÕES ENTRE O MEIO E O HOMEM; ADAPTAÇÃO; DOMINAÇÃO DA TERRA

Do extremismo das correntes, sustentando a preponderancia do meio ou do homem, irrompe a

legitima doutrina — a das inter-acções, das relações reciprocas entre o homem e o meio.

A terra já não é o "supporte rigido" de RATZEL a agir sobre um ser indifferente, passivo e inerte; nem se trata de um factor dynamico a actuar sobre um elemento estatico: é um agente natural em jogo com outro agente natural.

A natureza não jaz immutavel: modifica-se sob a actividade humana. O homem progride e se aperfeiçoa no amanho da terra, a principio, exclusivamente com a mão e, depois, com a ajuda da machina.

Desenvolvendo sua actividade sobre dado solo, dentro de dado meio, sob dadas influencias atmosphericas e meteoricas, as acções do homem provocarão reacções, ou melhor acções reciprocas, desse solo, desse meio, dessas influencias.

O homem primitivo apropriara-se da natureza, installando-se na caverna; o homem historico constroe a sua habitação. O primeiro apodera-se da obra da natureza; o segundo faz uma segunda natureza, faz o seu ambiente.

O homem pre-historico utiliza-se da natureza primitiva quasi sem modifical-a: era então maior a acção do meio exterior sobre o meio interior. O

progresso mental e moral aperfeiçoou o homem e a acção do seu meio interno ou psychico foi sendo maior que a do meio exterior.

Cada vez mais dominador dos agentes naturaes pela conquista scientifica do globo, o homem vae agindo sobre a terra muito mais que esta sobre elle. O determinismo geographico vae soffrendo restricções avantajadas.

A engenharia — constructora ou sanitaria, — apparelha o homem para a modelação e remodelação da terra.

Pela engenharia, mas tambem pela hygiene, o homem realiza o corte dos isthmos de Suez e de Panamá, para conquista dos mares Orientaes e do Pacifico, transformando em ilhas a Africa e a America do Sul. Faz obra de construcção de continente, transformando o golpho de Zuyderzée em uma faixa de terra cultivavel. Perfura o granito das montanhas, o que equivale, para o problema da distancia, a removel-as. Torna possivel, em via de praticado, o tunnel sob a Mancha, annullando a condição geographica das Ilhas Britanicas.

Cada vez menos prevalece o prestigio do contorno e do relevo.

Os meios de expansão commercial, militar e colonizadora dos povos, revelam-se sob formas novas. O ar e os mares ficaram dominados pela aeronautica e pela submarinha. Cada vez menor a significação politica da insularidade. A condição geographica do archipelago britanico deixa de ser uma vantagem primacial do poderio militar da Inglaterra, tornada vulneravel pelo aeroplano, pelo submarino e pela colossal artilharia de grosso calibre e formidavel alcance.

A physionomia da terra — pelos seus recortes, reentrancias, depressões e saliencias — deixa de ter importancia decisiva, modificaveis que são as condições naturaes pela engenharia, dia a dia mais conquistadora. O proprio regime das chuvas, dos ventos e talvez mesmo das correntes maritimas, pode ser modificado sensivelmente, com influencia apreciavel sobre os climas da terra.

O HOMEM, COMO AGENTE GEOGRAPHICO, DOMINANDO A TERRA

A dureza das condições naturaes attenúa-se do meio rural para as cidades. Quanto menos

primitivo o meio, tanto menos rude, aspero, irreductivel.

Spengler, demonstrando que pela agricultura o homem transforma a "natureza hostil" em "amiga", convertendo-a em *terra mater*, sustenta que o homem superior é um "animal constructor de cidades". E a cidade, para o philosopho moderno, reproduz uma *natureza artificial.*

Essa artificialidade da natureza, que tem no nodulo urbano a sua expressão maxima, vae sendo conquistada pelo homem onde quer que elle cultive a terra. Com os artificios da cidade são neutralizados os obstaculos naturaes, diante dos quaes o homem soffre a pressão das forças naturaes ameaçadoras.

Substituindo a selva primitiva pelas culturas intelligentes, o homem educa, civiliza o mundo botanico. A planta é o ser intermediario ao mineral e o animal. O homem, como todos os animaes, directa ou indirectamente, depende della.

Senhor dos segredos agricolas, o homem realiza as grandes culturas pelas quaes attinge á abastança, á riqueza, á liberdade. E essas conquistas, possiveis de longa data de civilização, hoje facili-

mas se tornaram pelo auxilio das machinas agrarias.

Não é indispensavel, porém, que as terras sejam ferteis e generosas. E' precisamente nas regiões aridas ou semi-aridas, que é mais patente, edificante, convincente a formidavel acção domadora do homem em face da natureza.

Ahi nesses scenarios excelle esplendidamente a actividade humana, em sua funcção de agente natural ou geographico.

São as campinas da Terra Negra na Russia e a *puzta magyar;* são as campinas da America do Norte, transformadas pela actividade humana para as grandes culturas abastecedoras.

Vale por uma "lição de cousas", commovedora pelo triumpho do esforço humano, a recente fertilização do valle do Rio Colorado nos Estados Unidos. Desertos, aridos e safaros, entre a Costa-Sul da California e o Estado de Arizona, jaziam prados inuteis e inaproveitaveis, onde só medravam os cactos esqueleticos e sombrios. Drenado o rio Colorado para a irrigação do areal saharico, fertilizou-se prodigiosamente a região, onde vingaram victoriosas as culturas de laranjas, figos, tamaras, canna e algodão, a alegrarem a vida e a

paizagem, a accionarem a fortuna e a prosperidade. O deserto transformado em jardim! Os areaes reverdecem, florescem, fructificam, enriquecendo os que os exploram.

Nada mais expressivo do que esse quadro para fixar a acção modificadora do homem sobre a natureza primitiva e hostil.

EM PLENO DOMINIO DO GLOBO: A PROPHECIA DE BUFFON

Tendo entrado no theatro da natureza como elemento pouco activo, fez-se o homem, pelo seu aperfeiçoamento, o heroe dessa scena.

Agente natural, como o genio percuciente de BUFFON entrevira, é hoje o homem o grande dominador do globo. Penetrando a essencia da natureza, apossou-se de muitos dos seus segredos: adivinhou-a, desvendou-lhe mysterios, arrebatou-lhe sigillos, decifrou-lhe enigmas. E assim dominou-a.

Suprehendeu-lhe mysteriosos recursos. Como se a energia solar actual fosse insufficiente, foi-lhe buscar as reservas armazenadas na hulha que, soterrada ha millenios, liberaliza as radiações absor-

vidas pelas florestas prehistoricas, para o homem da civilização moderna utilizar e transformar. Descobriu agentes naturaes prodigiosos, como a electricidade e o radio, e applicou-os ás suas mais altas conquistas. E das ondas hertzianas tirou o recurso miraculoso com que se encurtam as maiores distancias.

Comprehendida a natureza, decisivo se tornou sobre ella o dominio do homem: fez-se elle o grande modelador da terra, neutralizando-lhe as acções hostis e as resistencias, imprimindo-lhe as directrizes do progresso e da evolução. E' o architecto do seu proprio mundo.

R a ç a

CAUSALIDADE ENTRE AS RAÇAS E A HISTORIA

Si a interpretação geographica da historia tem apaixonado a cultura contemporanea, dando ao *meio* uma amplitude desmesurada como factor predominante na evolução das sociedades humanas, muito mais dominadora dos espiritos vem se fazendo a interpretação anthropologica, que pretende achar, e explicar, um nexo de causalidade entre as raças e a historia.

E' velho, mas evidentemente caduco, o preconceito de desegualdade das raças, que teve em Gobineau o seu pontifice maximo, a cujos ensinamentos se escravizaram muitos fanaticos, acceitando como ponto de fé um determinismo racial regulador da historia.

Subordinou-se, ha cerca de meio seculo, o espirito scientifico e philosophico a esse dogma,

implantado precisamente numa idade em que a anthropologia ainda não havia entrado no plano de observação e experimentação, por que se deve orientar qualquer ramo de conhecimentos ligado á historia natural.

GOBINEAU E SUA INFLUENCIA

Desde a apparição em 1884 de seu *Ensaio sobre a desegualdade das raças humanas*, admittindo no mesmo momento historico a coexistencia de raças superiores e inferiores, pretendeu GOBINEAU firmar a importancia da pureza racial como determinante dos estados de civilização mais adiantados.

Teve assim a velha crença, que ha muito se apoiava na supposta inferioridade de certas raças, o seu maior instante de celebridade.

E GOBINEAU, querendo dilatar o alcance de sua theoria aos extremos das conclusões apressadas, aventurou-se a differençar, dentre os typos da raça branca, os que estariam destinados a ser conquistadores — os "senhores" e, os que seriam vencidos — "os escravizados"; differenciação de

que deveria resultar a caracterização das raças integralmente brancas ou aryanas.

Prevaleceu então uma phase de criterio anthropologico puro, applicado cruamente no terreno da morphologia comparativa, com grande prestigio dos caracteres physicos, anatomicos, anthropometricos.

Sob o imperio de taes noções, dominou a classificação de raças com base no indice *cephalico*, da qual resulta a creação do "grande dolicocephalo louro", caracterizado por LAPOUGE em 1896, e que tanta notoriedade grangeara com o predominio das theorias gobinistas.

Firmara-se no dominio dos estudos sociaes, com esse conceito precipitado de LAPOUGE sobre o aryanismo, a noção da superioridade ethnica e social dos dolicocephalos de grande estatura, por cujos caracteres physicos, e em funcção de um mechanismo de causa a effeito, estariam elles investidos da missão de nobres destinos nos acontecimentos politicos e sociaes, com a condemnação dos demais typos, declarados inferiores.

Escapa á indole deste trabalho analysar as consequencias moraes destas concepções, ousadas

e insustentaveis. Cumpre-lhe somente proclamar a decadencia dessas escolas, cujas theorias jazem hoje por terra, á mingua de base scientifica, repellidas por todos quantos se inspiram nos sãos propositos de estudo e investigação. Restam, apenas, em destroços, em certa mentalidade artificial, ingenua ou tendenciosa...

PUREZA RACIAL E SUPERIORIDADE DE RAÇAS?

Descriminem-se preliminarmente os dois aspectos da questão: o da pureza racial e o da superioridade das raças.

Não é possivel isolar raça alguma, cuja pureza e homogeneidade possam ser identificadas.

EMILE HENNEQUIN assim depõe a respeito: "A anthropologia demonstrou que, desde as mais remotas epochas, as raças são mixtas e de typos diversos; a historia, por sua vez, assevera-nos que não ha nações constituidas por uma só raça; todas ellas, dos egypcios aos assyrios, dos hebreus aos phenicios, dos hellenos aos latinos, dos aryas da India aos iranios, até dos chinezes ás populações prehistoricas da Europa do Norte, foram trabalhadas por conquistadores migratorios, alteradas por numerosos elementos ethnicos, que de cami-

nho foram assimilando, e alteradas ainda por obscuras tribus autochtones que submetteram e avassallaram, mas com as quaes tambem se misturaram. A analyse dos craneos, mumias, ossadas e dos mais antigos monumentos iconographicos, mostra-nos que em cada grupo social, por mais remotamente que avancemos, houve alguns typos somaticos distinctos". (*Analyse Sociologica*, pags. 65 e 66).

E assim corrobora EUGÈNE PITTARD: "Foi desde que as circulações humanas se tornaram intensivas, através dos continentes, que as raças primitivas se misturaram. Até ao mesolithico, a Europa occidental não conheceu senão os dolicocephalos, embora de typos diversos. A chegada dos primeiros brachycephalos perturbou profundamente essa relativa unidade. A partir desse momento — e as misturas se irão sempre accentuando — não é mais possivel, na Europa, falar de raças puras. Hoje, naturalmente, menos do que nunca". (*Les races et l'histoire*, pag. 20).

PRESTIGIO DO INDICE CEPHALICO

Vem de BLUMENBACH a opinião segundo a qual a raça coincide com a forma do craneo. Mas

é a Retzius que se deve a creação do indice cephalico, que tanto ha influido no estudo das raças e sua classificação.

Concepção muito prestigiada, que se tem infiltrado em grandes espiritos, o criterio baseado na relação das dimensões do craneo já vae sendo fortemente combatido. E nenhuma sentença tão concisamente o fulmina, como a em que J. Ranke resume seus profundos estudos sobre o homem: "Todas as formas de craneos que se notam na humanidade podem encontrar-se em qualquer povo e ás vezes até na mesma aldeia; ha uma mistura das differentes formas de craneos, em que os typos extremos se acham unidos entre si por uma serie de formas intermediarias" (Der Mensch, 1912, II, pag. 205, *apud Spengler*).

Escudado nessa citação autorizadissima, o philosopho allemão assim conclue: "Em realidade, a expressão racial de uma cabeça humana é compativel com qualquer forma de craneo. O decisivo não são os ossos, mas sim a carne, o olhar, o gesto, a attitude". (Oswaldo Spengler — *A Decadencia do Occidente*, 1926, III, pag. 184).

O indice cephalico, como base de classificação de raças, de tal modo obcecou os espiritos, que um

autor afamado, cujo prestigio nesses assumptos tanto valor lhes deu e tão poderosamente os tornou convincentes, chega a esta proposição audaciosa: "Il est, même pour le savant, très suggestif de voir que les destinées d'un homme ont dépendu de deux ou trois millimetres en plus ou en moins dans la longueur ou la largeur de son crâne". (LAPOUGE — *Les sélections sociales*, pag. 400).

A classificação das raças, calcada sobre a base dos caracteres somaticos, tem dado aos morphologistas autoridade exaggerada, que bem se exprime na excessiva importancia attribuida ao indice cephalico.

Porque o craneo abriga o orgão mais nobre da economia humana — o cerebro, alteado ao cume hierarchico na systematização das funcções da vida de relação, pode-se comprehender porque os anthropologistas tenham visado as medidas cephalicas para indice caracteristico das raças humanas.

Creando typos craneanos para diversificação das raças, desapercebem-se, entretanto, dos typos cerebraes ou psychologicos, que deveriam predominar; prepondera uma morphologia *à outrance*, em detrimento da noção psychologica que se deveria impôr.

O indice cephalico, reconhecido como o mais caracteristico traço racial, não tem significação senão como relação de dados anthropometricos, valiosa apenas para a classificação puramente anthropologica das raças.

CRANEO E CEREBRO

Em anthropogeographia, em anthroposociologia, em historia, em sociologia, porém, escasseia a importancia de tal indice, porque, no estudo da capacidade das raças, o que importa é o cerebro, isto é, a capacidade cerebral, e não o craneo.

Henri Berr reconhece que "a forma da cabeça, no curso da evolução, perde toda relação com o seu conteúdo"; "no craneo que não muda, o cerebro modifica-se".

Si, no dominio da historia e da sociologia, fosse o indice cephalico o mais expressivo caracteristico racial, teriamos de reconhecer que esse criterio duramente anatomico relegaria para plano inferior os caracteres physio-psychologicos que, com os morphologicos, constituem os elementos representativos das raças.

Oswald Spengler, sustentando que "os caracteres grosseiros do esqueleto já não têm significação propria independente", inspira-se na noção de que o conceito racial introduz, no typo humano, differenças que "transcendem dos elementos vegetativos e animaes, differenças que por serem espirituaes illudem ainda mais facilmente os methodos scientificos".

Abre-se assim uma via mais illuminada no terreno de indagação do factor maximo da evolução das sociedades humanas: a idéa, o elemento psychico, o factor espiritual, como determinante, como agente causal, por excellencia, da evolução historica.

MORPHOLOGIA PURA; DOMINIO DA ANATOMIA

Com orientação nitidamente materialista — distanciadas as noções de *forma* e de *funcção* — a sciencia das formas humanas ficou por muito tempo adstricta á morphologia pura. Assentava em crúa e rigida anatomia.

A anatomia, com os seus progressos, creara immenso prestigio e déra maior relevancia ás "partes solidas e figuradas" do organismo. O arca-

bouço osseo era, e ainda é, uma das bases das classificações humanas.

Dominavam, pois, num plano meramente estatico, os elementos physicos e somaticos para a classificação das raças humanas.

Em detrimento da funcção, preponderava a forma exterior.

Foi com GOETHE que surgiu, vagamente embora, a noção do typo biologico. A anthropometria dera-lhe impulso experimentalmente; a endocrinologia emprestou-lhe systematização mais exacta. Firmava-se, pois, a realidade dos typos humanos, a principio apenas com caracteristicos somaticos proprios e, pouco depois, com caracteres physiologicos e psychicos.

DA FORMA A' FUNCÇÃO; A TYPOLOGIA E A BIOTYPOLOGIA

De facto, VIOLA, creando a Typologia, assentava as bases de uma disciplina scientifica, em que se firmava a relação intima entre a forma e e funcção, adoptada a anthropometria como "base da theoria das constituições".

Fazendo a synthese das linhas de composição anatomica do corpo humano, que dão ao individuo suas "caracteristicas morphologicas essenciaes", conclue VIOLA que dependem da composição morphologica, por factos de correlação, as aptidões funccionaes, as tendencias physio-pathologicas, as predisposições individuaes. Assim consolidou elle a sua doutrina das "constituições individuaes".

Operava-se desse modo uma reacção contra a morphologia pura, estrictamente anatomica. Correlacionando-se o anatomico com o physiologico, mais logicamente encaminhavam-se taes estudos do dominio estatico para o dynamico.

Da anatomia á physiologia fôra dado um grande passo; da physiologia á psychologia, menor passo teria que ser dado. Passava-se da estructura á funcção, pelo criterio unitario e correlacional.

Baseados na "theoria das constituições" de VIOLA, NICOLA PENDE e sua escola fundam a biotypologia. E' o estudo do *homem-individuo*, opposto ao *homem-especie*. "E' a sciencia do typo humano vital", ou melhor, a sciencia dos biotypos humanos. O biotypo é uma synthese somatico-psychica. E' "a correlação entre *soma* e *psyché*",

assegurada "por meio dos systemas humoral e endocrinico".

Tal é o criterio morphologico-constitucional do typo. E esta noção de constituição alheia-se da noção de raças; independe até certo ponto dellas.

PENDE creou, baseado na theoria de VIOLA, uma sciencia da individualidade, muito mais scientifica, muito mais consentanea ao espirito philosophiço da epocha, muito menos materialista, muito menos adstricta ao materialismo naturalista integral.

MODERNA CONCEPÇÃO DOS HUMORES HORMONIOS

LUGARO, demonstrando a relação entre caracter e constituição e reconhecendo que os humores exercem acção sobre a constituição como sobre o caracter, reivindica para a chimica, em detrimento da anatomia, a solução do problema da individualidade. Para elle a anatomia não explica tudo. A chimica não póde deixar de ser invocada, "a composição dos humores valendo mais que a estructura cellular".

ARISTOTELES, filão inexgottavel de quasi todos os conhecimentos scientificos modernos, já entrevira a noção do mechanismo das glandulas de secreção interna. Com CLAUDE BERNARD, a physiologia experimental havia de dominar as sciencias biologicas no seculo XIX. Preparava-se então a technica que levaria BROWN-SEQUARD a dar corpo experimental áquella theoria.

E', hoje, dominio pacifico da physiologia, esse em que se reconhece o poder de certas glandulas animaes de secretarem substancias chimicas especificas que agem sobre determinados orgãos, regulando as suas funcções e o seu desenvolvimento. Resurge, á nova luz, a concepção dos humores. CHARLES RICHET, no Congresso Internacional de Medicina de Vienna, pontificou, em 1910, sobre "o humoralismo antigo e o moderno".

O consenso dos pesquisadores e sabios passou a acceitar que o typo individual, somatico e psychico, depende em grande parte das glandulas de secreção interna. Ficou reconhecido que os *hormonios*, elementos especificos activos, regulam o crescimento corporal e o desenvolvimento mental.

PENDE, tendo partido da theoria constitucional de VIOLA, assenhoreia-se da concepção das se-

creções internas e installa um conceito fundamental, segundo o qual a personalidade psychica de todo individuo depende da respectiva formula endocrinica.

Para KRETSCHMER a theoria das secreções internas fez renascer a antiga concepção humoral da alma. Segundo elle, os factores humoraes intervêm de uma maneira intima nas manifestações essenciaes da vida psychica.

REACÇÃO CONTRA A ANATOMIA PURA: A SIGNIFICAÇÃO PSYCHOLOGICA E ESPIRITUAL DOS TYPOS

A anthropologia fôra dominada pela anthropometria. A' morphologia descriptiva incorpora-se a morphometria; a craneometria á craneologia.

O prestigio dos caracteres descriptivos tivera sua maxima consagração na sentença de LORD KELVIN: "O conhecimento resulta sobretudo da medida. E o fim da sciencia é apprehender, entre os phenomenos, as relações que se estabelecem por numeros". Repousavam os espiritos na convicção de que "um compasso, uma fita metrica, um

apparelho qualquer de medida ou de photographia não têm idéas preconcebidas".

Preconizava-se um dominio objectivo rigoroso, onde os elementos subjectivos de erro fossem eliminados totalmente...

Prevalecia até então a morphologia comparativa. O indice cephalico, destituido embora de significação psychologica ou social, considerado era o traço racial por excellencia.

Iniciada a reacção anti-anatomica com VIOLA e PENDE, os factores humoraes pronunciam-se, prestigiados sob nova interpretação. A significação dos typos é physiologica, psychologica, espiritual; a synthese somato-psychica é feita. O criterio, para estudar o homem, é menos anatomico, mais funccional.

Socialmente considerado, o homem não é a raça; é o typo biologico; é o individuo no agrupamento social, na sociedade.

Forçoso delimitar as espheras de indagações e estudos sobre o assumpto. Imperioso fazer cessar a confusão de criterios scientificos. A anthropologia continuará a ser um campo meramente zoologico, com processos naturalisticos prevalecentes. Essa a anthropologia physica ou pura. Poderão

persistir, para esse dominio, os fundamentos classicos, anatomicos e somaticos. Cabe ao naturalista o zelo por taes pesquisas.

Esse criterio, porém, como esses methodos, não pode ser adoptado nas sciencias sociaes. Em sociologia não podem ser consideradas as raças zoologicamente.

Ao sociologo, ao historiador, ao psychologo perserutador da evolução dos povos, outra a rota, outros os methodos, outros os objectivos.

CONFUSÃO DE NOÇÕES: RAÇA E NACIONALIDADE

Lavra, até em nomenclatura adoptada por autores doutos, evidente confusão ao interpretar noções de raça, de povo, de nacionalidade, envolvidas impropriamente umas nas outras.

Para interpretação historica, o estudo do homem e das raças — menos anatomico, não exclusivamente biologico — tem de ser essencialmente sociologico. Não se enquadra na materia restricta da anthropologia physica. Esta é uma introducção áquelle thema: é-lhe um departamento propedeutico.

A concepção historica das raças é diversa: distinga-se raça, considerada como conjuncto de caracteres ethenicos, de raça, objectivada como instituição social.

Discriminar raças e nacionalidades.

HENRI BERR assim differencía: raças anthropologicas e raças historicas ou grupos ethnicos (povos, nacionalidades).

As raças anthropologicas — raças propriamente ditas — são factos ou productos zoologicos; as raças historicas — nacionalidades, povos — são productos sociologicos, historicos.

A raça representa a "continuidade dum typo physico", é um agrupamento material, com caracteres naturaes; o povo, a nação, são agrupamentos formaes, sem caracteres anthropologicos restrictos, produzidos pela historia.

SPENGLER, pretendendo entrever a "base para uma morphologia dos povos", leva ainda mais longe essa discriminação: "os povos não são unidades linguisticas, nem unidades politicas, nem unidades zoologicas, mas sim unidades espirituaes".

Dada embora a diversidade de orientação que porventura os separe, coincidem numa mesma synthese os pensamentos dos dois grandes philoso-

phos, do pensador francez e do pensador allemão, de HENRI BERR e de OSWALD SPENGLER.

Em ambas as concepções o elemento psychico, o elemento espiritual é invocado: BERR chega a sustentar que "a historia faz a raça muito mais que a raça faz a historia"; SPENGLER avança a proposição de que os povos, em relação á sua cultura, são, "não os creadores, mas sim as *creações* dessa cultura".

Prevalece ainda, entretanto, uma corrente que pretende, com puras noções de anthropologia physica, estudar a anthropologia social ou historica, admittindo relações causaes entre as raças e a historia.

Complexidade dos factores historicos

SUPREMACIA DAS FUNCÇÕES PSYCHICAS

LE DANTEC, que combateu o criterio individualista, influenciado nitidamente pelas tendencias cartesianas, entresonhou a concepção de uma mechanica universal, sustentando este axioma: "viver é lutar". Em que pese a autoridade do notavel biologista francez, seria talvez mais veridica esta formula: "viver é adaptar-se".

Para a vida impõe-se, no concerto das funcções organicas, o equilibrio dos apparelhos de defesa, de preservação, de adaptação.

Na luta universal da vida, não vence o maior nem o mais forte; vence o mais precavido, o mais bem apaprelhado, o mais apto, considere-se a unidade biologica ou a especie gregaria.

Bergson, compendiando com suprema visão de synthese philosophica a systematização dos apparelhos e funcções da economia humana, assim a apprehende: "... on pourra dire qu'un organisme supérieur est essentiellement constitué par un système sensori-moteur installé sur des appareils de digestion, de respiration, de circulation, de sécrétion, etc., qui ont pour rôle de le réparer, de le nettoyer, de le protéger, de lui créer un milieu intérieur constant". (*L'évolution créatrice*, pag. 135).

Ha por discriminar a defesa inconsciente ou automatica e a defesa consciente ou voluntaria: a primeira exercida pelo systema nervoso subalterno e a segunda pelo cerebro.

Ingenieros, em sua Psychologia, assim doutrina: "Numa sociedade humana, da mesma sorte que numa especie animal ou num ser vivente, as funcções psychicas servem para protecção de sua existencia; são funcções naturaes de adaptação ás condições do meio".

As funcções psychicas, por sua propria natureza, asseguraram ao homem a preeminencia por elle attingida na escala zoologica. O ser dominador não é o anatomicamente mais complexo e poderoso, nem o mais bem dotado de sentido, mas

sim aquelle cuja constituição psychica permittiu um progresso mais rapido, cuja funcção de defesa e preservação mais se requintou, cuja faculdade de adaptação mais se aprimorou, aquelle que adquiriu, emfim, pela força mental e moral o domino dos outros seres, das cousas e das forças da natureza.

A MÃO E A PALAVRA NO APERFEIÇOAMENTO PSYCHICO

A' excelsa preponderancia sobre a vida animal ergueu-se o homem pela sua qualidade de ser racional, pelo desenvolvimento da mão e da palavra, com a conquista da technica e da linguagem, elementos estimuladores e acceleradores do desenvolvimento psychico.

HENRI BERGSON assim raciocina: "Si nous pouvions nous dépouiller de tout orgueil, si pour définir notre espèce, nous nous en tenions strictement à ce que l'histoire et la préhistoire nous présentent comme la caractéristique constante de l'homme et de l'intelligence, nous ne dirions peut-être pas *Homo sapiens*, mais *Homo faber*. En définitive, l'intelligence, envisagée dans ce qui en paraît être la démarche originelle, est la faculté de

fabriquer des objects artificiels, en particulier des outils à faire des outils, et d'en varier indéfiniment la fabrication". (*Op. cit.*, pag. 151).

HENRI BERR demonstra a "contribuição da mão no desenvolvimento do psychismo" e assim accentúa a sua convicção: "A l'usage de plus en plus *intelligent* de la main répond un progrès de synthèse psychique, de clarté intérieure" (*Préface de "L'Humanité préhistorique"*, *par* JACQUES DE MORGAN).

Reconhece-se, por outro lado, que á linguagem estão ligadas as mais elevadas formas por que se manifestam as funcções psychicas, porque "o pensamento humano e a linguagem têm relações intimas". (COUTURAT).

BERR, inspirando-se certamente em BERGSON, amplia o postulado do grande philosopho, attribuindo a importancia maxima á linguagem: "C'est parce qu'il est homo faber, mais encore bien plus parce qu'il est homo loquens, que l'homme est homo sapiens". (*Préface de "Le langage"*, de J. VENDRYES).

Alçada a mechanica ao seu fastigio na industria moderna, com o aperfeiçoamento da ultra-technica, sempre avançando e differenciando-se, são

dia a dia mais sensiveis os progressos da aptidão manual e cada vez mais poderosa a sua influencia sobre o homem e seu psychismo.

Paul Lacombe, numa obra tornada celebre, põe em relevo a influencia das grandes invenções sobre a evolução da humanidade.

Si não ha uma lingua universal, facilmente manejaveis já se tornaram certas linguas, usadas como instrumentos de comprehensão entre os homens. Firmada está uma linguagem internacional, para a interpenetração mental, para intercambio commercial, para ajustamento dos interesses dos povos.

Com a acquisição do progresso mechanico, com a assimilação do pensamento que exsurge e se amplia em todos os quadrantes, as funcções psychicas ennobrecem-se dia a dia, tornando o homem civilizado cada vez mais senhor do meio e de suas forças.

A INTELLIGENCIA MODIFICA A RAÇA

O psychismo constitue o apparelho maximo de defesa e de adaptação consciente, nas suas modalidades singular ou collectiva, individual ou social.

E' o agente da funcção preservativa, na sua magna amplitude social, capaz de neutralizar, ou pelo menos attenuar o imperio do meio envolvente, o determinismo natural, grosseiro e cego.

A reacção psychica exerce-se em resposta ás forças brutas; a intelligencia, que, como vimos, modéla o meio, é a grande modificadora da raça.

E' obra quasi divina a da selecção artificial, intelligente, voluntaria, a ser exercida pelo homem, que tantas mostras já deu de efficiencia na transformação aperfeiçoadora de especies vegetaes e mesmo de especies animaes.

Os animaes não são rigidamente inflexiveis ás influencias modificadoras. A malleabilidade das especies vegetaes, a que as demonstrações de Hugo de Vryes deram uma sancção magistral, reveste-se hoje das caracteristicas de uma verdade biologica irreplicavel, com grande influencia no dominio dos estudos da evolução.

Orientado pelas novas directrizes da zootechnia, o homem vem de ha muito modificando, no sentido de melhoral-as, muitas especies de animaes. A cultura da propria especie, entretanto, fôra por elle relegada a plano secundario, para não dizer que della absolutamente não cuidava.

Com o advento da puericultura despertou na cogitação do homem o senso da cultura da especie. Mas foi com a concepção da eugenia que essa ordem de idéas entrou na sua mais sabia systematização.

Desapercebido do virtual poder modificador sobre o elemento ethnico, viveu o homem alheado do desenvolvimento e do resguardo da propria especie. Soffria elle, impiedosamente, a acção de factores maleficos, que não dependiam do meio mas corriam por conta deste, a actuarem desastradamente sobre o proprio ser e, ainda mais, compromettendo a geração da especie.

A IDÉA E O PROGRESSO HUMANO

Aberta uma nova éra para a humanidade, a transformação organica, anatomica, somatica do homem, num sentido de correcção e aperfeiçoamento physico, far-se-á pela cultura da raça, sobre bases racionaes e scientificas, subordinadas naturalmente ás leis moraes que revelam a sua vida racional e superior. E esta ultima, isto é, o elemento mental, o factor psychico, a idéa, emfim, fará a sua obra de progresso, apparelhando melhor o homem

e tornando-o cada vez mais apto a subtrahir-se á acção nociva do meio, desenvolvendo-lhe os recursos de defesa e preservação contra os disturbios impostos pelo imperativo ambiente.

Attingido, porém, o progresso do homem como ser biologico e como ser psychico, não estará integralizada a obra de cultura da especie sem o aperfeiçoamento do ser moral.

Dentro do ambito das leis biologicas, não encontra o homem a sã inspiração para uma exacta moral da vida. Sobrepairando ás espheras da vida organica e da psychica, deverá imperar a moral religiosa, unica capaz de se integrar á personalidade consciente.

O progresso ethnico e psychico de dada raça, ou melhor, de cada nacionalidade, não decidirá da sorte de sua civilização. Não mais prevalecerá a cultura que se não apoiar em sã moral; mas a sã moral politica não poderá ser senão uma superestructura, architectada sobre a base de uma moral religiosa, intrinsecamente integrada á consciencia da nação.

A humanidade civilizada atravessa neste momento uma crise grave no dominio subjectivo das suas instituições politicas, chamem-se dynastias,

democracias ou soviets. E' a que resulta da lucta entre os elementos componentes sociaes, gerada pela irreligiosidade moderna com o sacrificio dos principios da justiça.

D'ahi uma ancia de espiritualismo, de idealismo, de religiosidade, que trabalha o pensamento do seculo, emquanto o sentimento das massas estremece estrepitosamente, em arrancos que sobresaltam, pelas reivindicações e pelos supremos ideaes de justiça e de liberdade.

IMITAÇÃO COMO FACTOR DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA

Aos que attribuem ao material ethnico uma inamolgabilidade irreductivel, escapa a observação dos phenomenos de transformação operados por força dos contactos sociaes.

A imitação, faculdade biologica e social, é um dos poderosos factores das transformações dos povos.

No dominio biologico, prevalece a explicação lamarckeana, segundo a qual o mimetismo seria, em certos casos pelo menos, o resultado de uma imitação prolongada e fixada pela hereditariedade.

O mimetismo social, definido por Tarde, é um facto demonstrado sempre que os grupos humanos-se põem em contacto.

Resulta, pois, na mechanica das actuaes forças sociaes, ser o homem solicitado por dois agentes: um estatico — a hereditariedade; outro dynamico — a imitação.

Tarde aponta a imitação-moda, a agir sobre a imitação-costume.

Os costumes são habitos mentaes que a sociedade por imitação adquire collectivamente. Podem ser uteis ou nocivos, moral ou materialmente consideradas a vantagem e a nocividade. A' cultura moral e á mental, cabe discernir entre a virtude e o defeito.

Na efficiencia da modelação do typo moral e intellectual, pois, intervem decisivamente a acção coercitiva das leis inspiradas pela moral e pela sciencia e exercidas pelo direito, que dita costumes novos, com uma finalidade immediata, tal a de impellir a raça no sentido de sua propria protecção e adaptação ao meio.

NIVELAMENTO DO COSMOPOLITISMO

A noção de caracterização rigida das raças exclue, na objectividade de seu falso conceito, o phenomeno de contactos sociaes, de approximação dos povos, que a civilização cada dia mais accentúa.

A desegualdade dos povos seria a funcção do isolamento a que elles por ventura estivessem sujeitos ou condemnados. Porque, na civilização contemporanea, typicos nos seus costumes e aspectos sociaes são apenas aquelles que, por obstinação atavica ou por indesataveis vinculos religiosos e tradicionalistas, se alheiam systematicamente do internacionalismo envolvente.

As migrações são os factores mais prementes do cosmopolitismo.

E' a assimilação dos costumes, das idéas, dos gostos, das tendencias; é a invasão das modas extrangeiras, dentro de cada nação, modificando a physionomia dos povos.

São as relações internacionaes facilitando a interpenetração commercial, intellectual, politica, religiosa, social. Na hora presente assistimos á ir-

radiação das idéas de reformas sociaes ultra-avançadas, como o fascismo e o communismo, que illustram a asserção retro em uma das suas affirmações, pois que seria ocioso insistir quanto ás demais.

E' o cosmopolitismo nivelador.

Tudo força a approximação mental e social dos homens, pela linguagem e pelas aspirações do progresso.

As forças economicas cada vez mais exigem coordenação unificadora; as reservas humanas dia a dia mais carecem de fraternidade. A moral egualitaria, equitativa e realmente humana, impõe-se poderosamente, de epocha para epocha, no scenario da vida contemporanea. Pelas acções e reacções psychicas, alarga-se a tendencia a nivelar os homens, derrubando as fronteiras demarcadoras, que as ficções do direito internacional corporificam e condicionam.

THEORIA DAS "NECESSIDADES"

Complexa a causalidade historica, temerario qualquer juizo exclusivista e unilateral.

A' influição empolgante das idéas de Emil Durkheim, assentando as bases da sociologia que se diz positiva, muitos espiritos dados á meditação não puderam escapar.

Parallelamente á acção psychica transformadora, impõe-se a noção das "novas necessidades" resultantes da densidade demographica.

Procurando estabelecer as relações entre as necessidades sociaes e a estructura das sociedades, Durkheim na sua theoria pretende que as instituições se transformem de accordo com a densidade e o volume das sociedades.

Encarando-se os factores de transformação, de evolução social, desvenda-se cada vez mais intensa a reacção contra o determinismo natural, bruto e fatal. Para plano secundario decahem os suppostos imperativos de meio physico, de clima, de factor geographico, de material ethnico. A necessidade social, o elemento economico, o factor juridico especifico, não podem, singularmente, ser indicados como causas exclusivas do impulso propulsor das sociedades humanas.

COMPLEXIDADE CAUSAL: O FACTOR PENSANTE E' O GRANDE FACTOR

Evidente a complexidade da causalidade historica, não pode prevalecer criterio exclusivista. A causas multiplas, factores universaes, a concorrerem na marcha evolutiva dos povos, sobrepaira o factor psychologico, reagindo sobre os demais, neutralizando-os ou impellindo-os. A cultura complexa, a educação, em uma palavra, seria o agente impulsor do psychismo, no dominio mental, e do aperfeiçoamento moral.

A' exclusividade dos conceitos deve substituir-se o criterio que repilla o imperio das contingencias materiaes e a acção singular dos factores de ordem moral.

Não se devem conceber fatalidades imprescriptiveis; não se temam imperativos implacaveis, a estorvarem, inexoravelmente, a marcha do progresso das nacionalidades.

A hygidez de corpo e de espirito — riqueza intrinseca da raça, a vitalidade economica — ri-

queza material, são productos da intelligencia dos povos, cultivada no sentido do progresso e do bem.

A idéa — a idéa sã, moral e scientificamente — é a força maxima, modificadora da raça, corrigindo o meio physico e a elle adaptando o homem, que as funcções psychicas defendem, preservam e aperfeiçoam.

A educação como factor historico

INFLUENCIA DO HOMEM SOBRE A RAÇA

Para a historia, o problema da raça tem de ser aclarado á luz de novos conceitos. Desloque-se, pois, a questão. Deixe-se a anthropologia pura, como dominio biologico, a estudar as raças com criterio naturalista.

Mas attenda-se a que a raça, em sciencia social, deve ser em realidade considerada como "conjuncto de caracteres morpho-physio-psychologicos". Invoque-se a correlação unificadora, em que as secreções internas exercem influencia decisiva e synthetica. E considere-se que a anthropologia psychologica experimental é essencialmente endocrinica.

As raças, caracterizadas anthropologicamente com indispensavel rigidez metrica, socialmente são

plasticas, psychologicamente sujeitas ás influencias modificadoras. E' a evolução por selecção conscientemente exercida scientificamente pelo proprio homem.

Hoje, menos póde a raça sobre o homem, do que o homem sobre a raça (o homem apparelhado, entende-se).

As transformações maximas operadas nas raças, no sentido sociologico ou historico, nenhuma modificação propriamente ethnica exigem ou acarretam.

O CASO JAPONEZ — PADRÃO MAXIMO

O exemplo do Japão é o que mais suggestivamente illustra este thema: ha 60 annos o Imperador Mutusahito resolveu educar o seu povo para transformal-o. Uma grande convicção, uma fé inspiradora, uma intuição quasi divinatoria pareciam illuminal-o. Com a educação generalizada, arrancou o seu povo do feudalismo; fez do seu paiz uma grande potencia militar; transformou a sua nação em centro dos maiores estudos scientificos; deu-lhe uma grande riqueza, que centuplicou em quarenta annos.

Todos os observadores e estudiosos das cousas do Japão são accordes em attribuir á acção educativa essa transformação realizada no famoso archipelago. Nenhuma modificação de ordem anthropologica se teria operado nesse periodo de Renascença. "Ces modifications modernes, profondes, dans la vie sociale du Japon, s'associent-elles avec l'arrivée d'un sang étranger? Nous savons bien que *non* et qu'il n'y a, pour expliquer ces événements formidables, aucune raison ethnique particulière à rechercher, aucune substitution des races à imaginer". (PITTARD — loc. cit., pag. 496-7).

Não se pode invocar maior argumento do que esse. E' o golpe decisivo nas theorias que presumem superioridade de povos por superioridade de raças. Pode haver raças superiores e raças inferiores, sociologicamente fallando; anthropologicamente, a differenciação é muito menos nitida, menos segura.

Emquanto o japonez, com predicados physicos inalterados, sem affluxo sanguineo extrangeiro, sem modificação ethnica alguma, se alça exclusivamente pela educação ás culminancias do mundo moderno, outros povos do Oriente, da mesma raça, que permanecem na incultura, rastejam

na inferioridade social e politica; ao passo que povos oriundos de raças consideradas superiores, não trabalhadas por essa cultura que dignificou o Japão, permanecem numa condição de inferioridade contrastante, em parallelo desfavoravel diante do Imperio do Sol Nascente.

A ACÇÃO EDUCATIVA MODIFICA ORGANICA E FUNCCIONALMENTE O HOMEM

A's concepções modernas da pedagogia physiopsychologica, como factor de transformação humana, no sentido sociologico, a doutrina da endocrinologia jorra nova luz e crêa novos conceitos. Esplanada ficou a influencia das secreções internas sobre a base da personalidade psychica. A importancia maxima dos factores humoraes, no conceito hormonico moderno, é decisiva nas manifestações da vida psychica, a que se podem, a que se devem attribuir todos os aperfeiçoamentos culturaes de qualquer povo. A educação, como processo transformador das nações, agindo physiopsychicamente sobre as raças, surge-nos ao conceito da endocrinologia. Esta disciplina, interpretada pela noção chimica dos humores, dá-nos a con-

cepção mais avançada da educação, que nem a anthropologia, nem a propria psychologia experimental, nenhuma dellas, até pouco tempo nos poderia esclarecer. As mais nobres funcções da economia humana, em sua base physiologica, são reguladas por glandulas, cujo producto de secreção se representa em proporções outr'ora imperceptiveis aos processos de investigação.

A acção de taes elementos, artificialmente provocada, reintegra os organismos na normalidade, por processos curativos, cirurgicos ou medicamentosos, restaura a funcção alterada ou desperta-a quando adormecida. E' um capitulo novo na pratica da transformação do homem, com elementos muito mais positivos que os raciaes até pouco tempo tão encarecidos.

EDUCAÇÃO — FACTOR ESSENCIAL

Era o homem, outr'ora, estudado através da raça; hoje, a raça deve ser estudada através da historia.

As raças não são montagens inteiriças, formadas de peças soldadas, inamolgaveis, indesmon-

taveis, insusceptiveis de transformação. As raças são typicas anatomicamente; psychologicamente, não.

Os typos psychologicos differenciam os homens numa hierarchia mental, que orienta a transformação das nações pela educação, pela cultura, pela conquista de um "estado social" avançado.

Nas nacionalidades não ha unidade anthropologica, mas deve haver unidade psychica. A estructura cerebral não offerece barreira á transformação mental dos homens, independentemente de contingencias raciaes. A educação é o factor maximo de transformação historica das raças, traçando as directrizes das nacionalidades.

PRIMEIRA PARTE

O homem em face da Natureza

I — No "Reino das Náiades"

II — O homem amazonico

III — A terra amazonica: sua exploração e sua economia

No Reino das Náiades

A opinião critica — precipitada, tumultuosa, claudicante pela deficiencia de analyse e observação — tem oscillado sempre, ao definir a região amazonica, entre os arroubos de exaltação optimista e os libellos de um pessimismo fulminador. D'ahi, duas definições antinomicas exprimirem, em formulas syntheticas, o radicalismo desses juizos extremados: Inferno verde ou Paraiso verde.

Nem inferno, nem paraiso.

A enormidade immensuravel, os latifundios inviolados, as impervias terras sem dono, toda essa vastidão territorial illimitada, que dominam selvas espessas e interminas, projecta-se num babylonismo suggestivo, até á mente dos que de longe observam, envolvendo-a na duvida, no mysterio, no terror.

Desse erro de visão atordoada, sobresahem as lendas, as fabulas, as superstições, toda essa trama

de percepções erroneas e deformadas, que a ignorancia e o pavor inspirado por taes paragens phantasticas entretecem no cerebro dos observadores longinquos e desavisados.

Para quantos ousam palmilhar a região, se não um erro de visão, certamente um disturbio perceptivo se processa, á excitação do *tonus* da vida hyperactiva, exagerada, intensa, com que toda natureza ambiente envolve os sentidos e os domina.

Por isso ficam os forasteiros perplexos ante o esplendor da natureza opulenta e grandiosa, que se esboça nas linhas imprecisas, mal definidas, fugidias da paizagem em seu conjuncto panoramico. E, ao assalto dessas sensações irrompe a explosão lyrica, inspirada pela fascinação do colorido, gerando um superlativismo contagioso, emphatico, rhetorico, que contamina quasi todos os descriptores desses scenarios.

Em sã verdade, a região é mal vista, pouco conhecida, erroneamente interpretada. Persiste indecifravel, mas desastrosamente deturpada na significação de sua essencia, de seus attributos, de seus recursos. Evidencia-se, porém, á claridade meridiana, que é lidimamente compativel com a

vida humana, dotada de prodigioso poder assimilador sobre o homem, a ella accommodado por um mechanismo de adaptação espontaneo, mau grado as asperezas, as rugosidades, as cruezas de uma natureza virgem e bravia.

Com a insciencia a respeito do *meio*, paira na consciencia dos criticos uma ainda mais nociva ignorancia á cerca do *homem*. E na qualificação summaria dos dois factores, em synthese historico-philosophica, correlacionados pela noção seductora, fascinadoramente empolgante da anthropogeographia, um postulado incontrovertivel divulgou-se, ao consenso quasi unanime dos sentenciadores apressados, em detrimento do agente racial focalizado: á magnitude da natureza contrapõe-se, humilhante, a pequenez humana.

A riqueza, a opulencia, a exuberancia da terra são interpretadas como expressões de uma natureza prodiga, perdularia, accessivel a quantos lhe pretendam arrancar recursos de vida, para comparticiparem de tão apregoada fartura. E á fecundidade dissipadora da terra oppôr-se-ia — na interpretação de taes criticos — a insignificancia da capacidade humana, precaria, exigua, periclitante.

A terra é farta, mas difficilmente penetravel, quasi fechada ao homem; opulenta, mas barbara; uberrima, mas não dadivosa. E' riquissima, mas avara.

A floresta inculta e bruta — a *selva selvaggia* — é o theatro de uma vida hypertensa, febril, estrepitosa, em cujo turbilhão se debatem as especies mais variadas e mais abundantes.

Imperam alli, no intrincado de exemplares vegetaes entretecidos em labyrintho quasi fechado, os concurrentes ferozes de uma lucta cruel de morte, cujo symbolo dramatico encarna o *apuhyzeiro* lendario, titanica allegoria a ostentar impudicamente os braços tentaculares, que estrangulam majestosos troncos seculares e acolhedores.

A matta, a avaliar por sua physionomia propriamente botanica, é um mundo florestal em pleno superpovoamento, incrementado pelos factores extrinsecos, causaes de sua pujança e de sua aggressividade, qual a temperatura e a humidade, a prevalecerem sobre um solo eternamente humoso por acção fertilizante da bacia potamica, em fluctuações periodicas e rythmadas.

Nessas terras perennemente humedecidas pelas infiltrações do oceano de agua doce que as ba-

nha, as formações hydrophilas implantaram o seu paraiso.

E' o "Reino das Náiades", personificações dionysiacas com que o pantheismo de Martius, numa evocação mythologica, baptisou as especies primaciaes da flora amazonica, para dar á natureza selvatica o perfume suave dos mythos hellenos, com as creações fabulosas, filhas de Zeus, moradoras nas florestas magnificas; nymphas de belleza resplandecente a brilhar no espelho dos lagos e das fontes, que repousam nas campinas verdejantes ou deslisam na corrente murmurosa dos regatos, correndo por sobre leitos de rochedos.

São as mattas virgens typicas dos grandes valles, nas quaes preponderam as hydrophilas, em excessiva riqueza de especies vegetaes, formando os bosques sombrios, soturnos, cheios de silencio e de mysterio, nos terrenos alagadiços e brejosos. A vegetação entrelaçada é ahi tão bastamente densa, que arma contra o homem uma trincheira difficilmente expugnavel. O copado do arvoredo é compacto pelo emmaranhamento dos ramos de umas ás outras arvores. As lianas innumeraveis, sarmentosas ou trepadeiras, reforçam esse tecido dos bosques. Taes cipós, de caules ás vezes ex-

tremamente grossos, são liames que ainda mais estreitam e adensam esse entrelaçamento. As epiphytas abundam. As parasitas alastram-se invasoramente. E todas essas plantas, na mais caracteristica e desenfreada lucta pela vida sobre um solo botanicamente superpovoado, armam uma tessitura infrangivel, que torna espesso, hermetico, cerrado, quasi impenetravel o sub-bosque no seio da floresta.

E' a selva primitiva, rustica e selvagem, numa orgia de vida desordenada, estuante de força bravia, sem methodo nem disciplina, ameaçando o homem, que se lhe approxima, com a brutalidade da desproporção.

Offerece ella uma resistencia perenne, em defensiva aggressora, montada por incomputaveis plantas solidarizadas contra a invasão humana, a penetração humana, a destruição humana e civilizadora...

E, a completar esse tremendo apparelhamento de defesa, em attitude offensiva permanente, milhões e milhões de insectos aggressores e vulnerantes.

O homem só, escoteiro, sem guia; sem saude nem cultura; sem defesa nem protecção; sem preparo nem previo trabalho adaptativo, o homem do Amazonas campeia naquelles scenarios como um gigante, inconsciente de sua bravura, a afrontar, e a vencer, a natureza hostil e aggressiva.

Foi o violador de um mysterio geographico; foi o desvirginador dessas mattas sombrias; foi o decifrador do enigma em que a natureza dissimulou os riscos mais temiveis sob a apparencia imponente da mais fascinadora obra da creação.

Assim, pois, define-se a juxtaposição dos contrastes: a natureza primitiva da planicie amazonica, pelo encanto lendario das suas selvas e apparato oceanico de suas aguas fluviaes, tem sido motivo esthetico fartamente explorado pelos versadores da apressada e infiel litteratura de viagens. E' uma divindade ante cujo altar todos os thuribularios reverentes se inclinam, ungidos de contricção quasi religiosa.

O homem do Amazonas traz o estigma aviltador que o obscurece na qualificação ethnologica brasileira. E' um anathematizado: indigno da grandeza da terra que lhe coube. Assignala-se,

nos quadros de anthropologia social, como um padrão negativo, eliminavel, se não eliminado, das perspectivas previsiveis no evolver das sociedades humanas.

A natureza physica não age directamente sobre o homem, mas por intermedio do meio interno, psychologico-physiologico. Dest'arte projecta-se, no meio interior humano, o meio exterior, physico ou cosmico.

Como vimos nos capitulos iniciaes desta obra, não se comporta o homem como um elemento passivo, senão na condição primaria de cultura e civilização. A subordinação servil á natureza é contingencia do ser primitivo. O homem civilizado tem a faculdade physiologica e psychologica de se adaptar ao meio, desde quando este, por excessivo rigor thermico, não aberre das condições compativeis com a vida humana.

A adaptação é uma resultante de dupla acção entre o ser e o meio: de um lado, o organismo procura adaptar-se ao meio; doutro lado, o organismo esforça-se por adaptar, a si proprio, o meio exterior. Desse systema de interacções, resulta o phenomeno de adaptação, sempre que as excitações

provindas do exterior não sejam muito intensas, capazes, portanto, de ser modificadas por força do estimulo interior.

Da intensidade das excitações exteriores e da qualidade do estimulo interior, depende o phenomeno biologico da adaptação. E digo biologico, e não social, em tratando do meio amazonico, porque ahi sente o homem, em torno de si, o vacuo aberto por uma sociedade rarefeita, desaggregada, desarticulada, emfim E' alli o homem quasi sempre um solitario.

E' grande e prodigiosa a assimilação exercida pelo meio sobre o homem, que se amolda de modo incrivel ao rigor ambiente. Elle integra-se na rijeza, na ferocidade da natureza. Tudo soffre, tudo affronta, sem temor nem queixa. Descalço, não se lhe dilaceram os pés á aggressão dos espinhos afiados; anesthesiada traz a pelle que é uma couraça ás farpas vulnerantes dos insectos. Transpõe os charcos com a despreoccupação de quem pisa macias alcatifas; ingere o que de mais agreste se lhe offerece ao paladar quasi embotado ou, si imperioso, supporta o jejum com indifferença fakiriana; dorme, despreoccupado e insensivel, exposto ao tempo, ao sereno, ao relento.

A qualquer investigador nunca será possivel prefigurar, antes de haver experimentado, o que de difficuldade, de dureza, de violencia aggressiva oppõe ao homem a vida no interior do Amazonas. Afigurar-se-ia incrivel, a quem não conhecesse a realidade, que se pudesse alguem accomodar a tanta aspereza, á crueza inhospita dos elementos do meio. Mas a accomodação vem mais depressa do que se possa suppôr; e o homem, isolado do resto do mundo, vive alli como se este não existisse.

O caso do Capitão Hoeffner, tornado classico, não é o unico de um europeu que durante algumas decadas vivesse no interior do Amazonas, sem retornar ao seu continente. Outros muitos, igualmente de habitos civilizados, alli se adaptam perfeitamente, e, de tal modo ficam identificados com o meio que — e desses registram-se casos absolutamente authenticos — transferidos definitivamente para a Europa, com as vantagens de aposentadorias rendosas, vão lá soffrer a nostalgia daquelles silencios e daquellas plagas selvagens, a qual só se cura com o retorno áquelle mundo de aguas oceanicas e de florestas gigantescas.

Não se faz mistér pôr em equação a incognita: ella está decifrada. Si em quasi todo o Brasil

é manifesto o desequilibrio entre o territorio e a população, a traduzir-se numa formula destoante da que regula o rythmo normal, no Amazonas a aberração orça pelo desproposito.

Terra deserta, por ser povoada.

Afigura-se muito aggressiva e indomavel. Não ha, em verdade, uma aggressividade real, especifica e caracteristica da terra: o homem é que se torna muito vulneravel pela insufficiencia numerica. Não está em causa a qualidade da terra, mas a quantidade da gente.

A terra não é insusceptivel de ser domada; apenas ainda não o foi, porque o factor humano é minimo, escasso, mas não incapaz.

Essa terra não é inferno nem paraiso; não é terra mysteriosa nem terra paradoxal: é simplesmente uma terra lastimavelmente fraudada e saqueada.

Primitivamente salubre, saluberrima, polluiram-n'a com a contaminação de males exoticos e evitaveis; rica de minas de "ouro liquido", foi violada: as heveas mutiladas, sacrificadas ao furor dos que as exploraram inconscientemente e impie-

dosamente; a sua riqueza piscosa, sacrificada pela deflagração da dynamite; a reserva farta de chelonios proprios á alimentação (tartarugas) compromettida pelo assalto ás covas de postura de ovos nas praias; habitada por gente sã, reduzida em numero e parca em civilização, abre-se a uma colonização doentia, de homens physiologicamente miseraveis e indigentes de cultura.

Assim installou-se-lhe no organismo em desenvolvimento uma decadencia precoce, caracterizada pela annullação da vitalidade do homem e pelo depauperamento das fontes de riqueza. Um e outros soffreram lesão em sua capacidade de producção.

Foi uma terra que attingiu a decrepitude em franca adolescencia. O engenho destructivo lesou-a em pleno periodo de juventude, mallogrando-lhe o surto incipiente de potencia geradora. Entrou em crise antes de perfeita formação. Decahiu antes de alcançar a maturidade. Envelheceu na plenitude da mocidade. E' uma terra precocemente valetudinaria...

.... E só agora, por entre os escombros de uma grandeza em puro viço mallograda, chega

o observador retardado, que entra a estudar a terra sem conhecer a sua historia nem os factores do desastre em que se ella afundou, pretendendo apenas adivinhar os mysterios de uma grandeza mal aproveitada, incomprehendida, abortada...

O homem amazonico

O NATIVO E O ADVENTICIO

Discriminam-se nitidamente, ao encarar-se a população amazonica, os elementos nativos e os adventicios — os *caboclos* e os *cearenses* (expressão esta que abrange os nordestinos em geral).

Oppõem-se, quasi sem interpenetração osmotica, as duas correntes de sangue humano — a autochtone (caboclo amazonico) e a immigratoria (caboclo nordestino).

A osmose sanguinea pouco se tem operado entre ellas. E, quando a fusão ethnica se dá entre esses dois exemplares de raça cabocla, ainda mais sobresahem os attributos que lhes são communs, influenciados pela incultura em que vivem immersos.

As duas correntes mantêm-se na equidistancia do cume da civilização avançada, situadas em regiões distantes e em sociedades differenciadas.

Encorajado pelo surto explorador das primeiras conquistas, que os *retirantes* da secca de 1877 começaram a celebrar, atirou-se o nordestino com arrojo incrivel através do immenso valle amazonico, varando-o até as suas extremas coordenadas.

Guiado talvez por instinctivo impulso de aventura, desprezou as regiões dos baixos rios, que continuaram a ser o "habitat" da população indigena, penetrou os altos sertões e violou-os até as linhas imprecisas de suas fronteiras ainda mal traçadas. E, no alvoroço de ambição de posse, crendo-se descobridor daquellas plagas, disputou ao extrangeiro invasor uma immensa faixa de terras, desertas mas encarecidas por encerrarem em seu seio humido as *minas* de "ouro liquido". Não usurpou; conquistou para possuir e poz-se então a explorar os veios fartos d'onde jorrava um leite vegetal que se transmutava em ouro. Por isso, o nordestino nos sertões do Amazonas fez-se seringueiro; só seringueiro e nada mais.

Afagado pelas prodigalidades de uma natureza perdularia, que as leis economicas reconhecem como causa entorpecedora do progresso, o amazonico deixou-se abandonar no pouso sombreado e pacato, que, á beira dos lagos e dos paranás remansosos, lhe dava os meios de vida e de subsiscia, embotando-lhe o sentido de novas aspirações. Quedou-se, tranquillo e rotineiro, nas mais baixas regiões, encarando á distancia, com olhar indifferente, as seducções de bellas terras, ricas e attrahentes, mas longinquas. . .

Definiu-se dess'arte uma tacita opção entre os homens quanto ás regiões por habitar: o caboclo nordestino fez-se o desbravador das terras novas, isto é, recem-descobertas, o desvirginador dos sertões do Alto-Amazonas; foi um elemento innovador da ordem social, trouxe novos costumes, adquiriu outros que a vida da região impoz. Renunciou á lavoura, de que penosamente vivera na terra das seccas, e entregou-se exclusivamente á industria extractiva. O homem do "nordeste" é o "seringueiro do Amazonas". E' isso, só isso; nada mais quer ser. Nesse exclusivismo atravessa tres decadas, para ao fim desse tempo ensaiar o amanho da terra amazonica.

Ao caboclo amazonense restaram as regiões por elle secularmente occupadas e exploradas, no Baixo-Amazonas, onde fôra perpetuando os habitos ancestraes, na estagnação de uma vida inerte que herdara dos paes e que veio legando aos filhos.

Os accidentes do tempo, através de uma supposta evolução dos habitos regionaes, não têm registro entre essa gente; não ha progresso nem regresso; a tradição e a rotina perduram como formas de preguiça, de inercia mental.

Os caboclos abandonaram dia a dia a industria extractiva, que exerciam em pequena escala nos primeiros tempos da borracha; transferem aos nordestinos a tarefa de assaltar as seringueiras e quédam, sem ambição, na placidez de uma vida sem aspirações, entregues á monotonia da pesca da tartaruga, lenta e fastidiosa, á tactica subtilissima da pesca do peixe-boi, ou á caça mais movimentada do pirarucú e outros peixes, fazendo apenas a lavoura rudimentarissima da roça de mandioca.

DIFFERENCIAÇÃO ETHNICA

O caboclo amazonico distingue-se fundamentalmente do nordestino: o do extremo septentrião

differe do caboclo das chapadas do nordeste, no physico e na mentalidade.

Anthropologicamente, o caboclo amazonico é muito mais indio, muito mais americano do que o nordestino. Neste, vasou-se certa dose de sangue ethiopico, ao passo que a fusão indo-arica, quando se dá na planicie amazonica, é mais pura e, pode-se dizer, exclusiva.

Na sua grande massa, maxime nas regiões do interior, os caboclos amazonicos são aborigenes authenticos, sem fusão nem mescla; são filhos de indios ou são indios amansados.

Muitas gerações se têm succedido, distanciando-se ás vezes do indio-avô quanto á condição de vida social, sem lhes haver sido imposta nenhuma transfusão de sangue branco. Tal é o elemento caboclo, na sua maioria, a dominar o interior do Amazonas que restou ao amazonico: tal é o *tapuia.*

O caboclo, na accepção vulgar, é o producto do cruzamento do portuguez com o indio, que se fez principalmente nas cidades, villas e nucleos mais densos de população.

A condensação dos elementos portuguezes na Amazonia fez-se de modo complacente, pela facilidade da fixação dos reinóes, mercê da indole pacifica da população indigena. O caldeamento, nesses pontos em que se agglutinou a gente de ultramar, operou-se quasi extreme da mescla africana.

POPULAÇÃO AMAZONENSE: INDIGENA E NORDESTINA

A população amazonense funda-se, pode dizer-se, no seculo XVIII, com a fixação da maior parte do sequito de Xavier de Mendonça Furtado e sob os auspicios deste. Caldeia-se sob um forte espirito de fusão do branco com o indio, sendo as leis do Reino favoraveis a essa alliança. "Diversas leis josephinas cumulam de isenções e privilegios a mescla do indio e do branco. Casar com india é ser preferido sempre para todos os cargos e distincções de nobreza". (BERTINO MIRANDA — *A Cidade de Manáos — sua historia e seus motins politicos*, pag. 7).

Ha uma mestiçagem cabocla, mais ou menos clarificada, á custa dessa fusão, mas não constitue ella o grosso da população amazonense nativa. A

grande massa da população cabocla, melhor diriamos tapuia, disseminada á margem dos rios, lagos e paranás, é constituida por elementos sanguineamente puros.

Ao primeiro quartel deste seculo, começou a avultar, no complexo da população dos sertões amazonicos, um elemento novo, destinado a ser o mais numerico dentro em pouco, accidentalmente nativo embora ethnicamente não seja: é o elemento que descende da gente nordestina, cuja colonização se tornou victoriosa na Amazonia desde cerca de meio século.

Desses descendentes dos nordestinos que se transplantaram para a planicie amazonica, alguns se differenciaram de modo typico, não pelos caracteres somaticos, mas pela influencia do ambiente social criado e desenvolvido pelo tratado de Petropolis. Foram os que deram esse typo novo em nossos quadros ethnico-sociaes — o acreano.

O elemento negro é rarissimo, quasi excluido, pode dizer-se prohibido, no caldeamento amazonico.

Durante mais de um quarto de seculo em que o Marquez de Pombal, por intermedio da oligarchia familiar de Mendonça Furtado, exerceu "na

bacia amazonica uma perfeita dictadura politica e administrativa", assentaram-se as bases da população amazonense, resguardando-se o sangue indigena e preservando-o da infiltração ethiopica.

Foi a politica pombalina, ao menos pelo arbitrio de Mendonça Furtado e seus parentes, que, com a dominação da Capitania, fez essa obra de quasi exclusão do sangue negro, na preparação do elemento povoador do Amazonas.

Mello Povoas, sobrinho daquelle e seu successor na administração da Capitania, estimula os casamentos mixtos, com exclusão legal do negro. Eis o depoimento: "Para tirar aos brancos e aos indios todo o pretexto de contagio com a outra raça, um decreto regio declara infames os que se casem com as negras, ou vice-versa, as mulheres brancas e as indias que se ajuntem aos negros". (B. M., *op. cit.*, pag. 10).

Prova-se, com esse documento, que a eliminação do negro na formação da gente amazonica, não resultou apenas do reduzido affluxo ethiopico, mas tambem, em grande parte, do retrahimento dos outros elementos, fugindo ao contacto da raça condemnada pelas leis pombalinas.

SELECÇÃO ETHNICA

A selecção ethnica do homem amazonico vae se dando *malgré tout.*

Mau grado a concorrencia de factores negativos e desfavoraveis — alimentação insufficiente e nociva, intoxicação alcoolica diuturna, consequencias organicas das endemias reinantes, falta de educação e de hygiene — o caboclo amazonico vae resistindo, ao menos na massa que supporta menos desastrosamente a pressão desses agentes. Para isto, concorrem certamente as qualidades innatas de resistencia da raça.

O sangue indiano é resistente e forte; taes attributos evidenciam-se francamente na maneira por que elle reage á acção selectiva do sangue aryano, na obra dos cruzamentos: os caracteres do indio são, a bem dizer, irreductiveis nos mamelucos, ainda quando uma grande dose de sangue branco lhes haja sido injectada.

Grande é a fecundidade dos tapuias e dos caboclos em geral. E' facto notorio. Excusa compulsar as estatisticas, que são aliás positivas na sancção desse asserto. A prolificidade dessa gen-

te é patente a todos os viajantes, que attestam o facto á simples inspecção, á distancia, ao singrar as aguas do Rio Mar. A' margem dos rios e paranás offerecem-se, á curiosidade de quem viaja, familias sempre numerosas, attrahidas pelo rumor do navio fluvial, exhibindo as series de creanças "em escadinha", os de mais idade trazendo ao collo os mais tenros.

A resistencia anthropologica do indio é grande e, se os seus caracteres somaticos tanto persistem, tanto resistem, com fundamentos solidos não podemos sustentar, como alguns pretendem, a fraca resistencia biologica dos caboclos.

ANORMALIDADE ORGANICA E FUNCCIONAL

Si, entretanto, ficasse provada a inferior resistencia do caboclo, explical-a-iam os factores dysgenesicos acima expostos: se uma fragilidade da raça ficar apurada, correrá ella por conta, logicamente, do estado anormal permanente em que persiste o caboclo, numa condição ainda bem divorciada da hygidez que devêra ser lograda. Não se trata de predisposição organica ou somatica nem de anormalidade funccional, fataes na raça por con-

tingencia biologica ou mesologica; não. Estão em causa, para legitimar a apparente inferioridade do caboclo, factores poderosos que se evidenciam a uma indagação aguda e penetrante.

Si em estado potencial dormem energias capazes de animar os attributos reclamados ao homem do Amazonas, é que o incola jaz ahi em uma condição ainda bem distanciada da normal.

A DECANTADA OCIOSIDADE COMO INDICE DE INSUFFICIENCIA TROPHICA

A indolencia lendaria do caboclo foi, ha muito, identificada como uma manifestação morbida, porque repercute, no dominio cerebral — volitivo e perceptivo, a expoliação sanguinea trabalhada por parasitas que infestam as populações ruraes. E' uma consequencia do empobrecimento que affecta a economia organica, correlato á anemia verminosa, á classica *hypohemia intertropical* dos pathologistas de cerca de meio seculo atráz.

A essa acção reductora do equilibrio hematico, allia-se funestamente a influencia dissolvente exercida pelo hematozario da malaria sobre o sangue.

São concausas bem definidas e solidamente firmadas. Mas resta denunciar o factor maximo da insufficiencia manifesta em que se sitúa a inferioridade physiologica do homem nativo do Amazonas: a carencia alimentar.

Ha, pois, mais uma causa, e gravissima, por arrolar na complexa etiologia dessa inercia desabonadora, dessa incapacidade de trabalho que tanto tem deprimido moralmente o homem amazonico, tornando-o uma vil e problematica expressão ethnographica: é o "deficit" nutritivo.

O caboclo não é um anormal; é, em verdade, um anormalizado.

Elle atrophia a sua actividade de trabalho, entorpece a sua vontade, reduz até quasi á nullidade o seu potencial energetico, entibia a aptidão ao esforço material e mental, annulla o seu valor economico e social, por força de uma insufficiencia alimentar, que, secundada pela dupla dystrophia plasmodio-verminosa em cumplicidade com a intoxicação alcoolica, não pode deixar de ser inculcada como um dos factores determinantes de sua actual inferioridade physica, intellectual e social.

ANOREXIA HABITUAL

A parcimonia alimentar dos nossos caboclos reduz, num parallelo que se impõe, o merito da sobriedade japoneza: o niponico come pouco, mas fal-o regularmente; o nosso caboclo, que é capaz de comer despropositadamente, em geral come pouco e irregularmente, interrompidamente, jejuando por dias e semanas. Um *chibé,* que tem por base a farinha dagua — producto da mandioca muito pobre de vitaminas — constitue muitas vezes o alimento exclusivo dum homem nas vinte e quatro horas.

Individuos ha que passam dias e dias consecutivos nesse regime, ou noutro equivalentemente sobrio, deficientissimo para os dispendios organicos.

Observações que colhi directamente, pessoalmente, em certas regiões do baixo Amazonas (lago do Andirá, por exemplo) autorizam-me a attestar que trabalhadores de certa plantação de algodão (Granja Céres) limitavam-se durante dias seguidos á ingestão de um singelo mingáu de arroz, que ao amanhecer mandava destribuir, após a chama-

da do pessoal, o gerente da propriedade. Contemplados em sua ração, escapavam-se muitos delles á meia luz protectora do crepusculo matinal e recolhiam-se ás redes, em suas barracas mais ou menos distantes, para só reapparecerem ao alvorecer do dia seguinte.

A inopia de recursos em que se immobilizavam taes individuos; a falta de um estabelecimento commercial que os abastecesse — nem siquer um simples regatão — na hypothese de alcançarem duvidosos vintens; as informações fidedignas colhidas entre outros que lhes attestavam as precarias condições; tudo levava a reconhecer que aquella gente, no seio remansoso de uma inercia improductiva e parasitaria, mantinha-se em regime quasi absoluto de jejum alimentar.

Perquirindo da capacidade de trabalho dessa gente tão mal e tão irregularmente nutrida, recolhi dados instructivos, de alta significação, que illustram o estudo do assumpto de maneira convincente e demonstrativa.

Pela precitada propriedade, em que se levava a effeito uma plantação de algodão, numa area de cerca de 150 hectares de terra, transitaram du-

rante perto de vinte mezes 429 trabalhadores, todos filhos da região, que produziram 17.680 dias de trabalho util, ou sejam 41 dias para cada um, o que representa, em media global, pouco mais de dois dias (2.¼), por mez, para cada homem!

RENDIMENTO FUNCCIONAL E CAPACIDADE DE TRABALHO

Esta estatistica vale por uma documentação impressionante, symptomatica da instabilidade mechanica do homem naquellas paragens. Rendimento instavel do trabalhador, descontinuidade do mechanismo de sua acção — são symptomas de uma deficiencia organica, physiologica, constitucional, em funcção da carencia alimentar, habitual e quasi systematica, que gera uma avitaminose consuetudinaria.

Essa abstinencia, total ou parcial, essa frugalidade, essa resistencia ao jejum é observação de todos quantos lidam com os nativos amazonicos; mas ainda não fôra interpretada como um dos agentes da decantada indolencia do homem daquellas paragens.

Ha nelle um deficit nutritivo, organico, e tambem psychologico, cujo *substractum* physiopathologico é a miseria alimentar. Porque das mais rudimentares ás maximas manifestações vitaes, da inicial irritabilidade protoplasmica ás transcendentes operações mentaes, todo phenomeno biologico é essencialmente, antes de tudo, um phenomeno de assimilação, de nutrição, de metabolismo.

Ao sangue, na vehiculação dos principios alimentares, assimilaveis, cabe a tarefa de vitalizar os tecidos; e o chamado sôro physiologico, que se reduz a uma simples solução mineral de chloreto de sodio nagua esterilizada, restitue ao cerebro, exggotado por uma hemorrhagia, as nobilissimas faculdades psychicas, que são as mais altas na hierarchia funccional.

Da verdade que nos ensina a não identificar cruamente a machina viva a um motor thermico, não devemos chegar á negação da realidade, na natureza, das leis de energetica animal.

A hydraulica sanguinea assegura o grande cyclo circulatorio, em virtude do qual o plasma intersticial póde carrear os principios alimentares, cuja

combustão intra-organica assegura a producção da energia calorifica, apta a transformar-se em energia mechanica.

A energia que se desenvolve no seio do organismo animal só provém da alimentação.

O alimento é a energia, é o calor animal, é o trabalho mechanico, é o movimento muscular; mas é tambem o substracto da idéa, da vontade, da acção.

Si o caboclo é indolente, é inerte, é apathico; se não tem actividade, nem iniciativa, nem aptidão para o trabalho, é porque se nutre mal, assimila insufficientemente, realiza um regime alimentar deficitario, do qual resulta um comprommettimento do metabolismo, que inhabilita o seu organismo para os insuppriveis recursos reclamados pelo exercicio pleno das mais amplas funcções da economia humana.

VULNERABILIDADE E FALTA DE IMMUNIZAÇÃO

Continuemos a estudar a materia neste dominio experimental, levando-a da bioenergetica á geographia medica.

Si está verificada uma fraca resistencia do caboclo, como do indio, ao accommettimento de certas affecções morbidas, podemos explical-a pela extrema receptividade desses typos ao assalto de taes infecções, em consequencia da falta de immunidade adquirida, por meio da vaccinação especifica, hereditaria ou racial.

Quando a pneumonia accommette os cablocos, prostra-os gravemente e quasi sempre os mata. E' classica a vulnerabilidade dos indios, como dos tapuias ou caboclos, á tuberculose e ás affecções pulmonares em geral. O *defluxo* (influenza ou grippe) apavora as malocas, que elle devasta. A grippe hespanhola, em 1918, dizimou populações de caboclos do baixo Amazonas. A variola é-lhes sempre gravissima, frequentemente mortal. Tudo isso porque não ha uma vaccinação da familia, da tribu, da raça. Encontram-se os caboclos, para taes males, na mesma condição de extrema receptividade dos estrangeiros, para a febre amarella, em nosso paiz, antes de Oswaldo Cruz.

Como tambem se apprehende, não se trata de attributo organico, somatico, anthropologico, mas sim sorologico, funccional. Não é defeito irremo-

vivel da raça, mas sim qualidade remediavel. Em conclusão, não se trata, positivamente, de fatalidade ethnica.

ERRO DE JUIZO

O caboclo amazonico é quasi sempre julgado erroneamente, pela exterioridade, pelo habito externo que commummente apparenta: oppilado, mal nutrido, mal vestido, quasi sempre alcoolizado, ás vezes lerdo, apalermado. Por isto, é summariamente condemnado como inferior.

Chama-se inferior a uma gente aviltada por successivas gerações de alcoolização diuturna, enfraquecida pela acção abastardadora da avitaminose, isolada do contacto da sociedade realmente civilizada, adstricta aos processos, habitos e normas da sua phase primitiva e inicial, sem educação e sem exemplos por imitar, naquella estagnação operada em sua marcha evolutiva, naquella phase estacionaria em que, pouco além dos selvagens, ficou esquecida e abandonada.

Considere-se ainda que todos esses factores de parada no curso de evolução — positivos uns, ne-

gativos outros — são estabilizados pela hereditariedade, quando não aggravados pelos recúos atavicos.

Porque se observa, nos povos mais capazes, uma condição intellectual muito parca nas populações ruraes, dos campos, dos recantos afastados, ninguem ainda quiz attribuir a esses elementos inferioridade ethnica ou racial. E, do mesmo modo que entre esses povos se registra observancia da lei de progresso ou aperfeiçoamento centripeto, isto é, uma gradação crescente de cultura intellectual, da campanha para a cidade, da provincia para a metropole — muito nitida já é no Amazonas a differenciação entre caboclos dos arredores das cidades e aquelles que ficam localizados em centros ermos e distantes.

CAPACIDADE MENTAL E MATERIAL

A aptidão mental do caboclo amazonico está fartamente provada em typos de intelligencia e cultura, perfeitamente ao nivel dos expoentes da mentalidade brasileira.

A capacidade para o trabalho physico está tambem comprovadissima no caboclo, sempre que

a condição de hygidez e de ambiencia social concorrem para pôl-a em actividade.

Tive opportunidade de observar em fazendas dos Rios Autazes caboclos, authenticos, feitos vaqueiros, dispondo de agilidade, destreza, pericia e intrepidez, perfeitamente equiparaveis ás de homens de outras regiões de pastoreio no Brasil.

Os caboclos e indios cachoeiristas do alto Rio Branco fazem proezas assombrosas ao galgarem, em incriveis saltos de acrobacia, as aguas tumultuosas das temiveis cachoeiras daquella região; feitos esses que ficaram fixados no film "No rastro do El Dorado" que, em sua ultima expedição áquellas longinquas terras, conseguiu montar o explorador e millionario americano Hamilton Rice.

Si é intrepido ao enfrentar o alvoroço das aguas do mediterraneo de agua doce, o caboclo da Amazonia, filho do indio ou producto do cruzamento do indio, não treme em face do oceano. E se o nordestino se expõe ao furor das ondas na fragilima *jangada*, o caboclo amazonico, que parecera ser apenas um corajoso navegante de agua doce, affronta a furia do mar como um ousado marinheiro da costa.

Os *vigilengos* são arrojados e destemidos. Josino Cardoso, ousado tripulante da já hoje historica "Juruna", salvando da morte os aviadores argentinos Duggan e Olivero, fez obra de heroismo e ao mesmo passo de solidariedade continental mais relevante do que os protocollos das duas chancellarias sul-americanas; soccorrendo o aeronauta portuguez Sarmento de Beires, o caboclo amazonico prestou, a Portugal da navegação aerea transoceanica, uma commovida homenagem filial, oriunda dos indigenas desta terra, que os grandes navegadores dos mares descobriram na idade de oiro das epopéas luzitanas. Aquelles caboclos humildes, por esses lances maritimos erguidos á celebridade internacional, inscreveram, com taes feitos de humanidade e de audacia, duas paginas vibrantes accrescidas aos argumentos de replica ao anathema lançado contra a efficiencia pratica e a capacidade profissional do caboclo da Amazonia, que continúa, para muita gente, incluido entre os elementos ethnicos negativos, senão absolutamente inaproveitaveis.

A malsinada ociosidade dos caboclos reclama-nos exame detido e meditado. Si não a pudermos

contestar, devendo enquadral-a na contingencia da avitaminose e da morbidez caracteristicas, como foi feito paginas atraz, somos forçados a registrar a capacidade de extrema resistencia de que são possuidores muitos caboclos amazonicos, remadores eximios e infatigaveis. Remam dias e noites seguidas, sem parar e sem dormir, no mesmo rythmo inalteravel, com o mesmo syncronismo, interrompendo apenas o exercicio, por espaçados intervallos para ingerir um pouco de *chibé*, unico alimento de que se valem nesse continuo esforço, ou para tragar goles de aguardente.

A um inglez, que necessitara descer em canôa, das proximidades da fóz do rio Purús á cidade de Manáos, ouvi exclamações admirativas ao proclamar a resistencia dos caboclos á fadiga e ao somno, em regime de quasi abstinencia alimentar. Attestava elle o esforço de quatro caboclos que, durante dois dias e duas noites, ininterruptamente remaram, sem descançar e sem modificar o rythmo do esforço desenvolvido desde as primeiras remadas.

ACTIVIDADE PRODUCTIVA; AGILIDADE E INTREPIDEZ

Os caboclos pouco se dão á industria extractiva da borracha, preferindo a colheita dos fructos da castanheira, para que basta levantar do solo os ouriços que despencaram da portentosa e excelsa *bertholetia*. A sua occupação predilecta, porém, é a pesca.

E' a pesca da tartaruga, a *arco* e *flecha*, no meio dos lagos ou dos rios. Parado e silencioso na sua *montaria* (que é uma pequena canoa), bem distante das margens, o caboclo queda-se acocorado horas a fio, indifferente á canicula implacavel, na espectativa do momento em que a tartaruga faz emergir a cabeça á flor d'agua, para lhe despedir a flecha, que se vae cravar no casco ou no peito, ambos resistentes e calcareos. O golpe de vista e de mão é de uma precisão exactissima, constituindo esse genero de pescaria curioso esporte, certeiro e suggestivo. Outra pesca curiosa é a do *pirarucú*, peixe vultoso e maior que o bacalhau, encontrado geralmente nos lagos, que é pescado a *arpão* e mais raramente pelo anzól. E' a pesca dos peixes meno-

res, a *tarrafa* e a linha com anzól, a que se entregam correntemente os nativos.

Ha que registrar, finalmente, a pesca mais espectaculosa, no Amazonas, que é a do *peixe-boi.* E' um cetaceo de dois a tres metros de comprimento, em média, pesando duzentos a trezentos kilos. Os *peixes-bois* são encontrados nos lagos e igarapés, em cujas cabeceiras, por serem as aguas mais tranquillas, cautelosamente se refugiam.

São pescados pelo *arpão,* que os pode attingir em tres situações: em pleno curso d'agua; nas clareiras do *matupá* (especie de terreno ficticio tecido pelas camadas de capim superpostas, em cujas malhas fica retido o sedimento) e nas cabeceiras dos igarapés.

O *arpão,* instrumento penetrante de aço bom, é adaptado a uma vara de madeira de resistencia maxima, em cuja extremidade livre se ata uma corda grossa e consistente, que está presa a uma boia, formada por um pedaço de madeira leve e fluctuante. O arpoador dissimula-se, muito silencioso e immovel, em sua canôa, supportando as picadas dos insectos que em nuvens espessas o envolvem, sem contra elles arremetter, porque o *peixe-boi* é extremamente susceptivel; e nessa attitude ás

vezes suppliciadora espera que o animal mostre á tona o focinho. Neste momento desfere a sua arma, com uma pontaria segurissima, ás vezes expedida da distancia de alguns metros. Uma vez attingido, o *peixe-boi* mette-se em desenfreada carreira, arrastando a canôa do pescador, com forte rebojo d'agua, como se fosse um motor veloz a rebocal-a. O arpoador faz um grande esforço para conter em suas mãos a *boia*, que muitas vezes se lhe escapa, sendo preciso então colhel-a de novo. E assim, não raro, pratica repetidas vezes, até fatigar sufficientemente o animal, para poder apoderar-se delle.

E' essa uma tarefa que reclama grande agilidade, presteza e segurança de pontaria, além de perseverança, coragem e resistencia ao soffrimento, que muitas vezes infligem os insectos vulnerantes ao pescador immobilizado pela contingencia da sua pesca. E' um esporte impressionante. A sua pratica revela no caboclo qualidades, de que são desconhecedores os criticos que falam sobre a gente amazonica.

Em todos esses generos de pesca — a predilecta occupação dos caboclos — surprehende-se a aptidão para o labor, naquella gente reputada in-

dolente e inerte. São eximios e indefessos pescadores os caboclos do Amazonas. Si afeiçoados e treinados a outros misteres, em que a celeridade e o desempeno são exigiveis nos campos, como o pastoreio nas fazendas de gado, vemos os caboclos feitos vaqueiros ageis e vivazes.

Deve-se concluir, pois, por esses factos, que valem por provas experimentaes, não ser a inercia indigena, tão malsinada no julgamento do caboclo amazonico, uma qualidade intrinseca, irremovivel e irremediavel, menos ainda uma contingencia ethnica, mas apenas um vicio physiologico, psychologico e social.

FACTOS DOCUMENTAES

Digno de exame é o seguinte episodio, em que se confundem a indolencia e a falta de ambição, diariamente reproduzido ás portas da cidade de Manáos: Depois de vencerem grandes distancias a remo, muitas horas, ás vezes dias de viagem, com o fim de trazer os productos de suas minguadas lavouras ao mercado da cidade, os caboclos vendem-n'os a algumas centenas de metros apenas desta,

por preço vil, somente para não despenderem paciencia em permanecer algumas horas, alguns instantes talvez, agenciando os negocios de taes vendas com os *atravessadores*, que exploram duplamente o productor e o consumidor, barateando as compras, áquelle, e encarecendo as vendas, a este.

O *atravessador* usa, tratando com os caboclos, a mesma technica do *regatão*: si este se locomove no seu batelão, aquelle posta-se de alcatéa no seu pouso, que é uma barraca fluctuante, construida sobre jangada de cedros bem unidos.

O *regatão* e o *atravessador*, dois parasitas typicos da economia precaria do caboclo — um encarecendo a mercadoria que impinge, outro depreciando o producto que extorque — agem ambos por meio da actuação alcoolica. A' primeira palavra sobre o negocio precede um trago de cachaça, a que segue outro, mais outro. Iniciam a conquista do caboclo pela alegria, pela euphoria, pela exaltação do humor, despertadas pela ingestão do alcool: avassallam a sua vontade, dominam-n'a, apossam-se assim daquella personalidade, desgovernada pela abulia, transtornada pela confusão mental, annullada pela acção dissolvente da desaggregação ethylica.

Dentre as qualidades negativas, attribuidas aos caboclos, arrolam-se a desconfiança, a timidez, o retrahimento, que, na realidade, decorrem do isolamento, da segregação a que, por contingencia da vastidão territorial e da exigua condensação demographica, são forçados.

Tem-se surprehendido no caboclo certo espirito de nativismo, de regionalismo exclusivista, que elle não consegue, nem pretende dissimular. O costume de chamar *patricio* ao desconhecido que com elle cruza na estrada ou, em *montaria*, no rio, é o indicio de que tal condição de nacionalismo predispõe á camaradagem, á approximação.

Esse nativismo tem uma origem ancestral, que irrompeu ferozmente no despotismo dos cabanos, cujo estudo será feito em capitulo á parte. Do mesmo passo, contrabateremos os labéos de subserviencia, de dissimulação, de insinceridade que lhe querem attribuir, pondo em fóco os actos culminantes da bravura guerreira no seio da gente genuinamente amazonica.

EUGENISMO DO AMAZONICO

O juizo critico sobre a capacidade ethnica e social do caboclo amazonico deixa-se ainda enlear

nas peias dos preconceitos ou nas tramas das restricções doutrinarias, a tolherem o pensamento dos que volvem a attenção para tal assumpto.

Estudando o eugenismo do indio, na evolução da nossa raça e formação de nossa nacionalidade, assim conceitúa Oliveira Vianna: "O indio, o caboclo puro, arrancado das suas florestas pela ferocidade do sertanista ou pela uncção do missionario, é absolutamente incivilizavel, é, inteiramente refractario a qualquer influxo educativo, no sentido de sua aryanização. Parece que a sua estructura mental é mais solida do que a do negro e d'ahi, desta sua menor malleabilidade, a sua invencivel resistencia á acção dos agentes civilizadores. Quando incorporado á sociedade colonial, nos primeiros tempos da conquista, vemol-o succumbir rapidamente, ferido pela nostalgia das suas tabas, ou refugir, na primeira opportunidade, para o recesso das suas florestas". (*O povo brasileiro e sua evolução*).

Si não se lhe pode negar, ao eminente sociologo, a legitimidade de sua asserção quanto ao negativo contingente indiano na obra de nossa formação social e politica, não devemos acceitar, sem

exame, o julgamento condemnatorio da capacidade assimiladora e fixadora do indio no seio da civilização.

INCIVILIZABILIDADE DO INDIO ?

A incivilizabilidade do indio, isto é, a sua incapacidade para assimilar a educação e para ser incorporado á civilização, é uma these arriscada, para não dizer temeraria.

Já não se pode negar — tão demonstrativos os exemplos em opposição — que o nosso indio assimile a civilização; mas, como ultimo recurso negativista, sustenta-se o argumento da instabilidade do novo estado de civilização que elle possa alcançar. Citam-se pretensos casos de documentação.

Um delles é o que evoca a tradição benemerita de Dom Antonio de Macedo Costa, luminar do cléro brasileiro e gloria da eloquencia sacra. Quando bispo do Pará, Dom Antonio seleccionava os seminaristas para encaminhal-os ao curso ecclesiastico em Saint-Sulpice. Dentre aquelles seguiu um indio, de uma tribu do rio Xingú, o qual se distinguira por valiosas aptidões mentaes e moraes.

No tradicional seminario, o indio fez com aproveitamento e relevo a sua preparação sacerdotal, laureando-se em teologia e direito canonico. Padre e Doutor, regressou ao Pará, ficando incorporado ao cléro orientado pelo fulgor do talento de Macedo Costa, que, por observar e louvar as virtudes ecclesiasticas do filho da selva amazonica, acreditou fazer obra de alcance catechista mandando-o ao seio de sua tribu para chamal-a e ás demais, naquella região, ao crédo catholico e á civilização christã. Para lá seguiu o sacerdote indio e de lá, durante algum tempo, ia mandando noticias, que foram escasseando e depois cessaram.

Passaram-se os annos, até que, para aquellas bandas, encaminhou-se em missão religiosa um frade, a quem Dom Antonio encarregou de syndicar do paradeiro do padre indio. Voltou, depois de muito tempo, o missionario, e, com elle, chegou a noticia de que não fôra devorado pelas féras, nem abatido pelas febres, o doutor em teologia e direito canonico, que estava são e feliz, reintegrado á sua tribu, dansando na taba, reidentificado com sua gente e seu meio, tendo renunciado ás praticas do culto, ás convicções religiosas e aos habitos de cultura e civilização que adoptara.

No estudo de Gustavo Le Bon sobre "As civilizações e as raças", depara-se-nos um caso bem analogo, sinão identico a esse. E' o seguinte:

Em 1826 o Capitão Fitz Roy levou para a Inglaterra dois homens e uma mulher da terra do Fogo. Um delles, Tannuy Button, chegou a se fazer um esmerado *gentleman*, fallando muito correctamente o inglez, tão elegante e cuidadoso no trajar que se irritava quando casualmente as suas botinas se cobriam de poeira. Depois de tres annos de estadia na Inglaterra, foi devolvido á sua terra, onde lhe construiram uma casa e lhe deixaram numerosos utensilios e instrumentos. Ao fim de um anno, passava um navio por ali, sendo encontrado o correcto *gentleman*, de novo feito selvagem, nú e restituido á vida rude e primitiva. Ainda que um pouco acanhado a principio, declarou que estava contente com o seu estado actual e que não desejava voltar á Inglaterra.

A lição desses casos não fulmina, nem siquer abala, a these da adaptabilidade do selvagem á civilização. Está, ao contrario, no curso da propria logica scientifica, ao interpretar os factos de geographia humana: não se deve, em salutar ra-

ciocinio, visar o homem mas sim a sociedade. O homem, só, nada representa: é apenas uma peça do complicado mechanismo social. Não é possivel estudar a evolução humana através do homem, mas sim do agrupamento humano. Aquelle indio do Pará, aquelle selvagem da Terra do Fogo, são particulas das sociedades donde provieram, nem se podem libertar da influencia dellas. A evolução não se faz por individuos, mas pelos aggregados sociaes. A civilização precisa ser imposta a toda a sociedade e não a elementos seus espurios. O meio social, o clima social, é que faz o homem: não é o homem, singularmente considerado, que faz o ambiente social.

A affirmação que taxa o indio de um sêr incivilizavel, arrima-se na observação de factos como os acima expostos. Suspeita-se, como Oliveira Vianna, por exemplo, que, no indio, a estructura mental é mais solida" do que no negro, a "malleabilidade menor" e, em consequencia, reconhece-se "a sua invencivel resistencia á acção dos agentes civilizadores". E conclue-se que, ainda quando incorporado á sociedade, não tardará a soffrer a nostalgia da taba, que o forçará inevitavelmente a reingressar na selva.

Essa these apoia-se em base scientifica falsa e insustentavel, porque, como já vimos, encara o individuo e não, como devera, a sociedade; mas quando visasse esta, devel-o-ia fazer através do tempo e das gerações.

Sobre o individuo, como sobre a geração, incide o peso da carga atavica, accumulada lentamente pela hereditariedade através do tempo, da qual os individuos ou as gerações não se podem exonerar, senão á custa de novas acquisições lentamente elaboradas no transcurso dos annos e dos seculos.

A transformação mental do individuo ainda não foi ensaiada senão em casos singulares, arrancados á tribu e á taba, na maioria dos quaes o indio civilizado é restituido ao meio selvagem, para a elle fatalmente se reintegrar. Não seria curial admittir maior acção do individuo civilizado sobre o ambiente social selvagem, do que, deste, sobre aquelle. Absurdo é conceber que fosse mais racional o indio civilizado revolucionar a sociedade, do que esta reassimilal-o.

A acção civilizadora, para ser duravel e efficaz, deverá exercer-se, portanto, dentro do agru-

pamento social, no seio da tribu, no ambito da collectividade indiana. Dest'arte, não se opporá jámais, ás influencias transformadoras, nenhuma inamolgabilidade de estructura mental. A transformação dar-se-á pela obra lenta da transmissão dos caracteres adquiridos.

A hereditariedade dos caracteres physicos e psychicos foi ha muito evidenciada nos animaes. A transmissão de aptidões artisticas e scientificas está comprovada na especie humana. Mas de longa data vem sendo controvertida essa doutrina da transmissão dos caracteres adquiridos.

Assim expressa-se um autor reputado: ".... não se pode comprehender o grande desenvolvimento que tem tido o cerebro humano sem admittir que, de um modo ou de outro, os caracteres adquiridos por habitos repetidos durante longas gerações se accumulem pouco a pouco no protoplasma germinativo, sob a forma de disposições hereditarias". (FOREL).

Orienta-se a questão, no momento presente, no sentido de ser interpretada pela acção sobre os elementos germinativos e á luz das novas concepções biologicas.

O phenomeno das mutações evidenciadas por HUGO DE VRIES, veio revelar que ellas acarretam variações, bruscas porém duraveis. HERING e SEMON, com a sua "engraphia mnemica", explicam as "contradicções apparentes da theoria da hereditariedade", pela "acção infinitesimal e repetida em numerosas gerações, como o mundo exterior pode, pouco a pouco, transmittir ás cellulas germinativas os caracteres que elle imprime ao organismo".

Objectivada a these da transmissão dos caracteres adquiridos ou não, a ninguem em boa sciencia será licito contestar o progresso do cerebro humano, desde a epocha quaternaria até os nossos dias.

A capacidade cerebral do indio foi posta em prova de modo decisivo e claro. Já nem se trata propriamente de lhe attribuir incapacidade para acquisição de predicados psychicos, mas pôr em duvida a conservação desses caracteres, ameaçados perennemente pelos retornos atavicos, pelos recúos de civilização individual. Esse phenomeno de instabilidade é decorrente de uma premencia do ambiente social. O indio civilizado, ingresso de

novo na tribu, é por ella inevitavelmente reassimilado.

Civilizar a tribu, civilizar a sociedade indiana é, pois, a chave do problema; o que equivale a transformar o ambiente, o clima social, a cuja influencia os homens jamais poderão escapar.

REHABILITAÇÃO DO CABOCLO AMAZONICO

Na obra reaccionaria de rehabilitação, que se vem operando no seio das *élites* brasileiras contra as condemnações pretensamente propheticas de Buckle ou de Gobineau, resta apenas, regenerada a nacionalidade pela contradicta dos homens e dos feitos, só ao homem amazonico resta o aviltamento daquella maldição. Mas, dentro nessa Amazonia malsinada, já se vai o homem do nordeste libertando do estigma de incapacidade, de inviabilidade ethnica, de inassimilabilidade civilizadora. E' que a obra de infiltração nordestina no valle septentrional, como episodio quasi épico de uma colonização incrivelmente temeraria, já rehabilitou o *cearense* — o caboclo do nordeste, emfim, — integrado agora numa physionomia herculea, que notabilizaria qualquer raça e qualquer feito.

Resta o labéo sobre o amazonense, o caboclo... Perdura o erro anthropologico, sociologico e historico. A inadaptação aos habitos de progresso e civilização, que lhe attribuem, continúa arrolada entre as fatalidades ethnicas que envilecem certas raças, compulsoriamente excluidas do convivio da civilização.

O hereditario preconceito classico, a deformar uma visão mental já de si defeituosa, creou no consenso critico e scientifico a irrecorrivel sentença opprobriosa contra o caboclo amazonico.

Debalde convergem de ha muito as tendencias dos anthropologistas e sociologos para contrapôrem o conceito de nacionalidade ao da raça. A nossa ascendencia, pelo menos no que entende com os incolas, ainda influe, sobre a mentalidade dos estudiosos, no sentido de attribuirem ao homem amazonico uma fatal e incuravel inadaptabilidade ao progresso e á civilização.

A superstição é antiquada. Até a epocha em que um grande imperador, com a educação de seu povo, conseguiu a obra maravilhosa da transformação do Japão em menos de meio seculo, espiritos bem intencionados, mas ingenuos, deixavam-se

dominar pela noção anatomica da caracterização mental das raças.

Erro quasi velho, verdade já não muito nova, desarvorado jaz o criterio dessa decadente theoria, biologica, ethnographica e social.

Sobre todas as influencias — mesologicas e intrinsecas — na caracterização, differenciação e aperfeiçoamento das raças, só uma prevalece irrefutavel: a psychologica. Dominam-se pela intelligencia os factores anatomicos, ethnicos, atavicos.

A cultura differencia as raças em superiores e inferiores, o que vale dizer em cultas e incultas.

A civilização, summaria e pratica expressão da cultura moderna no dominio mental e industrial, resolveu o secular problema das raças.

O intercambio mundial, pela reciprocidade de influencia das sociedades mais distantes, irá apagando cada vez mais as caracteristicas differenciaes dos povos. Uma uniformização tende a produzir a unidade humana, numa formula social muito mais sustentavel e flagante do que a anthropologica, de QUATREFAGES a DARWIN.

A' luz da doutrina emancipada de preconceitos, o indigena é no Amazonas tão infiltravel á in-

pregnação civilizadora, como quaesquer outros nativos alhures. No campo da evidenciação pratica, o *caboclo* amazonico é capaz dos mais arrojados feitos em face da natureza, dentro da qual se desenvolve enfrentando-a galhardamente. Essa capacidade não se presuma apenas uma potencialidade de suas acções: muitos a evidenciam na coragem, na intrepidez, na audacia tanta vez demonstradas e emparelhaveis dignamente ás apregoadas qualidades da bravura nordestina dentro neste meio aspero e bravio.

Essa virtualidade é o segredo de uma disfarçada reserva de nobres attributos mal suspeitados. Falta-lhes, aos amazonicos natos, aos caboclos malsinados, o contacto civilizador, o exemplo, a imitação, o treino, a instrucção, a educação mental, a civilização, numa palavra, mas exercida através dos homens e das gerações.

A idéa — o mero factor psychologico — subverte taras, retempera caracteres, desvia tendencias, amolda musculos e disciplina nervos. Novas idéas — idéas directrizes, ideaes novos — aspirações despertadas e nobres de grandeza, terão condemnado á definitiva eliminação os caracteris-

ticos raciaes gizados nas medidas dos ossos, no chromatismo das pigmentações cutaneas, no aspecto das formações pillosas.

E á morte do preconceito de raça succederá a decadencia do preconceito geographico, ao menos na sua cega e rija systematização.

Prevalecerá a noção historica no transcurso da evolução das sociedades humanas. As raças não são immutaveis, não são inamolgaveis, não são irredutiveis. Guia-as o agente civilizador, que faz povos laboriosos, instruidos e progressistas, ou sejam as sociedades integralmente cultas e civilizadas, independentemente de caracteres raciaes exclusivos.

Na tentativa de decifrar a incognita em que se nos encobre a causa da condição perennemente anormal do elemento indigena amazonense, uma demonstração por si mesma se impõe á luz da observação e da doutrina scientifica contemporanea: não depende de factores climaticos nem ethnicos a apregoada inferioridade organica da gente do famoso valle amazonico.

Esse estado de inferioridade organica, de menor resistencia, ás vezes de fallencia physiologica

declarada, tem a sua facil elucidação ao exame dos factores que, num complexo global, convergem para tal anormalidade, já tornada uma condição habitual, paradoxalmente normal.

São os agentes pathologicos que as endemias reinantes — palustre e uncinariotica — eternizam e alastram, em acção impune e persistentemente malfazeja; é a intoxicação alcoolica insanavel — flagello de todas as regiões e de todos os povos — que não pode escapar á condemnação como um dos elementos responsaveis por essa derrota; são, afinal, fundamentalmente, a irregularidade e a deficiencia alimentares, a obstarem o rythmo com que se deve processar o chimismo metabolico.

Taes factores componentes — positivos alguns, negativos outros — modelam o traje doentio em que se investe o caboclo amazonico, integrado nessa funcção de anormal, em situação permanente, pode-se dizer definitiva e apparentemente physiologica.

A incultura mental explicaria por si mesma a inferioridade social do homem nativo do Amazonas, por um phenomeno de segregação da sociedade, que o subtrahe á lei biologica e social da imi-

tação; a incultura physica, a depreciação do organismo, a sua morbidez quasi permanente complicam e dilatam os prejúizos dessa desvalorização.

Instrucção e hygiene; educação e saneamento têm de ser os recursos transformadores de uma raça que se está desacreditando, á revelia da orientação e da assistencia protectora, precisamente na idade de oiro da cultura da especie.

Não estão em causa seres anthropologicamente inferiores e incapazes. Trata-se, em realidade, de um facto historico, de um estadio inferior de cultura physica e intellectual, de um recúo, na marcha civilizadora, de uma sociedade humana.

Nem fatalidade ethnica, nem fatalidade geographica.

Accidente sanavel, gerado por influencias desviaveis, a civilização fará a sua obra restauradora, removendo-o e assignalando no seio dessa gente um momento de esplendor da sua evolução historica.

A terra amazonica: sua exploração e sua economia

I

ECONOMIA DESTRUCTIVA. — OCCUPAÇÃO E DEVASTAÇÃO. — DISSIPAÇÃO DA RIQUEZA NATIVA. — DESVALORIZAÇÃO DOS SERINGAES SILVESTRES. — OBRA DE VANDALISMO ECONOMICO — SOLITARISMO E NOMADISMO

A exploração do Amazonas reduz-se á obra ruinosa de occupação destructiva da região, formidavel em seus recursos e suas reservas, que surgira nos mappas de geographia politica sob o prestigio do vaticinio de Humboldt, cuja visão prophetica ali lobrigara um solido apoio, para onde a civilização do futuro pudesse um dia, com os seus vastos arsenaes, deslocar o seu eixo gigantesco. A *economia destructiva* foi a base exclusiva da vida commercial amazonica.

Agiram, a principio, as grandes columnas de *caucheros*, formados por indios — peruanos, bolivianos, venezuelanos ou colombianos — capitaneados por *gran-senhores* e a estes escravizados, as quaes se deslocavam em grandes massas até pontos extremos do valle, na campanha selvagem de destruição das florestas de *caucho* (*castilloa elastica*), cujo leite era extraido, após a derrubada da arvore, até a ultima gotta que pudesse ser aproveitada para manipulação do *sernamby*, modalidade mais valorizada da gomma ou de *pranchas*, menos cotadas para as vendas.

Mobilizavam-se esses exercitos destruidores, através de regiões ás vezes muito distanciadas umas das outras, deixando no seu rastro extensas clareiras abertas nas entranhas da floresta, desvirginadas por essas hordas arrazadoras.

Eram temidos como vandalos e, não raro, os seringueiros nordestinos tinham de enfrental-os em lutas armadas, nas quaes a estrategia do cangaceiro, que vive latente dentro do homem do nordéste, permittia golpes de agilidade e surpresa incriveis.

Taes as incursões dos *caucheros*, a traçarem naquellas paragens cruzeiros assombrosos de ex-

tensão e peripecias, através das mattas, dos rios, dos igapós e dos igarapés, a pé, em ubás e em balsas perpetrando uma obra systematica de destruição, que dava impressão de um proposito feroz de arrazar a natureza no mais curto e veloz lapso de tempo. A vida parecia-lhes pouca para a tarefa de destruir tão possantes mananciaes de riqueza florestal, que eram aquellas impervias mattas de plantas economicas.

Com essa obra de devastação, por um facto natural de correlação logica, processava-se ali o mais puro e caracteristico *nomadismo* d'aquellas populações, moveis, instaveis e fluctuantes em suas perennes migrações, attrahidas para o sangradouro das florestas de caucho indefesas.

Essa a obra saqueadora dos adventicios. Os nativos, ou, mais acertadamente, os nacionaes tambem se aventuravam, igualmente imprevidentes, embóra menos depredadores, na faina de occupação destructiva da hylœa amazonica.

Não fulminante, porque não abate, mas perniciosa, porque damnifica, é a intervenção do nordestino nos recessos dos seringaes. Não mais a derrubada da arvore prodigiosa do leite aureo, mas o seu trucidamento. Não se arrojavam contra a

castillôa, como os *caucheros*, com uma *gana* de destruir, mas investem os seringueiros furiosamente contra a *hevea brasiliensis*. Era a arremetida aggressiva contra ella, com golpes da *machadinha* dilaceradora.

Com este instrumento, contundente e cortante, praticavam-se incisões, traumatismos, lesões graves, feridas extensas, que cicatrizavam após verterem o leite, mas compromettiam, senão a vitalidade, ao menos a capacidade lactifera das seringueiras. Era, positivamente, obra céga de actividade economica destructiva, com que se preparava a depreciação, a decadencia, o exgotamento dos seringaes.

Não se houvesse pronunciado a desvalorização da borracha, como phenomeno correlato á superproducção oriental da gomma elastica, ter-se-ia declarado a desvalorização de todos os seringaes amazonicos. E' a intermittencia da collecta do leite, forçada pelo quasi nenhum valor monetario da borracha, que vai permittindo a reparação das seringueiras e a restauração dos seringaes. Poupam-se dest'arte os seringaes mais recentemente explorados e que demoram nos altos rios. Quanto aos situados nas regiões baixas, no Baixo-Madeira,

no Baixo-Juruá, no Baixo-Purús, etc., os quaes foram trabalhados logo aos primeiros dias da industria extractiva, jazem exgottados e desvalorizados, inaproveitaveis quasi, a despeito da vantagem de sua localização muito mais proxima dos centros exportadores.

Se não havia propriamente nomadismo, ao menos para os mais constantes na sua localização, tambem não se facilitava a fixação do homem á terra, porque faltava o vinculo da pequena propriedade a ligar o trabalhador ao sólo por amanhar. O que preponderava, e grandemente, era a dispersão, a dissociação da gente occasionada pela extrema tenuidade demographica dos centros por explorar, onde rarefeita se apresentava a distribuição das heveas silvestres.

A tarefa extractiva de cada seringueiro tinha de se consumar dentro do traçado das estradas de seringueiras, que lhe eram exclusivamente destinadas; e esses traçados não se deviam tanger, afim de perdurarem delimitadas, e independentes, as áreas de arvores a serem sangradas por dadó occupante. As estradas de cada qual não deviam nem ao menos tangenciar as do visinho. Formavam systema a parte.

Os diagrammas das estradas de seringueiros dictavam, geometricamente, o destino fatal de segregação d'aquella gente, o isolamento do homem, no recesso dos seringaes. O homem forçosamente havia de ser um solitario, como o entrevira Euclydes da Cunha.

Obedecia o seringueiro a uma impulsão dispersora, com funcção dissociativa da sociedade dos seringaes. Era forçado a distanciar-se do barracão, localizado á margem do rio, para poder penetrar o *centro*, ás vezes distante muitos dias de viagem, e assim internar-se no coração da matta.

Nesse degredo, impunha-se-lhe a incommunicabilidade com os outros extractores do mesmo seringal, n'uma equidistancia isoladora, afim de não collidirem as respectivas áreas de extracção, pois não podiam ser as mesmas arvores alvos dos golpes de machados de uns e de outros.

Imperava, implacavel, uma lei de centrifugismo incoercivel, a regular a dynamica colonizadora, na occupação e exploração dos seringaes amazonicos. Era a lei da dispersão forçada e obrigatoria.

Essa irradiação dispersiva, desintegradora da sociedade que então se começava a formar, poderia ser attenuada, até inteiramente neutralizada, pelo

recurso do plantio das seringueiras, isto é, pela transformação dos seringaes nativos (ou silvestres) em seringaes de cultura intensiva.

Assim corrigir-se-iam vicios economicos decorrentes de um precario rendimento de trabalho do extractor, que, no percurso de uma seringueira á outra, tinha de supportar a tyrannia da distancia; ao mesmo passo ficaria resolvida a formula de condensação das populações dos seringaes que, rarefeitas e disseminadas, seriam impellidas, forçadas á aggregação, á agglutinação social, ao agrupamento em sociedade.

A obra systematica de destruição operava-se pela sangria das heveas e era incrementada, estimulada pela tendencia dos homens á dispersão. Exgottada uma estrada, atacava-se outra. Quem ousaria então pensar que estancassem um dia os veios de ouro liquido? "Era uma mina" cada trecho atacado. Que importava o facto de se internar cada vez mais o extractor pela floresta a dentro, mais penetrar a selva sem fim, mais escravizar-se ás distancias sempre augmentadas, mais isolar-se da sociedade em cujo seio devia viver?

Ninguem pensava em plantar seringueira, com o intuito ao menos de restringir a área de

acção, contrahir o raio de circulação para transporte das gommas e mercadorias consumidas, baratear, emfim, as communicações entre o cento productor e os mercados de importação e consumo. Para que? Se havia tanta seringueira, "que nunca mais se acabava" — replicavam, aos mais timidos, os mais desabusados.

Houve um precursor, um propheta, um evangelizador, mas passou por visionario e, para alguns, por louco. Foi José Claudio de Mesquita. Pregara o plantio da seringueira e derramara innumeros conselhos no sentido de vingar a reforma dos processos de produzir e commerciar. Não foi ouvido. Pregou no deserto. Falliu commercialmente. Morreu pauperrimo, levando para a outra vida, associadas, as suas desillusões dos homens e as suas indesfeitas illusões da grandeza amazonica, nutridas para uma epocha remota por vir, que pudesse comprehender os precursores...

II

EMIGRAÇÃO DAS HEVEAS; ACCLIMAÇÃO EM SUA NOVA PATRIA. — ECONOMIA DESTRUCTIVA NA AMAZONIA E ECONOMIA CONSTRUCTIVA NO ORIENTE. — PARALLELO EDIFICANTE: ESPLENDOR DA HEVEA TRANSPLANTADA E DECADENCIA DA HEVEA NATIVA.

A historia da borracha, estudada comparativamente na Amazonia e no Oriente, revela-nos uma das mais empolgantes lições da sciencia economica, a evidenciar o contraste chocante entre a acção destructiva e a acção constructiva, exercidas pelo homem, respectivamente no occidente americano e no oriente asiatico, na exploração do mesmo producto — a borracha.

Conhecida, pelos invasores hespanhoes, desde 1536, começou a borracha a ser logo utilizada pelos missionarios, em sapatos e pannos que ella tornava impermeaveis. La Condamine, naturalista francez, dava á Europa, em 1736, a primeira noticia da planta e do seu producto. Era em 1770

applicada para apagar traços de lapis. No começo do seculo dezenove começou a ter applicações mais frequentes. Mas, apezar do seu precioso attributo de impermeabilidade, a borracha atravessava ainda um periodo industrial precario, por não poder supportar, sem destruição, o grande aquecimento ou o frio excessivo.

Em 1839 CHARLES GOODYEAR descobriu que a borracha, em combinação com o enxofre, se tornava resistente ás altas e baixas temperaturas; e, sobre essa base, HANCOCK descobria em 1842 o processo chamado hoje *vulcanização*. Este descobrimento asseguraria definitivamente o triumpho manufactureiro da borracha.

A multiplicidade das applicações da borracha manufacturada começava a preoccupar o senso equilibrado e pratico dos inglezes. Foi por isso que HOOKER, director dos jardins de Kew, suggeriu ao governo britannico que mandasse uma expedição ao Amazonas para estudar o cultivo da hevea no seu habitat e depois ensaial-o em outros meios.

Em 1873, com esse fim, para lá seguiu o botanico James Collins, que, de posse de algumas sementes de seringueira, regressou á Inglaterra e

tentou experimental-as nos jardins de Kew. As poucas plantas, que vingaram dessas sementes, foram enviadas para Calcutta e lá pereceram.

Em 1876 outro especialista inglez era mandado officialmente á Amazonia para fazer experiencias sobre a hevea. Mais habil nos *trucs* de illudir a vigilancia indigena ou mais feliz em alcançar a cumplicidade do impatriotismo mercenario, Wickham subtrahiu-nos 70.000 sementes que, disfarçadamente, transportou para novas experiencias em Kew, dellas tendo vingado cerca de 2.800 plantas. Assignala-se, pois, com esta emigração das heveas indigenas, o episodio catastrophico da historia da Amazonia como emporio da gomma elastica. Por força desse incidente, symptoma da incuria e da inadvertencia brasileiras, preparava-se a obra que, despercebida então e ainda por muitas decadas, deveria arrebatar ao extremo norte do Brasil a sua hegemonia, senão seu privilegio, na producção e no commercio da syphonia elastica, e preparar os dias calamitosos que ora transcorrem, por entre a desolação da mais afamada região do continente americano.

As tentativas da cultura das seringueiras, postas no terreno meramente experimental, eram já

plenamente decisivas. As arvores começaram a ser plantadas em Singapura e Ceylão, com exito cada vez mais encorajador, mas ainda sem caracter de exploração agricola.

Considerado já era o cultivo da hevea uma conquista da botanica e da agricultura verdadeiramente scientifica, quando occorreu um facto que marca um momento decisivo na historia da borracha: o descobrimento do pneumatico, em 1890, por DUNLOP, que foi o maximo estimulo á cultura da borracha.

Provado que a hevea podia ser cultivada em terras outras que não as de seu habitat, bem definida como já estava a sua acclimação, redobravam-se esforços para que o problema tivesse sua solução definitivamente pratica. E surgiu, então, uma grande plantação regular, para exploração propriamente agricola, conseguida por um chinez, TAN CHAY YAN, em 1896, em Malaca.

Seguiu-se, no Oriente, formidavel surto de plantação de heveas, de que os seguintes dados estatisticos são a prova: em 1906 contavam-se 119.000 hectares plantados; em 1914, 883.000 hectares; em 1923, 1.523.000 e em 1925 as plantações de se-

ringueiras já cobriam uma área de 1.800.000 hectares. A escala da producção, que as plantações do oriente asseguravam, crescia assim assombrosamente de decennio a decennio: 4 toneladas em 1900; 8.200 em 1910; 304.000 em 1920 e 800.000 em 1930!

Emquanto a obra economica de construcção alli se erigia grandiosamente, os machados dos seringueiros amazonicos faziam aqui obra vandalica de destruição, dilacerando as seringueiras que degeneravam e envelheciam, sem que outras surgissem para assegurar á especie a continuidade e a multiplicação.

A seguinte estatistica comparativa dá bem a idéa da disparidade da sorte da hevea nos dois quadrantes do planispherio economico: em 1900 a borracha de plantação oriental dava apenas 4 toneladas ao passo que a amazonica já fornecia 27.000 toneladas; em 1910 a oriental attingia 8.200 e a do Amazonas alçava-se a 40.000 toneladas; em 1913 a de plantação, com 47.618 toneladas, já conseguia supplantar a nossa que começava a declinar, dando apenas 39.000 toneladas. Em

1930 a de plantação attinge a 800.000 e a amazonica detem-se na cifra de 14.000 toneladas!

Episodio ruidoso de superproducção, o phenomeno da cultura da seringueira no Oriente ministra-nos proveitosa lição, illustrando uma noção controversa em anthropogeographia. E' esta. Com a acclimação da hevea bem longe de seu habitat, a capacidade technica e administrativa, accionada por capitaes inglezes e hollandezes, montou a construcção da maior riqueza agricola do globo. E emquanto as heveas emigradas, bem longe da patria, formavam alli novo mundo vegetal que era uma affirmativa de adaptação e de progresso biologico, as que ficaram na terra da origem degeneravam e pereciam, sem prole nem selecção. As seringueiras encontravam, no extrangeiro, um ambiente que lhes permittia expansão e prolificidade, ao passo que, na terra nativa, atróz decadencia lhes embargou o desenvolvimento.

Para os grandes commettimentos humanos, na natureza muito menos importa o meio physico do que o meio social; e, no caso em apreço, a intelligencia e a acção do homem proporcionaram á hevea, em paiz extranho, todos os elementos que lhe escassearam na terra de origem. E' que no

Amazonas continuava a campear a obra degradadora da economia destructiva, em consequencia da qual o homem procurava prover a sua vida á custa da vida da seringueira, ao passo que no Oriente organizou-se sabiamente uma obra productiva de economia constructora, através da qual a hevea, cuidadosamente assistida pelo homem previdente e sabio, desdobrava-se em multiplas vidas para prover a subsistencia e a prosperidade collectiva.

....

As sementes, no silencio mysterioso da vida latente que encerram, fizeram a transmigração; e assim, da Amazonia para terras longinquas, arrebataram os germens de uma formidavel riqueza, usurpada á terra que lhe merecera a dadiva, mas onde o homem não a soubera guardar e defender.

III

TENUIDADE DEMOGRAPHICA E ESPESSURA DA SELVA. — EXIGUIDADE CENSITARIA E IMMENSIDÃO LATIFUNDIARIA. — A SOLIDARIEDADE HUMANA EM QUALQUER OBRA DE PRODUCÇÃO OU DE DESTRUIÇÃO ECONOMICA.

A producção e a destruição — duas expressões culminantes da geographia humana em funcção da economia dos povos — exigem a solidariedade.

O que constitue em realidade o meio humano é a sociedade. E' a associação que faz o homem, seus costumes e suas producções. A condição de isolamento dos homens, acarretada por uma grande extensão territorial, afrouxa, senão desata, os laços de solidariedade humana, que assim se vai desvanecendo, não pelo retrahimento egoistico de cada qual, mas por imposição da distancia que separa a todos. E o Amazonas é o deserto; não arenoso mas aquoso.

A solidariedade não carece ser dictada por inclinações affectivas, por conchavos utilitarios ou

por credos politicos. Ha uma solidariedade espontanea e defensiva, imperando no seio dos homens que se approximam para constituição das sociedades, máo grado todas as rivalidades que surjam entre elles nos entrechoques da concorrencia á vida. E' uma forma de solidariedade inconsciente e automatica, que consiste em lutar contra os inimigos e os perigos communs.

Emquanto certo systema politico procura, com estrepito, crear artificialmente orgãos e funcções sociaes adstrictos ao exercicio e á effectivação dessa solidariedade social, a natureza vai ensinando ás sociedades uma communhão natural, um cooperativismo tacito, entre os homens que vivem em communidade social.

Se é apregoada a lucta entre os homens que concorrem á vida, ha em realidade menos lucta do que cooperação e entre-auxilio, ás vezes, ou quasi sempre, á revelia delles, a despeito delles, contra sua vontade e consciencia.

Formado o aggregado social, com vinculo affectivo, politico, religioso ou de outra natureza, o entre-auxilio estabelece-se automaticamente pela divisão do trabalho, pela especialização das funcções e profissões, pelas harmonias que já Bastiat

estudara no mundo economico e que cada vez mais se accentuam na vida social moderna.

Oliveira Vianna assim remata um bem desenvolvido raciocinio: "Em synthese, pode-se dizer que a solidariedade humana é, historicamente, um producto do medo, resulta da necessidade de defesa contra os inimigos communs, féras ou homens".

No Amazonas, a solidariedade humana não se faz mistér apenas como uma reacção contra os "inimigos communs, féras ou homens". Ella serve, acima de tudo, para alliançar os homens, e armal-os, contra as immensas e formidaveis difficuldades por enfrentar em face da natureza, grandiosa e rebelde.

Impõe-se ali a solidariedade entre os homens, para dar vulto, cohesão e efficiencia á obra humana, que, singularizada, é vã e ingloria. A solidariedade tem de fazer-se para arregimentar a campanha pacifica do labor, que é forçoso contrapôr aos impetos brutaes da natureza, aggressiva e plethorica de força, com tendencia a annullar o trabalho humano e avassallar o homem, dominando-o e abatendo-o.

Si quizessemos caracterizar o elemento mais negativo á vida humana no Amazonas, attribuindo-lhe a nocividade de grande inimigo, iriamos encontral-o na natureza envolvente, feita o maior e mais pesado obstaculo á vida social e civilizada.

A montagem da machina social, na synthese de suas mil peças e na harmonia do seu complicado trabalho funccional, tem de lá se consumar, naquelles sertões longinquos e quasi liquidos. E quanto mais aperfeiçoado esse mechanismo da sociedade, tanto mais inefficazes os impulsos selvagens da natureza primitiva.

A natureza vive do rythmo; a sociedade, da proporção. A vida social, como a vida economica, rythma-se ao senso da proporção. A solidariedade humana exgotta-se, embota-se no Amazonas ao peso de uma realidade que se espelha á evidencia desta desconcertante desproporção: um homem para quatro kilometros quadrados, ou melhor, para maior crueza, esta expressão mathematica — $1\ h : 4k^2$.

A superficie territorial desarticula os aggrupamentos humanos. A rarefação demographica fragmenta o bloco humano, esfarela o granito humano. Dynamiza-se a acção do homem. Não ha

gente para a sociedade; nem mesmo o *clan* chega alli a formar-se; apenas a familia.

Nas cidades, nas villas, nos povoados, em todos os nucleos onde a condensação dos habitantes se accentue, onde os esforços communs se conjuguem e se solidarizem, a natureza bravia vae em pouco tempo sendo domesticada. Não ha pacto reciproço, lavrado e sellado, de combate á invasão da vida selvagem da natureza, do mundo vegetal monstruosamente profuso e invasor, mas, nas divisas dos terrenos de cada um, delimitam-se as areas de cada proprietario, pequenas, cultivaveis e saneaveis.

E que é a vida economica, que é a propriedade, que é a riqueza de qualquer região, senão a somma de mil pequenos esforços, conjugados, perseverantes, synergicos e synchronicos?

A selva é o obstaculo maximo á expansão do homem no deserto amazonico. Desbastal-a num pequeno trecho é abrir uma clareira ao trabalho constructor e productivo, é recuar para além a muralha verde em que se entrincheiram as féras, por detrás da qual se refugiam insectos damninhos, temiveis representantes da fauna entomologica tão hostil á saude e á amenidade da vida no seio da floresta amazonica.

Abater a matta dentro da sua propriedade é obra do homem laborioso e previdente; penosa e dispendiosissima. Mas nada representa em face do conjuncto das terras despovoadas e incultas, onde a floresta continuará a ser esconderijo dos animaes ferozes ou simplesmente vulnerantes, impondo uma severa interdicção á cultura das plantas economicas.

Quasi por toda a parte onde o esforço das culturas vai trabalhando a terra amazonica, um inimigo tremendo surge para destruil-as: a formiga. Não é mal regional; é nacional, vem de longa data e já uma voz autorizada assim intimidava o Brasil monarchico: "se não acabar com a formiga, a formiga acabará com elle" (G. SAINT'HILAIRE).

No Amazonas, a formiga é igualmente temivel e dizimadora. O agricultor, pequeno e acanhado, arma-se para combatel-a e exterminal-a. Investe arrojadamente, embóra isoladamente, e o inimigo evade-se para as terras limitrophes, devolutas ou grandes propriedades, cujos senhores, pela vastidão do dominio, são forçosamente negligentes e desavisados, não se fazem solidarios com aquelle que procura extinguir o flagello.

As grandes areas despovoadas, os vastos dominios latifundiarios, difficultam uma offensiva

cabal, em acção intensiva, contra a formiga. Não se pode armar, pois, pelas causas expostas, a solidariedade humana para enfrentar inimigo tão devastador nas investidas quão subrepticio nas retiradas e fugas.

Não póde o homem realizar obra efficaz de producção ou de destruição, sem se associar a seus semelhantes. A associação é-lhe condição essencial de existencia na acção productiva e até na destructiva. O homem amazonico, porém, é um solitario; vive, por contingencia da industria extractiva, obrigadamente isolado dos demais extractores, privado da solidariedade que é a grande formula de solução do trabalho humano.

Não se tem que allegar incapacidade do homem nem impropriedade da terra, ao encarar-se o desolador panorama social da planicie amazonica, devastada economicamente por uma decadencia sem par na nossa historia.

Não ha fatalidade mesologica nem geographica; não ha factor dissolvente exogeno, que especificamente destrua o surto da acção do homem. Não ha tampouco factor endogeno, ethnico ou racial, a invalidar o esforço humano.

A capacidade do homem e a possibilidade da terra não estão em causa, nem podem ser responsabilizadas pelo insuccesso da região. Não se trata de qualidade; méra questão de quantidade — immensa extensão das terras contraposta ao numero exiguo de seus habitantes. Simplesmente esta desproporção: um homem para quatro kilometros quadrados.

O homem perde-se naquelle deserto. Dissociabiliza-se. Desaggregado do grupo social, mais soffre a pressão dos instinctos do que em sociedade. A sua acção passa a ser descontinua, singularizada, annullada. Faltam-lhe, ao seu lado, combatentes para, alliados todos, afrontarem numa frente unica a grande força adversaria — a rudeza de uma terra extensissima. O inter-auxilio, a cooperação, a solidariedade, a communhão, emfim, que apesar de todos os disfarces está na essencia da vida em sociedade, consciente ou inconscientemente, todas as forças, que apertam os laços de ajuda reciproca, afrouxam-se e desatam-se.

IV

HYPERTROPHIA DE ESPAÇO. — VASTIDÃO TERRITORIAL, FACTOR TYRANNICO EM GEOGRAPHIA HUMANA. — TYRANNIA DA DISTANCIA. — A INIQUIDADE LATIFUNDIARIA. — AMAZONAS, TERRA DE LATIFUNDIO. — O DIREITO DO HOMEM A' TERRA. — DISSEMINAÇÃO DA PROPRIEDADE. — DISTRIBUTISMO.

O *espaço* — "a superficie não sómente occupada mas occupavel" — "é um bem que constitue a base indiscutivel não sómente de toda grande cidade material, mas de todo poderoso ser collectivo" (Brunhes — *Geographia Humana*). Assim definido, pelo Ratzel *francez*, arrolado é o espaço entre os "factores tyrannicos" da geographia humana. A elle está escravizado o homem, na sua funcção de agente natural ou geographico.

Em criterio são, o espaço pode ser um bem, como pode ser um mal. A sua tyrannia pode exercer-se pela exiguidade, como pela enormidade. Si ficam tyrannizados certos povos, que se debatem pela conquista do espaço para abrigar as suas po-

pulações excessivas, outros povos reduzidos em gente dispõem de enormes superficies occupaveis, que elles mal podem attingir com o esforço humano modificador da terra. Para os primeiros, o espaço é um bem; para os ultimos, um mal.

No Amazonas, como em outras regiões brasileiras, o espaço não é um bem; é um mal. A tyrannia está na grandeza territorial, a que não corresponde uma população numericamente capaz de occupal-a.

O problema do espaço, como tantos outros, não se pode estudar e resolver senão pondo em jogo todos os membros da equação. A tyrannia não está no espaço pequeno nem no espaço grande: está tão sómente na desproporção. O espaço não vale por si só, como as populações não valem por ellas proprias: num e noutro aspecto do problema, tudo está na connexão entre o espaço, que tem de ser trabalhado, e a população, que o tem de occupar.

O espaço sem dominio humano é mera curiosidade geographica. Sem dominação humana, sem ser invadido pelo espirito de conquista do homem, o espaço nada vale, tanto menos vale quanto maior é. Sem a vida, nas suas mais simples

como nas mais solemnes expressões do mundo moderno, os grandes espaços são no planispherio apenas manchas enormes de desertos ermos, silentes, improductivos.

Diz-se em esthetica que a belleza está na proporção. Tambem, em ethica, na proporção deve estar a justeza. Na mechanica dos phenomenos economicos e sociaes ainda é na justa medida que consiste a harmonia, como a perfectibilidade.

Supporta o homem amazonico a tyrannia maxima — *a distancia*, que é o "obstaculo por vencer", é o "obstaculo que se mede em tempo".

No dominio psychologico da organização do trabalho technico moderno — industrial, agricola, commercial — todo objectivo concretiza-se no intuito de economia de *esforço* e de *tempo*. D'ahi os propositos de racionalização do trabalho, pelo taylorismo, pelo fordismo, pela normalização, pelo syndicalismo, visando todos os methodos a valorização do homem pelo augmento do rendimento do seu trabalho. E', em ultima analyse, a formula global da economia do esforço e do tempo.

A distancia exerce tyrannia como factor anti-economico, por causa do retardamento e da carestia de circulação que acarreta. Para a equação do

trabalho productivo, na circulação dos productos da actividade humana, pesa o tempo do transporte que, como quantidade negativa, se mede em dinheiro. Porque a distancia mede-se em tempo e o tempo inverte-se em dinheiro, resultam, em caso de grandes distancias, o retardamento e o encarecimento da circulação d'aquillo que o homem produz.

O trabalho humano em taes condições é onerado por uma taxa deprimente, compromettedora da producção, a que corresponde o maximo factor oppressivo da circulação — a distancia, vencida com um esforço que se mede em tempo e que se despende em dinheiro.

O direito de propriedade de terras, em sua forma mais hypertrophiada, é uma anomalia social. Os latifundios são condemnados por todos os sociologos. Santo Ambrozio, citado por Letourneau, já dizia: "A natureza fez o direito commum; a usurpação fez o direito privado. A terra foi dada em commum aos homens. Porque, oh! homens ricos! vos arrogais a propriedade, a vós exclusivamente?".

O desigual direito á posse das terras ainda é a forma mais chocante da desorganização social mo-

derna. O homem, na mais espontanea manifestação de critica social, quasi sempre tolera a desigualdade da riqueza em outros valores; mas o privilegio, para alguns, da posse das terras, será sempre a maior espinha irritativa da revolta communista, porque todos se julgam com o direito de dominio sobre a terra que pisam e de tirar da terra o que ella possa dar.

E' celebre a phrase de PLINIO: *Latifundia perdidere Italiam.* LETOURNEAU assim raciocina: "Os barbaros não destruiram Roma, apenas retalharam seu cadaver. Antes da fragmentação do solo em grandes propriedades abocanhadas por uma minoria egoista, a substituição de cidadãos independentes, por escravos e colonos subordinados, tinha maculado a fonte da vitalidade romana".

Depois de condemnar o açambarcamento das grandes propriedades por uma minoria egoistica, o sociologo francez já sustentava — e elle falou ha mais de quarenta annos — que se operava uma regressão social no sentido de escravizar os colonos ou trabalhadores, reconhecendo que a maioria não tem "sobre o solo natal outro direito que o de marchar pelas vias publicas".

Sobresae assim a iniquidade que encerra em si mesma essa inequitativa distribuição das terras. Seria apenas um attentado ao interesse privado. Mas não pára ahi a consequencia do erro ou crime das sociedades, ao distribuirem iniquamente as terras. As grandes propriedades, os latifundios excessivos, entravam o saneamento, o progresso e a civilização. Attentam, pois, contra o interesse publico geral.

O Amazonas é terra de latifundios. Facilima, desde a sua exploração, era a conquista de terras extensissimas, adquiridas por meio de demarcações muitas vezes fraudulentas, a preços ridiculos.

De facto, a investida inicial no Amazonas foi tumultuosa e anarchica. Nenhum senso, nenhum criterio presidiu á sua colonização. Constituiram-se gigantescas posses, que em breve se tornaram immensas propriedades, concedidas *larga manu*, com infinita prodigalidade, pelo Estado. Desde inicio começou a pesar sobre os exploradores do Amazonas, implacavel, a tyrannia da distancia.

Nunca houve alli uma legislação de terras que concebesse o objectivo da pequena propriedade, como factor associativo da população, como recur-

so de economizar o trabalho e baratear a producção, como elemento de fixação do homem ao solo, como força de approximação dos habitantes, para solidarizal-os na acção repressiva contra as asperezas do meio ambiente.

A solução do caso amazonico, mallogrado no seu grande surto inicial de grandeza, estaria certamente no *distributismo*, isto é, na disseminação intensiva da pequena propriedade. Depois de encaral-a pelos aspectos philosophico, moral e religioso, assim encarece a significação dessa solução economica, mas não *economista* do problema social, insigne pensador e sociologo brasileiro: "Tanto o capitalismo como o communismo se fundam na *concentração da propriedade*. Naquelle, a concentração em mãos da plutocracia; neste, a concentração nas mãos do Estado proletario. O distributismo, ao contrario, se funda na *disseminação da propriedade*". (TRISTÃO DE ATHAYDE — *Preparação á Sociologia*, pg. 151).

Com a fragmentação da grande propriedade no Amazonas, ao pequeno proprietario seria exequivel o amanho da terra, que elle zelaria como dono e cultivaria como seu legitimo beneficiario.

Só assim será possivel um dia a cultura intensiva de seringueiras ou de outras plantas uteis, a verdadeira cultura economica, base de uma riqueza estavel e de uma prosperidade moralmente bem orientada. Essa seria a solução do problema do trabalho, da saude, da economia.

V

COLONIZAÇÃO ANOMALA. — OBRA DA AUDACIA SÃ E DO FLAGELLO CLIMATICO; SEM CAPITAES E SEM LEIS; SEM COLONOS SADIOS E SEM PRECEITOS SÃOS. — ABUSO DE CREDITO. — — BASE COMMERCIAL FALSA E ECONOMIA INSTAVEL. — CRISE EM PLENO FLORESCIMENTO

A colonização amazonica foi improvisada com os *retirantes* das seccas do Nordéste, á custa da immigração de famintos e incultos, que mais davam a impressão de espectros do que de homens; com o affluxo das grandes levas de flagellados, em condição da miseria physiologica e na indigencia dos mais rudimentares recursos de civilização. Foi, pois, obra de emergencia, sobretudo effeito tumultuoso de uma calamidade — a secca de 1877, e emprehendida sem bases, sem preceitos nem leis; foi uma arremettida de desespero a que se deixaram levar, quasi inconscientemente, ha cerca de meio seculo, os torturados pela sêde e pela fome no sertão nordestino.

Foi ao mesmo tempo uma aventura commercial, a que se expuzeram ousados e benemeritos commerciantes do Pará, sem capitaes nem apoio economico para obra de tão grande tomo. A audacia e o credito foram os elementos propulsores unicos daquelle emprehendimento gigantesco, que teve por fito o desbravamento de uma afamada região, notabilizada pela extensão e espessura de suas florestas selvagens e impenetraveis.

O credito era a mola das iniciativas e a base dos negocios, desde os primeiros dias da vida commercial da Amazonia, e assim foi se tornando cada vez mais facil; tornou-se facilimo. D'ahi originou-se o regime de abuso do credito, de excesso de confiança, de extravagante facilidade de negocios.

O vulto, dia a dia crescente, dos lucros, açulava aos excessos, até ao desvario. Os aviamentos de mercadorias para os seringaes eram prodigos, excessivos, absurdos. As "notas de pedidos" eram exorbitantes, envolvendo ás vezes artigos improprios e superfluos, como, por exemplo, tecidos de seda. Os *aviadores* de Manáos e Belém forneciam tudo quanto se lhes pedia, mercadorias uteis

ou dispensaveis, augmentando-lhes ainda as medidas.

Os *regatões*, impingindo quinquilharias e quejandas superfluidades, extorquiam boas sommas aos seringueiros, que desviavam dos patrões quantidades razoaveis de productos (pelles de borracha, rôlos de sernamby, pranchas de caucho), para adquirirem aquellas inutilidades.

O uso, ou melhor o abuso do alcool, constituia outra razão de gastos excessivos com habitos perniciosos á saude.

Os alimentos consistiam quasi exclusivamente em conservas carissimas e nocivas.

O seringueiro fatalmente despercebia-se da necessidade de cultivar a terra. Mas, se fazia qualquer tentativa nesse sentido, era dissuadido do seu intento pelo patrão.

Pode-se mesmo dizer que havia interdicção ao cultivo de productos alimenticios. Plantar era um crime. De um grande proprietario no rio Aripuanã ouvi a confissão de que, naquelles tempos ominosos, expulsava de seus seringaes todo freguez que tentasse fazer a pequena lavoura.

O extractor nada devia produzir, — era a doutrina, — mas apenas extrahir o ouro liquido, que jorrava abundantemente das seringueiras. Naquella epocha de grandeza mal aproveitada, de desperdicio e de imprevidencia, era crime produzir; só era licito extrahir e destruir!

Era como se presidisse a tudo um malsão proposito de encarecer o custo da vida, para corresponder á hypertrophina da capacidade acquisitiva do seringueiro, ampliada dia a dia pela ascendente valorização das gommas.

Que importava, aos desavisados seringueiros, o prejuizo para a saude, se a ignorancia lhes vedava a comprehensão do perigo dos venenos alimenticios? Que transtorno lhes fazia o comprometimento dos saldos orçamentarios, si eram todos da região arrebatados pela voragem dos sempre crescentes negocios da borracha?

O empenho de todos era vender o maximo e pelo maior custo. Assim occorria nas transacções entre o seringueiro (*freguez*) e o seringalista (*patrão*), como entre este e o commerciante fornecedor (*aviador*) das praças de Manáos e Belém.

O factor mais deprimente da vida commercial amazonica era a carestia da vida, que não se aggravava apenas pela "tyrannia da distancia", mas ainda por uma impiedosa oneração das facturas de generos do consumo de primeira necessidade. Os preços, por que chegavam as mercadorias ás mãos do extractor, eram fabulosos e incriveis: representavam cerca de quatro vezes o custo no Rio de Janeiro, e ás vezes mais.

Ao apurar as responsabilidades do mallogro amazonico, no que tange ao encarecimento das facturas, opinam alguns pela culpa do *aviador* e outros pela do *patrão*. Em sã justiça, devem ser divididas as responsabilidades: os preços das mercadorias fornecidas ao seringueiro eram aggravadas pelas taxas do *aviador* e ainda mais sobrecarregadas pelas do *patrão*, sendo de registrar que, em muitos seringaes, os respectivos proprietarios aviavam certos *freguezes*, que, por sua conta feitos *patrões*, aviavam os seus *freguezes*.

A engrenagem dos negocios ficava dess'arte ainda mais complicada e encarecida. Neste ultimo caso, o *freguez* feito *patrão* sobrecarregava, com mais uma terceira taxa de commissão, os aviamentos feitos aos seus extractores ou seringueiros.

Deixe-se elucidado um ponto obscuro na vida commercial do Amazonas. E' que a oneração dos aviamentos não se fazia tanto como uma forma de ambição de lucro, mas quasi se impunha — aliás por interpretação erronea — como um esforço compensatorio da contabilidade dos seringaes, para cobrir as perdas e os desfalques acarretados pela evasão do *freguez*, naquelle regime de irresponsabilidade, de falta de justiça e de policia, em que jazia a sociedade dos sertões amazonicos.

Considere-se ainda, para bem medir o despropósito dos onus a pezarem sobre o extractor, que, além do custo excessivo das mercadorias constantes dos aviamentos, incidiam sobre a sua "conta de venda" todas as despezas da remessa da borracha, inclusive os impostos, sacrificado ainda o saldo do seringueiro pela infidelidade da pesagem e da classificação das gommas.

Com esses dois elementos, de hypertrophia de debito e de atrophia do credito, operava-se o balanço da *conta corrente* do extractor da seringa, muito mais inclinado para o *deficit* do que para o saldo.

Desde esse tempo data a precariedade do saldo. Raramente o seringueiro o alcançava; ainda

mais raramente o lograva o patrão. E este facto deve ser realçado. O desequilibrio do orçamento do proprietario do seringal era fatal e provocado pelas duas causas acima explanadas: despezas excessivas e superfluas, de um lado; e, do outro lado, carestia da vida, consequente dos vicios a que estava subordinada a majoração das facturas.

Evidencia-se nitidamente que, mesmo na quadra de apogeu da vida economica do Amazonas, já se registrava, e perturbador, o desequilibrio nas contas dos seringueiros e na propria contabilidade dos seringaes.

A crise da borracha data, pois, dos tempos em que era ella supervalorizada, isto é, em que o kilo lograva a fabulosa cotação de 15$000, correspondente a cerca de uma libra esterlina e ás vezes mais. Basta considerar que ella hoje não alcança senão poucos *pence*, para ter idéa clara da situação calamitosa em que se asphixia a economia amazonica, seriamente ameaçada de anniquilar-se.

E' de surprehender, ao exame retrospectivo do phenomeno, que, com producção supervalorizada, a economia da industria extractiva vivesse já medularmente lesada. A crise minava desde então o systema da vida economica, mas não era per-

cebida porque o credito, base nociva de todos os negocios no Amazonas, por ser recurso prompto e facilimo na epocha, cada vez mais dilatado, tudo podia conter e supportar.

Não havia uma crise da borracha, dia a dia mais procurada e mais bem cotada, mas sim um desequilibrio do proprio systema commercial, em que se realizavam os negocios sobre aquelle unico elemento da producção amazonense.

Nem se apercebiam, naquelles tempos heroicos da seringueira, do desequilibrio das contas commerciaes. De anno para anno, porém, iam-se avolumando os debitos crescentes, cujas cifras condiziam com a capacidade de credito de cada proprietario devedor. O facto era trivialissimo. Porque, naquella éra de negocios fabulosos e de esbanjamentos incriveis, computava-se o grau de prosperidade dos donos de seringaes pela sua capacidade de dever. Avaliava-se a fortuna de cada um, pelo algarismo de sua divida nas praças commerciaes das duas capitaes da Amazonia. Exprimia-se a "riqueza" pelo debito. Assim apontava-se um proprietario: "Esse homem é muito rico: deve dois mil contos". Queriam dizer: Dispõe elle de

tanto credito que pode dever dois mil contos. O credito, em realidade, era um bem, uma riqueza.

Iniciada a decadencia da borracha, o saldo devedor continuava a crescer, additando-se aos anteriores, mas já nessa epocha de modo sensivel, porque o volume de negocios, traduzido nas cifras das vendas, era bastante menor.

O commerciante (*aviador*), nas praças de Manáos e Belém, começava a soffrer a pressão dos vencimentos de titulos; porque o *aviador* de seringaes tomava obrigações a prazos fixos, ao passo que os compromissos do seringalista eram *sine die*. Este recebia as mercadorias e, para respectivo pagamento, fazia remessa da borracha, na epocha e na tonelagem que a producção désse; recebia as mercadorias que pedia e pagava-as com a borracha que a extracção pudesse assegurar.

O commerciante, nas capitaes, começava a luctar com os vencimentos de titulos; o seringalista, apenas com a exiguidade do preço das gommas.

O *aviador* ficou assim na attitude temeraria do jogador que insiste, que teima em jogar, para reivindicar o prejuizo verificado; continuava a fornecer mercadorias para cobrir o *deficit* de seu aviado, que crescia de anno para anno.

Assim foi-se aggravando, até a completa *débacle,* a vida economica da Amazonia, toda ella, naquelle tempo, litteralmente tributaria da borracha.

Foi uma catastrophe commercial em que sossobraram as maiores casas commerciaes do Pará e Amazonas, com seus capitaes, com suas flotilhas de dezenas de navios apropriados á navegação fluvial, com seu credito, com a fortuna particular de seus socios. Tudo desappareceu. Nada restou daquella grandeza commercial apparatosa, que desenvolveu uma das maiores forças da economia da Nação, tendo chegado a assegurar, á nossa balança internacional de contas, a contribuição annual de vinte milhões de libras esterlinas. E' que, naquelles tempos da grandeza amazonica, a borracha figurava como a segunda cifra na exportação de productos brasileiros.

VI

APOGÊO DA GRANDEZA AMAZONICA — AMAZONAS "GREAT ATTRACTION" PARA TODAS AS AMBIÇÕES. — "FAR WEST" AMAZONICO. — ARISTOCRACIA DOS "NOUVEAUX RICHES" DA BORRACHA. — A ÉRA DOS SERINGUEIROS. — VIDA MUNDANA INTENSA. — DISSIPAÇÃO, BACCHANAL DE NEGOCIOS E DE PRAZERES. — — SCENAS FABULOSAS

A vida economica e social do Amazonas atravessou notavel periodo de intensidade e trepidação, que lhe assignala a phase do *far-west* amazonico. Foi uma quadra de esplendor para a vida commercial, cujas larguezas se reflectiram na prosperidade do erario publico.

A administração publica e a administração privada davam expansões a uma prodigalidade sem medida, que o exito crescente dos negocios da borracha cada vez mais excitava. A fama do Amazonas chegava a todos os recantos do Brasil. De toda a parte accorria gente, de diversas classes e condições, para o então afamado estado do extremo septentrião brasileiro, onde fora descoberta

uma arvore cujo lactex se transformava em ouro. Chegou-se a crear a lenda da "arvore que dava dinheiro".

Homens praticos e ambiciosos vulgares encaminhavam-se para aquelle paraiso de negocios, que tambem seduzia em tal epocha algumas das mais peregrinas intelligencias a despontarem na alvorada da Republica. Todos aspiravam a seguir para lá em busca de fortuna. O Amazonas era a "America" dos que ambicionavam um futuro aureo.

Essa gente, que visava posições confortaveis e negocios faceis com o Governo do Estado, quedava-se na Capital. Não tomou caracteristica propria, e, na grande maioria, não creou raizes alli. Ao intenso fluxo dos ambiciosos das primeiras horas, na ancia de dinheiro e posições, succedeu o refluxo, para os respectivos pontos de origem, assim que a febre de lucros começou a declinar.

Tal gente, no Amazonas, por esse tempo, caracterizava-se apenas pela prodigalidade nos gastos que se tornou proverbial. Symptoma natural, decorrente do lucro facil e excessivo.

O meio social creou, entretanto, desde aquelles tempos, uma figura caracteristicamente regional

e inconfundivel, que desfructou grande notoriedade na epocha aurea da borracha e ficou definitivamente catalogada na galeria dos typos nacionaes — o *seringueiro.*

O homem representativo da região era o *seringueiro,* que se apresentava sob dois sub-typos: o seringalista (proprietario ou patrão) e o seringueiro propriamente dito (extractor). A designação manifestamente pejorativa de *seringueiro* abrangia a ambos, ainda com mais razão porque o patrão, na maioria dos casos, começava por ser extractor.

A posse facil de latifundios e o abuso de credito geraram, em individuos de condição inferior e crassamente ignorantes, os habitos de abastança e perdularismo, o vezo da prosapia e fatuidade, que caracterizavam em outros tempos a gente dominadora dos altos sertões amazonicos.

Destacou-se deste modo uma aristocracia bastarda, de *nouveaux riches,* de proprietarios enricados bruscamente, da noite para o dia, cujo prestigio fôra effeito miraculoso dos negocios da borracha.

Não houvera uma estratificação de camadas sociaes pela ordem crescente dos meritos ou das tradições, mas apenas a superposição das duas

classes, a dos que mandavam e a dos que estavam subordinados, differenciada a primeira apenas pelo merito exclusivo da conquista de terras. Não havia, pois, uma aristocracia de sangue nem de cultura, mas tão somente o exito de uma casta privilegiada, poderosa e dominadora — a dos patrões, á qual se subordinavam os escravizados ao trabalho insano, nos centros de extracção do leite de seringueira. Não se haviam apurado attributos de estirpe ou predicados de capacidade. A classe alta, plebéa de origem, era producto do arrivismo, da aventura, da conquista, dos caprichos da sorte, emfim.

No assalto dado a uma terra sem dono, sem elementos nativos, sem gente, por columnas de forasteiros famintos e mal roupidos, alguns fizeram-se senhores potentados, e outros, escravos da gleba. Aventureiros todos, prevaleceu e decidiu certo instincto, que foi segredo de muitas conquistas. Não seria seguramente o merito da cultura porque, era notorio, muitos proprietarios de seringal, desfrutando riqueza e poderio naquelles tempos, não tinham siquer noticia do alphabeto. Intelligencias espontaneas, com aptidão pratica e capacidade de mando, supprindo as deficiencias de instrucção e

de recursos materiaes, muitos immigrantes nordestinos souberam fazer-se senhores e poderosos.

As figuras do "seringueiro-patrão" e do "seringueiro-extractor", — confundidas na designação generica, mas differenciadas na especificação de classe, — encheram as chronicas da vida da capital do Amazonas, nos trinta primeiros annos da Republica.

O *seringueiro-patrão* era, quasi invariavelmente, uma figura grotesca, trajando roupas mal ajustadas, de padrões espaventosos e cores berrantes, carregando pesado relogio em grossa corrente de ouro e não se despojando jamais do escandaloso annel de enorme brilhante, o annel-holophote. Levava vida nababesca, de gastos exorbitantes e desperdicios incriveis, emquanto permanecia na capital, que visitava todos os annos para fazer compras e dispôr negocios, na epocha da descida do producto da safra.

Restituido ao seringal, reencetava no *barracão* a vida habitual de trabalho, de modestia e de isolamento. Porque, se havia no interior do Amazonas, á epocha aurea, alguns seringaes com construcções confortaveis para residencia e installação

commercial, deve ficar assignalado que tal se verificava principalmente no Rio Madeira, a região mais civilizada dos sertões amazonicos. Fui hospede, ha cerca de trinta annos, de um dos maiores proprietarios do interior, dono de tres grandes seringaes e arbitro do commercio de uma dilatada zona do alto Purús, cuja installação de moradia e de negocios era precarissima: casa coberta de palha, paredes e soalho de pachiuba (com taboas levemente convexas e mal apparelhadas), serviço domestico humilimo e passadio deficientissimo.

Faltava, nessas installações, tudo quanto fosse indicio de prosperidade economica e de bem estar — commodidade, previdencia, conforto.

O seringueiro propriamente dito, o extractor, era uma figura quasi caricatural, mal amanhado nas fatiotas de casemiras ou de mescla, constrangido nos sapatos a que não estava habituado, gastando a rodo, tambem, como o patrão, e, distanciado da esphera deste, praticava na sua os mesmos excessos de despeza e gastos superfluos. Frequentes eram os casos em que o seringueiro perdia em quinze dias ou um mez, em Manáos, o saldo que accumulára durante muitos annos de trabalho insano e escravizador. Exgottado o peculio, com que

se ia encaminhando para gozal-o na saudosa terra nordestina, dirigia-se de novo ao escriptorio da casa aviadora e ahi implorava uma passagem para retornar ao alto, onde de bom grado reencetaria a servidão de que já se havia emancipado.

A capital do Amazonas era a esse tempo uma grande praça com todas as seducções para o seringueiro.

Manáos ostentava uma vida mundana intensa e quasi escandalosa. As casas de prazeres e vicios regorgitavam. O meretricio, com contingentes sempre renovados de Paris, Buenos Ayres e Rio, valorizava-se desbragadamente. Havia *bars* que não fechavam, eram frequentados durante toda a noite. Bebia-se champagne como hoje se bebe chopp.

Registram as chronicas escandalosos episodios, de que eram protagonistas certos seringueiros abastados, que, em exhibição espalhafatosa, vasavam o conteúdo espumante de uma garrafa de champagne numa só taça, para o excedente extravasar e desperdiçar-se. Precursores dos *coroneis*, eram pagadores ou *marchantes* complacentes, explorados por certos bohemios ou por individuos inescrupulosos, nos *bars*, cafés, pensões, hoteis,

clubs, theatros, cinemas ou prostibulos. Nestes, porém, eram duplamente extorquidos, nas libações e nos prazeres, a que as venus mercenarias os arrastavam.

Eram os sustentaculos d'aquellas bacchanaes que se celebravam em Manáos, centro modernizado e provido de todos os recursos apparatosos de conforto e de prazer das grandes cidades de vida mundana intensa e supercivilizada.

A força do contraste, — entre a visão allucinante da cidade cheia de ruidos e de prazeres, de luzes e de diversões, e a impressão longinqua da vida vegetativa e monotona dos seringaes, — era, no dominio daquelles espiritos, empolgadora e absorvente.

A fascinação da cidade, sobre o egresso das selvas, produzia um phenomeno de conquista instantanea: a cidade, com os seus encantos e seus vicios, seduzia-o e desvairava-o. Era elle uma presa facil e condemnada.

Correlata áquella categoria de extorsões, praticadas no mundo dos prazeres, installava-se, nos desvãos da vida social, a grande industria da exploração dos magnatas da seringa e a pequena industria dos contos de vigario, para cevar-se na cre-

dulidade dos pequenos seringueiros, mais humildes nas exhibições e nos prejuizos.

Era a vasta planicie o imperio da fraude — fraudada a terra pelo homem, fraudado o homem pela sociedade.

VII

FALTA DE LEIS DO TRABALHO E DA PRODUCÇÃO. — O CHAOS PRODUCTIVO. — DESORGANIZAÇÃO DA VIDA ECONOMICA. — SIMULACRO DA FRAGMENTAÇÃO DOS LATIFUNDIOS. — ANOMALIA DA VIDA COMMERCIAL. — PARASITISMO. — REGIME DE ESCORCHA. — CLIMAX. — A "DEBACLE". — A DESOLAÇÃO ACTUAL.

O trabalho nos seringaes peccava pela mais desabalada desorganização. Não havia methodo nem rendimento proporcional.

Em rigor, o seringueiro não trabalhava nem seis mezes ao anno, porque, durante o periodo da enchente, a extração do leite de seringueira era suspensa. O periodo da collecta, em certos annos, não attingia senão quatro mezes.

Onde, em que terra e em que regime de trabalho, occorreria acaso o homem trabalhar ou produzir apenas em seis meses para viver doze?

Durante os meses de inercia forçada, o seringueiro deixava o centro, recolhia-se á ociosidade do *barracão*, á margem do rio, e alli permanecia, trepado ao girau das habitações de palafitos, a olhar o tempo, a comer, a beber e a fumar.

Quando em plena actividade extractiva, era o seringueiro lesado na sua capacidade de trabalho, de modo grandemente damnoso ao seu orçamento. Não que ficasse jungido á inoperosidade; não. Ao contrario, encetava o seu labor ainda pela madrugada, quando iniciava a marcha em busca das estradas de seringueiras, só retornando á barraca quasi ao declinar da tarde. Porque fazer o percurso de uma "estrada" de seringueiras, percorrel-a cravando as *tijellinhas* nas arvores e de novo repetir o percurso para recolher o leite extrahido, não é empreza somenos e breve.

Quem ouve falar em estrada de seringueiras, forma talvez a idéa de uma alameda traçada geometricamente, balisada pelas heveas altaneiras, cujo leito fosse aplainando e abrindo no seio da floresta caminhos suaves, como os de um parque plantado symetricamente, através dos quaes o per-

curso equivalesse a um passeio recreativo. Nada mais distante da realidade. "Estrada", nos seringaes silvestres do Amazonas — e são todos quantos lá vicejam ou decahem — não é outra cousa senão a linha, sempre arbitraria que, através de accidentes e sinuosidades, dista de uma á outra seringueira, em extensão que pode ir de centenas de metros a kilometros; porque os seringaes amazonicos são nativos, silvestres, não foram plantados pelo homem, animado do proposito de reduzir a distancia intermediaria a duas arvores. Trata-se, pois, de um caso typico de cultura espontanea, extensiva e desaggregadora, dissolvente e annulladora do esforço humano.

Se, no aproveitamento desses seringaes silvestres o esforço intelligente do homem, através de meio seculo de exploração, os houvesse transformado em seringaes plantados, a cultura intensiva das heveas teria reduzido as distancias entre as arvores e, conseguintemente, augmentado muitas vezes, talvez decuplicado, a capacidade extractora do seringueiro.

No regime de collecta que se tivesse então fixado, a desvalorização da borracha não seria a

causa do descalabro amazonico, porque o minguado preço das gommas estaria compensado pelo volume da sua producção, por muito maior extracção do leite da seringueira.

Nem codigo de trabalho, nem policia existia nos seringaes.

Euclydes da Cunha lança sobre os *patrões* uma accusação grave, pelo despotismo que exerciam nas transacções com os *freguezes;* mas é de justiça assignalar que nenhuma garantia era assegurada aos primeiros, em taes relações.

Se é verdade que ao iniciar o *fábrico* já estava o *brabo* onerado pelos dispendios de viagem e estabelecimento no *centro*, inegavel tambem é que não havia meio coercitivo — porque legal absolutamente nenhum era praticavel — capaz de compellir o seringueiro ao cumprimento do contracto que, com o aviamento, tacitamente acceitara.

Evadiam-se, frequentemente, muitos freguezes de uns seringaes para outros, sem indemnização ou satisfação de qualquer especie aos *seringalistas* lesados.

Egressos de uns seringaes, ingressos em outros, os seringueiros escudavam-se em acobertadora impunidade. E orçavam por grande som-

mas as perdas totaes que nas fugas infligiam aos respectivos patrões.

No obscuro e desarticulado systema de organização de trabalho dos sertões amazonicos, define-se ainda hoje incaracteristicamente o papel do extractor, indagando alguns curiosos se elle será um assalariado, um tarefeiro ou um meeiro.

A' primeira analyse, colhe-se a impressão de que o seringalista ou *patrão* compra o producto de sua propriedade ao seringueiro extractor; aprofundado, porém, o exame da operação, conclue-se que não é bem esse o facto.

O que ha em realidade, naquelle mundo de façanhas imprevistas e de extranhos costumes, é um simulacro de fragmentação de latifundio: O proprietario localiza em dado sector do seu seringal um *seringueiro*, que extrae o leite das heveas, *defuma-o* até completa coagulação, marca com o seu signal as *pelles* de borracha por esse processo obtidas, remette-as ao patrão, podendo illudir a vigilancia deste e negocial-as com o *regatão*.

Estaria assim caracterizada a propriedade, embora precaria, conquistada pelo seringueiro ou extractor. Mas em realidade o phenomeno é mais confuso do que lhe indica a apparencia: O serin-

gueiro que extrae o leite, manipulando a gomma, exporta o seu producto, por intermedio do patrão, para ser vendido, com sua marca e por sua conta, nas praças exportadoras de Manáos e Belém. Até ahi definem-se nitidas as caracteristicas de propriedade conquistada pelo seringueiro sobre a terra que elle está explorando. Levando, porém, mais longe a analyse, surprehende-se logo a essencia do facto: a borracha pertence ao seringueiro; todas as despezas (fretes, seguros, despachos), assim como todos os impostos, incidem automaticamente sobre o extractor por constarem da "conta de venda", extrahida em nome delle, sobre quem recahem esses dispendios e ainda todos os damnos oriundos da infidelidade da pesagem e da classificação da borracha (*a fina* é mais cotada que a *entrefina* e esta, podendo ser *fraca* ou *forte*, tem maior preço que o *sernamby*).

E' o extractor, portanto, proprietario do seringal, porque lhe compete desbraval-o, exploral-o, extrahir o leite das heveas, fabricar a borracha e exportal-a, affrontando os riscos da extracção e o gravame de todos os onus, impostos inclusive. A terra é sua (do *seringueiro*) porque elle arca com todos os pesados encargos da sua exploração. A

terra é sua emquanto elle está escravizado por essa penosa servidão. Mas, á gleba, não se póde fixar o seu escravo. Amanhã deixa-a e o latinfundiario, cego na sua perenne illusão de ser senhor daquelle dominio, continua a supportar a grilheta de uma posse que lhe opprime a existencia. Quanto ao *seringueiro*, que se evade ou que licitamente se desloca de um seringal para outro, permanecerá errante, obedecendo á impulsão de um nomadismo inevitavel, que não é uma fatalidade do meio cosmico; é pura contingencia da mesologia social, anarchica, informe, chaotica.

Ainda não houve exploração da terra com base economica tão instavel, nem systema de trabalho e de negocios erguido sobre fundamentos tão falsos, capciosos e inconsistentes.

O que simulava divisão e distribuição da grande propriedade, disseminação da propriedade agricola, por supposição enquadrada na concepção racional e humanitaria do *distributismo*, não passa de um estratagema, consciente on inconscientemente instituido através dos tempos, para impôr ao productor, ao *seringueiro*, esmagando-o, todos os encargos, onerosos e espoliativos, da exploração dos latifundios.

O latifundiario — o proprietario do seringal — deixa, em verdade, de ser industrial, muito menos agricultor, para fazer-se exclusivamente negociante. Localiza em suas terras, nos limites de areas de dada extensão, os seus freguezes, que se internam pela matta a dentro, a tres, cinco ou mais dias da margem do rio. Fornece-lhes os aviamentos por preços quatro vezes maiores que os do Rio de Janeiro e encaminha para as praças exportadoras o producto do trabalho desses seringueiros, representado pela borracha, attribuindo-lhes todos os encargos da remessa e da venda.

Sobre o extractor — vê-se inilludivelmente — cahem todos os onus: mercadoria carissima para consumo e custo de producção deprimido pelos dispendios excessivos.

A economia do Amazonas foi sempre gravemente parasitada. Por uma illusão do máo sentido dos negocios, não souberam, os responsaveis pela respectiva direcção, comprehender este perigo: sobrecarregar o agente da extracção das gommas, e desequilibrar o seu orçamento, seria condemnar a construcção commercial ajustada sobre os vigamentos daquella producção.

Não comprehenderam que, sem sanear a economia do seringueiro, a do seringalista estaria affectada de mal organico; com a instabilidade da economia do seringalista, a do commerciante aviador estaria periclitante.

E ainda hoje, neste momento sombrio em que a borracha atravessa a sua hora tragica, o tragico problema economico do Amazonas inscreve-se singelamente nos termos de um simples problema arithmetico. E a sua solução depende apenas de uma cotação das gommas que permitta o equilibrio orçamentario da modestissima vida do seringueiro.

Pelo preço vil das cotações actuaes, a producção de um seringueiro, por maiores possibilidades de extracção, é muito inferior, em valor monetario, á minguada somma dos seus gastos reduzidissimos. O equilibrio, indispensavel e basico, é humanamente impossivel nas condições presentes, nos seringaes nativos ou selvagens, onde é o homem esmagado pela tyrannia de factores mesologicos, cosmicos e sociaes. (*)

. . . .

Com a faina nefasta de devastação, através da qual se processou no Amazonas a obra talvez mais

(* Este livro foi escripto em 1931 e editado em 1933).

vultosa de economia destructiva sobre a terra, ergueu-se um systema de trabalho defeituoso e falho, dos alicerces ao vertice, comprometedor da economia, da producção, da grandeza e da liberdade daquella gente valorosa, que, sem recursos nem orientação, emprehendeu a tarefa cyclopica de penetrar, desbravar e domar os sertões amazonicos.

O homem em face das acções climaticas e telluricas

SEGUNDA PARTE

Preconceito climatico

Uma crença quasi supersticiosa, que presuppõe a acção directa do clima sobre o homem e os agrupamentos humanos, tem dominado o espirito de investigação historica, desde MONTESQUIEU a HUNTINGTON. As primeiras restricções a esses excessos, devemol-as ao negativismo de VOLTAIRE. Mas nem por virem de tão longe e de tão alto e, talvez, por isso mesmo, taes erros de interpretação foram corrigidos; ao contrario, eternizam-se.

O clima de dada região ainda constitue um estigma do homem que a habita. Consagra-se dess'arte uma heresia secular.

Ficou arraigado, por phenomeno de estagnação mental, senão de retorno através do preconceito que a astrologia fundou e que a sciencia, retardada, por dilatadas éras tem incrementado.

Impalpavel e incorporeo na sua essencia, como outr'ora era concebido o agente causal de qualquer

morbus, deveria elle agir por força do clima ambiente, que, além disso, exerceria uma actuação mysteriosa sobre o homem e as sociedades humanas.

Dar-se-ia a revivescencia da concepção animica do universo, attribuindo "genio do bem" ou do "mal" ás cousas do mundo? Ou seria a sobrevivencia daquelle sentimento ingenuo do homem primitivo, que nos chega através da mythologia, segundo o qual o ser humano sentia a revelação da divindade em todas as expressões e phenomenos do mundo physico?

Tratar-se-á, certamente, da "mentalidade primitiva" de que RENAN condensa este juizo nos "Estudos religiosos": "Mui differentes eram as impressões e as divindades das montanhas, como eram outras as da terra e ainda mais diversas as do fogo e dos vulcões, as da atmosphera e de seus variados phenomenos". E mais adiante: "Tudo quanto impressionava o homem, tudo o que excitava em sua alma a impressão do divino, era deus ou elemento de um deus: um grande rio, uma grande montanha, etc."

Gerou-se assim a crença na acção sobrenatural da atmosphera e dos agentes atmosphericos, a

qual se vem transmittindo e propagando de geração a geração. Como corollario surgiu a suspeita da influencia perniciosa de certos climas; e o anathema foi arremessado contra os climas quentes.

Seria pelo rigor? Mas se nos tropicos ha excesso de calor, excesso de frio supporta-se nas zonas temperadas, para não falar nas glaciaes, em qualquer hypothese verificando-se uma condição de temperatura exaggerada e rigorosa.

Qual dessas condições climaticas mais impropria seria ás funcções organicas? Não se exerce a vida, em plena regularidade funccional, no ambiente thermico mais severo que se conhece sobre a terra, independentemente de resguardo e vestimenta? Sim. Exercer-se-ão as funcções vitaes com exacta regularidade nos climas frios, sem protecção e indumentaria apropriada? Não.

Logicamente deve concluir-se, pois, que muito mais compativel com a vida é o clima quente do que o frio. A physiologia em nenhum delles se modifica. Nas regiões onde as estações são bem caracterizadas, havendo quadras de frio intenso e de calor excessivo, não se altera, no organismo humano, o mechanismo physiologico, por influencia de qualquer desses periodos climaticos. A physio-

logia é sempre a mesma: não ha uma physiologia de inverno e outra de verão. Não ha. Os individuos que fazem permanencia nas regiões arcticas, como os que estacionam nas zonas torridas (no Sudão a temperatura avizinha-se de 50°C á sombra), não denotam alteração perceptivel do funccionamento organico. E se considerarmos as limitadas oscillações deste, ao grado das repercussões climaticas, registraremos nas zonas quentes menor actividade renal, produzida pela super-transpiração compensatoria, facilitadas dest'arte a eliminação e a desintoxicação.

O homem não é uma machina inerte em face do meio ambiente: elle dispõe de um apparelho de regulação que tende a manter o equilibrio entre o organismo e o meio cosmico. Entram em acção, para dito objectivo, o apparelho circulatorio e o systema nervoso, numa synthese funccional de que resulta a accommodação, a adaptação ás circumstancias occorrentes. E' o apparelho neuro-vegetativo o regulador decisivo dessa acção.

O meio organico está em jogo com o ambiente cosmico nessa regulação, que assim bem se define: "Em face de uma temperatura elevada, os capillares cutaneos se abrem largamente, pela respira-

ção elimina-se mais vapor d'agua, as oxydações se attenuam; em summa, a machina humana produz menos e irradia mais. Se o frio fustiga o nosso corpo, phenomenos diametralmente oppostos asseguram o equilibrio thermico: a vaso-constricção dos capillares impede a irradiação calorifica e difficulta o contacto do sangue com a epiderme fria, os movimentos respiratorios se intensificam fornecendo ao sangue mais oxigenio para alimentar as combustões, que são augmentadas — o organismo produz mais e irradia menos calor". (ANNES DIAS — *A Sensibilidade Cosmica*).

Para neutralizar os excessos de calor, nas suas modalidades de quente ou de frio, ha, pois, um automatismo defensor do organismo — é o acto regulador acima exposto.

Considerando o homem sob a influencia barometrica, verificamos egualmente a sua capacidade organica de poder equilibrar-se com a pressão atmospherica. E como a vida só é possivel dentro de certos limites dessa pressão, entre esses extremo exerce-se a capacidade de regulação do organismo em face das modificações de pressão do ambiente.

Assim, transferido o organismo a uma grande altitude, encontra menor proporção de oxygenio e augmenta o numero e a extensão dos movimentos respiratorios com o fim de, na unidade de tempo, obter a mesma quantidade de oxygenio. Ao mesmo passo, pelo acrescimo de hemoglobina e do numero de globulos vermelhos, fica assegurado o poder oxydante do sangue. (ANNES DIAS, *loc cit*).

Essa é a regulação maxima, que se verifica nas grandes altitudes, em virtude de profundas modificações da pressão atmospherica. Para as pequenas variações, na mesma altitude, a accomodação exercida pelo apparelho regulador processa-se por um automatismo docil e prompto.

Em summula, as influencias thermometricas e barometricas — metereologicas ou climaticas — não são sensiveis aos organismos funccionalmente regulares. E' preciso que o funccionamento organico esteja entravado, que o apparelho regulador esteja sacrificado por qualquer disturbio, para que a acção desfavoravel do meio cosmico não seja neutralizada pela actividade organica e reaccional apropriada.

Tal é o apparelhamento humano ajustado para reagir contra a acção dos climas mais rigoro-

sos. E o do Amazonas não pode ser arrolado entre taes.

Como verificação thermica, o clima do Amazonas não pode ser impugnado como dos mais severos. Em dez annos de observação official, a media em Manáos foi de 28°C, sendo a maxima 38 graus e a minima 18 graus. As noites são sempre toleraveis, mesmo nas epochas mais calidas, e geralmente amenas. A' medida que se chega aos pontos mais elevados dos altos-rios, attingindo-se altitudes sensivelmente maiores, a benignidade da temperatura se patenteia e se accentua.

A impressão dos mais afamados exploradores do Amazonas é literalmente favoravel ao seu clima, que, para WALLACE, é o mais ameno do mundo. HUMBOLDT, apregoando-lhe a excellencia, prophetizou para a *hylœa* o destino de abrigar a super-civilização do futuro. AGASSIZ e RECLUS abonam-lhe o credito de um clima supportavel e compativel com a vida.

Os progressos da sciencia e da civilização modernas não alteraram a visão dos grandes sabios e dos observadores. O estudo mais completo, mais complexo, mais scientifico e mais moderno sobre a Amazonia, devemol-o á Missão Americana che-

fiada por William Schurz (1923-1924). E' o mais fundamentado documento sobre o valle amazonico, produzido por technicos e especialistas que, com recursos experimentaes estrictamente scientificos, estudaram demoradamente a região. Eis a synthese do seu juizo sobre o clima do Amazonas, vasado no relatorio do respectivo chefe: "O valle do Amazonas não justifica a reputação que se creou de um clima especialmente quente, humido e insalubre. Goza, muito ao contrario, para uma região equatorial, de clima relativamente agradavel e de forma nenhuma mortifera ao colono ou viajante que procure paizes tropicaes. De uma forma geral deve considerar-se o clima de toda a bacia hydrographica muito uniforme e regular". E continúa no mesmo tom rehabilitador: "A bacia amazonica possue menor humidade atmospherica do que as regiões do Oriente, productoras de borracha, sendo o ar distinctamente mais secco. Conseguintemente o europeu é capaz de maior trabalho e esforço mais demoradamente no Amazonas. Em qualquer parte do valle o europeu pode sahir de dia ou á noite, a qualquer tempo, de ligeiro chapéo de palha ou até mesmo descoberto, sem o perigo da insolação. Durante nove mezes de nossa

viagem naquellas paragens, nunca a humidade atmospherica provocou *"the depressing mugy faling"*, tão frequente nas terras baixas da Malasia Britannica e India Neerlandeza. O valle do Amazonas não é sujeito aos ventos violentos, que actuam de maneira destruidora nos tropicos orientaes e nas zonas temperadas. Não se observam alli as ventanias que varrem a Malasia ou Sumatra".

Esse julgamento, calcado nas observações e estudos directos, colhidos em diversos pontos do Amazonas, durante nove mezes, por technicos especializados e insuspeitos, destróe todas as affirmações, precipitadas e inconsistentes, sem criterio scientifico nem autoridade idonea, que têm sido articuladas contra o clima e a salubridade da região amazonica.

O Dr. Kosaku Oishi, chefe de uma expedição japoneza que está explorando terras de Maués, no Baixo-Amazonas, assim se exprime, em carta, ao Snr. Leonardo de Castro, Consul Geral do Brasil em Yokohama: "Sobre o clima d'aqui, todos nós não poderiamos acreditar que fosse tão agradavel. Agora aqui estamos no inverno: de noite só se pode dormir com um cobertor de lã; faz frio e queriamos usar o *futon* japonez".

O Snr. H. Fukuhara, tratando da mesma região, assim sobre ella se manifesta, em carta á referida autoridade consular: "E' meu pensamento povoar o Baixo-Amazonas, onde o clima é excellente e as mattas contêm muita riqueza".

O preconceito levantara sobre o clima amazonico suspeitas graves. Os observadores, cultos ou não, apressados e desajudados de recursos experimentaes de estudo e observação, consolidavam um juizo erroneo e condemnatorio da região. E o proprio Euclydes da Cunha, com o poder de suggestão de sua palavra oracular, proferiu a heresia maxima sobre o clima do Amazonas. Eis o seu temerario juizo: "O calor humido das paragens amazonenses deprime e exhaure" (*Os Sertões*, pg. 78).

Em sua magnifica obra *Energétique Clinique*, MARTINET define magistralmente a energia excitadora dos elementos physicos que nos cercam. A sensibilidade humana acóde a essas excitações, sujeitos que estão os phenomenos humanos ás oscillações do ambiente cosmico. Mas não se sabe, á luz desses ensinamentos, como legitimar o mechanismo alvitrado pelo insigne Euclydes.

Si é verdade que, a toda variação do ambiente cosmico, corresponde uma variação do ambiente organico; si é um facto o mechanismo auto-regulador do organismo humano, como acceitar, sem demonstração, que "o calor humido das paragens amazonenses deprime e exhaure"? Como acceital-o, se nada nos demonstra que a auto-regulação possa, alli, ser compromettida por um supposto desequilibrio, entre as solicitações periphericas e a reacção das funcções centraes?

Euclydes leva ás ultimas consequencias o phenomeno que elle suppõe se passar na vida do homem amazonico e attribue ao "calor humido", que "deprime e exhaure", estes graves damnos: "Modéla organizações tolhiças em que toda a actividade cede ao permanente desequilibrio entre as energias impulsivas das funcções periphericas fortemente excitadas e a apathia das funcções centraes". E assim explicando o que qualifica "intelligencias marasmaticas" e "innervações periclitantes" do homem daquellas paragens, chega a esta affirmação: "D'ahi todas as idiosincrazias de uma physiologia excepcional". Partindo desse principio, através do estudo da "selecção natural, em tal meio", pretende surprehender uma "progressão in-

versa prejudicialissima entre o desenvolvimento intellectual e o physico", para concluir que o homem amazonico está destinado, ou condemnado, á "maxima energia organica" e á "minima fortaleza moral".

A' luz da sciencia moderna, na sua interpretação puramente experimental como nas suas conclusões philosophicas, não se descobrem indicios de verdade na concepção daquellas "idiosincrazias de uma physiologia excepcional", que o pensamento de Euclydes entrevira como caracteristicas physiologicas do homem do Amazonas.

A esplendida cerebração, alcandorada ás culminancias de taes idéas, não sabe escapar á gravitação do erro. Erguido tão alto, não pôde Euclydes da Cunha fugir ao preconceito do determinismo climatico, duro e inexoravel. Crendo pairar numa esphera para além das abstracções de Montesquieu, presumiu elle firmar-se no dominio concreto da biologia moderna, da physiologia experimental e racional; mas o raciocinio foi arrebatado pelo seu pensamento insatisfeito e alou-se nas azas da phantasia, vagando para rumos incertos e imprecisos...

As idéas erroneas a respeito da acção do clima, da latitude, do solo, sobre a vida humana, procedem da ignorancia, até bem pouco, acerca dos agentes de certas molestias, e ainda do desconhecimento da relação de "causa a effeito" entre o mal e as suas origens provadas.

Ao ar atmospherico eram attribuiveis muitas molestias. A essa interpretação deve-se o nome de *malaria*, dado á infecção que tem por causa o plasmodio de LAVERAN. Quando se começou a dar importancia aos charcos ou pantanos na genese daquelle mal, certamente por presumirem os antigos que elles contaminassem os ares de miasmas, a molestia passou a chamar-se paludismo (de *palus, paludis*).

No Amazonas, onde o impaludismo fez praça ha meio seculo e desde então grassa endemicamente, a entrada do flagello é funcção do progresso da região. O naturalista Goeldi, do Museu Paraense, consummado na observação da natureza amazonica, acompanha com seu estudo o *anopheles* infectado, viajando no navio-gaiola, rio acima, e vehiculando o impaludismo de Belém para o Alto-Amazonas, onde não se conhecia o mal, embora

já alli estivesse installado o paraiso dos mosquitos. Havia o transmissor, mas não o germen; faltava um dos elementos da tripeça visada pela lei de GRASSI — o homem, o mosquito e o plasmodio. Veio o germen, os homens cresceram em numero pela immigração nordestina, os mosquitos continuaram a proliferar.

O navio a vapor foi cumplice dessa invasão. A viagem em barcos, de Belem á Manáos, orçava em media por trez meses ao passo que o vapor vence a distancia em quatro a seis dias, lapso de tempo que comporta folgadamente o cyclo da existencia do mosquito. O culicidio infectado levou assim a semente do impaludismo para Manáos, donde se irradiou progressivamente para o Alto-Amazonas.

A grande machina do progresso, abrindo as portas da nova região ao commercio de todo o mundo, gratificou-a com aquelle tremendo flagello... Elle ahi ficou montado e, até hoje, indesmontavel. Por força do acaso, ou por um descaso, insinuou-se a malaria no Amazonas, que não tardou a ser comprehendida como uma fatalidade mesologica. Contra ella muito se falou; mas não se agiu. A principio porque lhe era ignorada a

causa, responsabilizado o meio, cujo clima foi condemnado por incompativel á vida humana. Sob esta maldição devia jazer em quanto perdurasse a ignorancia scientifica sobre a malaria. Mas tal não aconteceu. Solucionado o problema sanitario das regiões mais palustres do globo, continua o Amazonas a arrastar a fama de um dos ultimos reductos de impaludismo do universo civilizado.

Mal que poderia ter sido evitado no Amazonas, deve dalli ser erradicado definitivamente, porque não depende de imperiosas causas telluricas ou climaticas. Molestia propagada por identico mechanismo de transmissão, a febre amarella foi extincta no Amazonas, em muito menos de um anno de campanha de saneamento, depois de haver lá grassado por muitas decadas. A prophylaxia especifica, num caso como no outro, exclue as grandes obras, caras e difficeis, de engenharia sanitaria.

Reduz-se ás providencias que visam destruir os culicidios (no estado larval ou adulto) e isolar os doentes, que são os focos de microbios, cujos transmissores são aquelles insectos. Não estão em causa o ar nem o solo. Nem miasmas, nem emana-

ções telluricas. Simples phenomeno de superficie, dentro do ambito da geographia humana, independente da constituição e estructura geologica da crosta terraquea. Causas e phenomenos, portanto, attingiveis e modificaveis pela intervenção humana.

O *beri-beri*, mais dramatico e mais fulminante que o paludismo, foi por muito tempo o agente mais sombrio e mais funesto da nosographia amazonica. A forma chamada "galopante" siderava em menos de 24 horas, com a successão de scenas que compunham o quadro mais tetrico de toda a vida tumultuaria dos sertões amazonicos. O meio physico era o unico responsavel, dizia-se; e provava-se com o facto de vir a cura com a mudança de residencia do enfermo. Veio a construcção da estrada de ferro "Madeira-Mamoré" e os medicos americanos tiveram de enfrentar o *beri-beri*, dizimador dos operarios e mais agentes da grande empreza. Inspirados nas theorias mais ou menos fluctuantes sobre a origem alimentar da polynevrite beriberica, passaram aquelles medicos a tratal-a com um regime nutritivo apropriado, feito de legumes verdes e seccos, fructos e outros productos ricos de vitaminas. E assim destruiram o

flagello e com elle a lenda que o attribuia á influencia do meio ambiente. Ficou então bem comprehendido que o mal curava com a mudança de residencia porque, consequentemente, se operava então a mudança de regime alimentar.

A lição da "Madeira-Mamoré" foi grandemente instructiva, mas só podia aproveitar a propria região. Um phenomeno imprevisto da vida economica do Amazonas, que mais adeante explanarei, viria providencialmente intervir para redimir as populações amazonicas do mais tremendo de todos os seus inimigos.

O saneamento do Amazonas será uma realidade, assim possa ser essa grande obra materialmente emprehendida: scientificamente é uma conquista já alcançada. A construcção da "Madeira-Mamoré" é uma affirmativa solemne dessa verdade. Mallograda pelos damnos palustres a tentativa ingleza de 1880, foi trinta annos depois levada a cabo, com pleno exito, pelos americanos, que fizeram rodar a locomotiva alli abandonada pelos inglezes, tres decadas antes. A administração norte-americana lá installou o Hospital da Candelaria, que combateu o *beri-beri* e o paludismo; com alimentação apropriada e com quinina sufficiente, fo-

ram conjurados os dois males. A quininização era obrigatoria e regulava o *ponto* dos operarios e empregados. Não podia ser admittido ao trabalho quem não houvesse ingerido a quinina, sob a fórma de *torpedo* (capsula de gelatina) que substituiu a *hostia* (*cachet* de farinha de trigo). Ao symbolismo mystico da eucharistia, succedeu o estrategico e bellico, que fazia crêr talvez no torpedeamento dos hematozoarios, na corrente sanguinea...

Só assim, depois de um morticinio que attingiu estrangeiros procedentes de quasi todos os paizes da Europa e que provocou reclamações de outras tantas chancellarias, só pela hygenie foi possivel uma obra de engenharia, que technicamente nada encerrava de extraordinario. E póde dizer-se que os trilhos da "Estrada de Ferro Madeira-Mamoré" assentam sobre um leito argamassado de quinina.

Os grandes modificadores da saude são os agentes causaes das molestias; sobre elles nenhuma acção directa exercem os factores climaticos.

As molestias deixaram de ser comprehendidas em funcção das forças cosmicas, para serem interpretadas como modalidades da propria vida, no

concerto universal da natureza; desde o advento da éra pasteuriana, passaram a ser effeito da vida de outros seres, assim como, após as demonstrações de PASTEUR, as fermentações passaram a explicar, na natureza, grande numero de alterações até então incomprehensiveis ou mal traduzidas.

A supposição erronea de exercer o solo uma acção damnosa sobre a vida, começou de ser abalada com a extincção dos "campos malditos" da Beocia. Mas a superstição dos climas lethaes levou o golpe de morte com as obras do canal de Panamá e da "Madeira-Mamoré", com o saneamento de Cuba e do Rio de Janeiro.

Os progressos da epidemiologia, da climatologia, da hygiene e da prophylaxia fizeram ruir o preconceito millenar: a sua influencia hereditaria e tentacular, entretanto, ainda constringe o espirito da sciencia moderna; a geographia medica não é divulgada universalmente, ou é interpretada através de seus moldes anachronicos, e a geographia humana, assim tão mal inspirada, vai ensinando aos sociologos noções basilarmente defeituosas.

Mais póde o homem do que o clima. As condições mesologicas, no que tange ao condicionamen-

to das affecções morbidas, são antes sociaes que cosmicas.

A distribuição dos homens na terra vae sendo obra da cultura moderna, impulsionando a engenharia sanitaria, a prophylaxia especifica e o capital. D'ahi o saneamento de regiões amaldiçoadas pela sciencia antiga e rehabilitadas pela sciencia moderna. A salubridade é producto da intelligencia e do patriotismo dos homens.

A distribuição das affecções chamadas tropicaes não é, pois, regulada pelas condições atmosphericas nem telluricas, mas simplesmente decorre da biologia de certos seres animaes, vehiculadores dos germens pathogenos, e cuja existencia pode ser cerceada ou dilatada pelo proprio homem.

Dependem das condições materiaes e intellectuaes das populações a eclosão das epidemias e a conservação das endemias.

Destrua-se o anathema contra o ar, o solo, a latitude.

As condições economicas e sociaes regulam o ambiente cosmico muito mais do que esses factores. A hygiene torna sãs as regiões malsãs; a incuria deprecia as regiões mais salubres e apraziveis, tornando-as inhospitas.

A geographia medica é funcção da geographia humana; é sua modalidade e sua expressão maxima.

O autor refere-se, neste capitulo, á febre amarella urbana. Quanto á immunisação contra ella, que procura explicar em outro capitulo, a "prova de protecção" veio proval-a experimentalmente.

Preconceito tellurico

Caduca a theoria do mephitismo tellurico, reformou a sciencia o seu juizo condemnatorio á terra, esboroando-se a muralha espessa de velho e carunchoso preconceito.

A terra, como as aguas e o ar, só se torna impura quando contaminada pelo proprio homem. Nas camadas profundas da crosta terrestre não se encontram senão os microbios emigrados da superficie do solo; quanto mais afastadas das costas, mais puras as aguas marinhas; a pureza bacteriologica do ar se accentua com a altitude.

A concepção dos miasmas já não se apoia na doutrina scientifica contemporanea. As emanações pestilenciaes não são as causas de certos males temidos, como a crendice do povo e de muita gente de cultura costuma ainda admittir.

Fallida a casta das molestias climaticas, rehabilitam-se calumniadas latitudes, dentro de cujos

parallelos a saude era considerada incompativel com a vida humana. As molestias deixam de ser uma fatalidade geographica.

Os pantanos, — que a visão creadora de Hypocrates já entrevira em funcção, na relação de causa a effeito, com influencia em certas febres que grassavam nas visinhanças de Cós, — os charcos, segundo a equação de Grassi, já apoiada pela demonstração de decennios, só concorrem para as irrupções palustres quando um fóco humano transmittir o plasmodio ao *anopheles*, que nelles se houverem gerado.

A salubridade é uma conquista da cultura dos homens, que podem, pela sciencia e educação, regenerar uma região temida e condemnada, assim como, pela incuria ou ignorancia, corromper qualquer zona saluberrima e pura.

Dentre as impropriamente chamadas molestias tropicaes, o *beri-beri*, cujo agente etiologico tanto zombou da acuidade dos investigadores, produzia devastações calamitosas nas terras do Alto-Amazonas. O quadro era sempre sombrio e levava á estupefacção. O *beri-beri galopante* requintava a virulencia do mal, fulminava.

Emquanto o Congresso Internacional de Medicina de Londres, em 1912, *decretava* a etiologia exclusivamente orizica do *beri-beri*, o livro da Natureza desdobrava, pelas ermas e interminas paragens do valle amazonico, uma lição que, revelada ao mundo sabio, faria commover, pela demonstração experimental, os mais sinceros e probos homens de sciencia, que collaboraram na sentença proferida no importante certamen londrino, onde se deram *rendez-vous* os valores exponenciaes maximos dos quatro cantos do universo scientifico.

No desdobramento dos factos naturaes, um phenomeno economico deveria resolver um problema de hygiene e de pathologia, transcendente e indecifravel, ou, pelo menos, indecifrado nos laboratorios e nos hospitaes. Foi o que revelei, desde 1923, em publicação, no BRASIL MEDICO e no BOLETIM SANITARIO, orgão official do Departamento Nacional de Saude Publica, e que resumirei nestes termos:

Um facto economico, que escapara á previsão do mais arguto analysta e critico, operou, na fatalidade de seu acontecimento, uma radical alteração dos habitos alimenticios dos altos rios do Amazonas.

A tremenda crise economica, que subvertera, ainda em sua phase extractiva, a industria da borracha, acarretando fragoroso collapso do mais vultoso producto da exportação amazonense, exerceu sobre o regime alimentar reinante no interior uma salutar, salutarissima influencia, e pode-se avançar que solveu, ou pelo menos, encaminhou para redemptora solução o capital problema de hygiene da alimentação.

No proposito dos aviamentos formidaveis, que o abuso de credito, nos tempos de antanho, dilatava até aos excessos incriveis, maxima preoccupação do aviador era exportar a maior somma de artigos caros e mesmo superfluos; e quanto aos da alimentação, naquella época, preponderava, nos primeiros tempos, a conserva de latas, esse detestavel e toxico genero alimenticio, sobresaindo, mais tarde, as facturas de xarque, de feijão, de farinha d'agua e de arroz pilado.

Isto queria dizer que toda a alimentação era importada, depreciada e má: as conservas, sempre velhas, frequentemente deterioradas, ás vezes imprestaveis, sempre toxicas e improprias para uma boa nutrição; o xarque raramente perfeito, commumente resequido, ás vezes em meia putrefac-

ção, e sempre incapaz de uma completa e sã digestão; o feijão, *pedrado* ou *bichado*, em qualquer hypothese, um não-valor nutritivo; a "farinha d'agua", velha e mal acondicionada, sujeita, pela humidade, a uma deterioração facil, em que a fermentação da mandioca prevalecia; o arroz, pilado, velho, suspeito sempre.

Em synthese: uma nociva inferioridade nutritiva exprimia, em qualidade e em quantidade, a deficiencia e a nocividade dos artigos essenciaes de alimentação nos altos rios, onde o trabalhador é apenas seringueiro e sujeito, por exigencias de seu officio, a uma penosa e aspera tarefa.

Para uma vida de trabalhos rudes, regimen de poucas vitaminas e muitos toxicos.

Essa foi a éra do *beri-beri.* O impaludismo, então, espalhava os seus mais devastadores, arrazadores estragos, em cumplicidade com as verminoses, sobre organismos physiologicamente fallidos.

* * *

Presentiram os mais precavidos a decadencia do *ouro-negro,* e ao homem da patria da *hevea,*

que jazia dominado pela industria extractiva e sempre desamparado da assistencia orientadora dos poderes publicos, occorreu, pela vez primeira, a intuição da industria agricola. A extracção da borracha deixou de ser uma fascinação para os espiritos mais previdentes, que iniciaram as primeiras plantações, sobretudo nas propriedades mais longinquas.

Começou a operar-se a funda depressão economica, que foi resultante do rebaixamento da producção amazonica, e o impulso da iniciativa agricola, que se propagara, a principio, como medida amparadora, e depois como recurso salvador da calamidade da crise, reformou os habitos da alimentação, aperfeiçoando-os.

Surgiu a producção agricola, como arrimo da vida economica e como medida de equilibrio da economia humana.

O feijão — base da alimentação no interior — é novo, fresco, rico de principios nutritivos; a farinha, fresca e bôa; bom e novo, o arroz; o milho, excellente; surgem os legumes verdes, as verduras, as fructas, cujo cultivo era anteriormente desconhecido. O *xarque*, encarecido exorbitantemente, reduz-se ao minimo de importação e con-

sumo; as conservas, proscriptas irrecorrivelmente das facturas.

Contingencia de um momento critico da evolução economico-financeira daquella terra, o advento da agricultura redimiu o habitante do Amazonas de um coefficiente maximo de intoxicação. Ensaiou-se, praticou-se a industria agricola em toda a parte. E, quanto mais distantes da metropole, tanto mais apparelhadas as explorações da agricultura, em que se transformaram quasi todos os antigos seringaes, cuja vida monotona e estafante se perpetuava na simples, rudimentar e embryonaria industria extractiva.

Se a borracha constitue ainda o eixo do commercio, como principal e, em certos pontos, unico producto de exportação, a producção agricola, aproveitando energias locaes e dispensando, em grande parte, a importação, realiza este duplo e benefico desiderato: fornece á população dos sertões amazonicos uma alimentação realmente nutritiva e saudavel, e evita a succão de numerario que fazia derivar para os centros aviadores uma grande somma de recursos monetarios, cuja circulação fica actualmente circumscripta aos limites da propria região.

A actividade agricola, se não resolveu radicalmente o problema economico da região, teria, entretanto, incidido beneficamente sobre a hygiene alimentar dos seus habitantes.

E o *beri-beri* tinha existido...

Modificada a situação anterior, em que faltava o cultivo de legumes verdes e escasseava o de fructas e legumes — tão ricos em vitaminas, com a condemnação inappellavel ao consumo de legumes seccos, depreciados nos seus principios aproveitaveis, e até deteriorados, ou seja um condicionamento chimico-biologico, em que o metabolismo resvalava para um desequilibrio inevitavel; todo esse *deficit* nutritivo deixou de figurar, tão frequentemente, como um factor etiologico de certos casos, e predisponente, adjuvante ou aggravante de outros.

Dez annos decorridos e a lição do tempo cada vez mais consolida a demonstração experimental dos factos.

O *beri-beri* desappareceu dos nossos quadros nosographicos.

O *beri-beri* é uma avitaminose. Independe do ar, do solo e da agua. Depende apenas da qualidade da alimentação. Emquanto o homem, para

equilibrio do seu orçamento, plantar para comer, terá nutrição sufficiente e sã, e estará livre do terrivel mal.

Assim não será assacado, contra a terra tão calumniada, mais este terrivel labéo. Se o flagello resurgir, a culpa será do homem, que se mostrará inconsequente e relapso, e não da terra, que é farta, fecunda, riquissima, mas não pode ser previdente nem conselheira...

Selecção tellurica

A selecção tellurica não pode deixar de ser comprehendida, em ultima analyse, como uma modalidade da classica *selecção natural,* hypothese em que se fundamenta, com a *concurrencia vital,* a doutrina transformista de DARWIN. Porque a selecção natural, concebida pelo grande naturalista inglez, presuppõe uma eliminação dos menos aptos na lucta pela vida, deve-se admittir que a acção eliminatoria se processe em face de outros seres, todos sujeitos aos factores de destruição, climaticos ou telluricos.

Si o darwinismo está em crise, a selecção natural — uma das suas leis basicas — ha muito vem descambando em inevitavel descahida.

Estudando o supposto phenomeno de selecção tellurica no Amazonas, dois grandes espiritos, EUCLYDES DA CUNHA e OLIVEIRA VIANNA, encontram elementos de apoio para aquella theoria.

Euclydes assim interpreta o facto: "Chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes". E, depois de sombrear o quadro em que se trava a lucta entre o immigrante e a sua nova patria, naquelles primeiros tempos de penoso trabalho physiologico de adaptação, relembrando "as circumstancias lastimaveis que os rodearam nos primeiros dias de povoamento ou que ainda os rodeiam", Euclydes não pode conter o seu espanto ante aquellas "existencias vigorosas sob regimem climatico tão maligno e bruto".

Cita a proposito o caso do Capitão Hoefner, o velho allemão que elle vira em 1904 e que desde 1872 mourejava rio abaixo e rio acima, como commandante de lancha, sobre as aguas barrentas e corredias do Baixo-Purús, sem conforto nem precauções, ao sol e á chuva, no rustico regime de vida da região. Em 1903 conheci-o e, á minha exclamação de espanto por vel-o tão rijo e são, replicou-me o ancião, jovial e acolhedor: "Sinto-me aqui tão sadio, como em minha terra ao tempo de moço".

Euclydes não considera esse exemplo, de saude e energia a despeito do clima, como caso

singular e raro; e, ao seu commentario, accrescenta: "multiplicam-se os casos deste theor, accordes todos na extincção de uma lenda". Mas a seducção da doutrina fascinante empolga-o de novo e fal-o arrimar-se a um "derradeiro argumento", assim architectado: "Aquelles caboclos rijos e esse saxonio excepcional não são effeitos do meio; surgem a despeito do meio; triumpham num final de lucta, em que succumbiram, em maior numero, os que se não apparelhavam dos mesmos requisitos de robustez, energia e abstinencia".

Esse derradeiro argumento, que o grande Euclydes da Cunha invocou para sustentar a "selecção tellurica" no Alto-Amazonas, é fragil, fragilimo mesmo. Elle proprio já arriscara, pelo impulso logico do seu raciocinio, ao tratar da organização physica do homem da região, esta affirmativa: "Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem".

O colonizador do Amazonas era "mau" physicamente, physiologicamente "mau". Abastardado por uma condição de precariedade alimentar, minado por parasitas intestinaes, anemiado pelo hematozoario, empobrecido pela escassez de vitaminas, sem conforto nem educação sanitaria, como

poderia esse ente espurio ser experimentado na funcção de reactivo do clima, para provar a nocividade deste e pôr em pratica a acção selectiva da terra?

Não era o meio physico que o arruinava: era o meio social, falho e desvirtuado, desapparelhado de tudo quanto fosse capaz de annullar os inconvenientes e favorecer os estimulos do desenvolvimento natural e hygido.

Mais de vinte e cinco annos, passados por sobre a epocha da observação de EUCLYDES, radicam a nullidade da theoria que elle pretendeu sustentar. Neste quarto de seculo, embora á revelia da engenharia sanitaria e da prophylaxia especifica, o Acre se redime daquella reputação lethifera tão desabonadora. A reforma alimentar, a que me refiro no capitulo anterior, e a adopção de novas normas de tratamento medico, modificaram o coefficiente de morbilidade e de lethalidade.

O clima deixa então de ser "seleccionador", eliminando os homens doentes, porque a intervenção medicamentosa e alimentar destroe os germens productores das molestias e modifica as condições organicas que as provocam, ou ao menos lhes são causas predisponentes.

OLIVEIRA VIANNA, num estudo sobre "Raça e selecções telluricas", publicado na revista "Terra do Sol", de Maio de 1924, aborda o assumpto, mas fal-o de modo quasi exclusivamente doutrinario.

Influenciado pelas suggestões de Huntington, repelle o cosmopolitismo do homem, acceitando a "selecção eliminatoria dos tropicos."

Valendo-se de FEBVRE, OLIVEIRA VIANNA aproveita a seguinte citação, que lhe parece corroborar o pensamento da corrente de anthropogeographistas americanos e europeus: "Não ha actualmente raça ubiqua; todas parecem subordinadas a um dominio definido, que offerece ao seu desenvolvimento e á sua expansão uma zona optima e zonas de menor resistencia. Para cima de 40° de latitude Norte, as affecções dos bronchios eliminam os negros: é um facto. E' tambem um facto que os homens, acostumados a viver entre as isothermas + 5° a + 17°, vivem difficilmente sob a isotherma + 25.° ("A terra e a evolução humana").

Tratar-se-á rigorosamente de casos de inadaptabilidade de raças a dadas latitudes, para robustecer a proclamada exigencia dos isothermos? Nem

é bem esse o sentido da argumentação de Febvre, nem o pensamento de Zimmermann que a inspirou. Por isso, o autor citado por Oliveira Vianna é levado á seguinte conclusão: "... fort probablement la clef des différences de réactions qu'ils manifestent aux conditions climatiques de leur habitat, "git dans une physiologie et une pathologie héréditaire des races". C'est, ajoute-t-il, un problème de géographie médicale."

E' precisamente isto: trata-se de problemas de geographia medica, como melhor resaltará do desenvolvimento deste estudo. E o facto articulado por Oliveira Vianna enquadra-se muito mais nesta interpretação do que na que lhe dá o conceituado sociologo.

Citando o testemunho do Padre José de Moraes, da Companhia de Jesus, que, ao historiar a vida de sua confraria no valle amazonico, informa que "o clima já foi mais sadio aos seus habitantes, sendo agora mais ordinarias as doenças, que em outro tempo se experimentavam como raras", assim conclue o illustre pensador brasileiro: "Seria que o clima da Amazonia se houvesse modificado para peior com o advento do homem europeu (o que parece pouco provavel) ou seria por

ventura o facto de uma menor resistencia biologica da descendencia dos primitivos desbravadores?" "Como quer que seja — remata OLIVEIRA VIANNA — eis ahi um bello exemplo historico da acção selectiva do clima amazonico sobre o homem europeu, ou, — o que é mais — sobre o portuguez, que é, dentre os colonos europeus, o que mais bravamente resiste ás selecções tropicaes".

O clima do valle amazonico não se modificou; modificara-se sim a pathologia amazonica, ampliada nos seus quadros pela importação de varias doenças, cuja entrada na região não dependeu do clima e sim de outras causas e circumstancias.

Com a exploração do valle, com o progresso, com a immigração penetraram as molestias infectuosas no Amazonas, como em todas as regiões que se povôam á custa de elementos estrangeiros. O coefficiente de morbilidade, como o de mortandade, dilata-se na razão do intenso affluxo immigratorio. O Acre, que accusa o maior indice de condensação demographica registrado em nosso paiz, apresenta-se-nos, aos primeiros annos de exploração, como a região mais insalubre de todo o Amazonas. Segundo a interpretação proposta,

dir-se-ia que se processava então uma phase intensa de acção selectiva do clima sobre o homem.

Applacada a trepidação febricitante da epocha das primeiras explorações, consummadas com tumulto e desorientação; estabilizada uma parte da população movediça dos primeiros dias de aventura, reformado o regime de alimentação pela cultura dos cereaes, generalizado o uso da quinina-alcaloide em substituição ás panacéas sob forma de *cafés* e *pilulas*, inaugurou-se uma nova éra sanitaria, em que o *beri-beri* desapparece dos quadros nosographicos e a malaria rareia sensivelmente. Pode dizer-se, comparando-a á phase anterior, que a actual é já de saneamento da região.

Pelo criterio das selecções telluricas, dir-se-ia que, na quadra presente, está se dando omissão do poder selectivo e eliminatorio do clima amazonico, porque decahiu o coefficiente de morbilidade e de mortalidade na região acreana.

Remontando á chronica do Padre José de Moraes, a que se reporta Oliveira Vianna, reconheceremos que ella nos dá noticia de uma aggravação do estado sanitario, já no seculo XVIII, motivada pelo affluxo das primeiras correntes immigratorias portuguezas, que ingressaram no valle

amazonico; com o elemento-homem, invadiu o Amazonas o elemento-morbus que lhe era extranho, ligado directamente áquelle e não ao elemento climatico como ainda hoje se quer suppôr.

A critica da selecção tellurica enquadra-se ajustadamente no dominio da solução moderna dos problemas de geographia medica e de anthropo-geographia.

Seria admissivel, sómente para discutir, a hypothese de selecção eliminatoria do meio, em face da terra e do homem na primitividade de taes agentes: a terra inculta e o homem selvagem. Mas a vida civilizada, no seio complexo de artificios, de recursos industriaes e scientificos, impõe habitos sociaes, que modificam a natureza, na sua maneira brutal de agir, e o homem em sua attitude servil de receptividade, armando este e desarmando aquella, blindando um e dominando a outra.

A acção directa do clima sobre as sociedades humanas, sustentada por uma corrente de que Huntington é hoje a mais alta expressão, não está autorizada por nenhum argumento scientifico solido. E' materia de puro empirismo.

A acção indirecta do meio cosmico, sobre o homem e as sociedades humanas, é irrecusavel e

faz-se sentir por intermedio do meio natural em que o homem vive immerso.

O animal depende da planta immediatamente. O mundo animal só apparece depois de formado o mundo vegetal. A planta é o laboratorio da natureza: a cellula vegetal é a retorta miraculosa onde se elabora a materia viva. A synthese organica — a synthese formadora — só se pode celebrar no protoplasma vegetal, pelo phenomeno de assimilação do carbono, que é o apanagio da funcção chlorophiliana, e conseguintemente privilegio da cellula vegetal. A planta fabrica o oxygenio respiravel. O meio cosmico só se torna habitavel com a presença da planta. E' ella que elabora os principios para a respiração e para a alimentação. A vida é funcção do mundo das plantas, que transformam o mineral em organico, para poder organizar-se a vida. A planta é nutrição, é pouso, é abrigo, é veste, é luz, é energia, é calor, é a propria vida.

A acção do clima sobre a vegetação é grande, mas pode ser profundamente modificada pela intervenção humana. A conquista vegetal está ligada directamente á provisão de agua; e esta cabe dentro dos poderes do homem sobre a terra. A agua é a "riqueza economica por excellencia"; é

para um povo a "soberana riqueza". "Ella é alimento. E' adubo. E' força. E' estrada." (Jean Brunhes). E o problema da agua encontra a sua solução, dentro do alcance dos recursos do homem, por meio das irrigações.

O problema da irrigação e consequente fertilização do solo, resolve a impropriedade das regiões aridas e até mesmo dos desertos. O caso do Arizona é o mais illustrativo e empolgante. Drenado o rio Colorado para as terras desertas, creava-se-lhes um novo valle, beneficiado pelas aguas generosas que nelle se vinham infiltrar. Uma vegetação triumphante alli surgiu e reinou.

A flora é funcção da agua. A irrigação pode transformar uma região arida ou até desertica em um valle florido, fertil e productivo. A vida animal ahi será então possivel, facil e amena.

Se está reconhecido que a acção do clima sobre o homem se faz sentir por intermedio da flora; se a planta é funcção da agua; se a agua pode ser provida e regulada pelos recursos hydraulicos de que a engenharia moderna apparelhou o homem; segue-se concludentemente que haverá sempre pontos de apoio para o homem e que a vida lhe será pos-

sivel, em toda parte onde elle souber applicar as devidas praticas, vencedoras sempre que adoptadas.

Consideremos a diversidade de condicções da vida através da evolução humana. Em face do mundo vegetal primitivo, o homem é um; diante do mundo vegetal creado pela agricultura, o homem é outro. Ha uma flora natural, espontanea em cada região; ha outra flora trabalhada, que o homem elabora. A principio, o homem não tinha poder sobre o mundo botanico, só sabendo vencel-o pela destruição; hoje, artifice consumado, o homem fal-o á sua feição, crea-o, transforma-o, aperfeiçôa-o.

Costuma-se raciocinar, na interpretação de taes phenomenos, como se o homem hodierno fosse ainda o mesmo ser espurio, desapparelhado e insciente da idade pre-historica ou apenas dos primordios historicos. Sobre este, a acção do clima fazia-se exercer através das plantas, sobre as quaes nenhuma influencia humana era possivel. Mas esse rigor do clima, quasi despotismo, veiu se attenuando á medida que o homem conquistava a natureza vegetal. Hoje o homem attingiu o apogeu da sua acção intervencionista no mundo das plan-

tas, alcançado com o progresso technico e industrial, por meio do trabalho manual e da machina.

Soccorrido da cultura mental attingida através do penoso processo de evolução e aperfeiçoamento, o homem domina a natureza, influindo no modelado terrestre, directamente ou por meio das modificações acarretadas pela agua. Transforma a face da terra. Faz a flora que lhe é propicia. Constróe as mais opulentas riquezas agricolas, de que são exemplo os seringaes do Oriente e os cafezaes de São Paulo. Erige as proprias florestas, pelo reflorestamento intelligentemente traçado e executado.

Com os recursos que a sciencia e a industria, associadas, lhe deram, o homem deixa de ser um simples effeito do meio, servil e passivo, e surge, na éra contemporanea, como authentico agente natural, agente geographico, dominando a natureza e norteando as proprias directrizes humanas.

A localização das massas humanas, o povoamento das diversas regiões da terra, têm de ser resolvidos pelos problemas da sciencia moderna. O estudo da geographia humana não se vae fazendo, como devêra, sob inspiração dos principios da geographia medica; deixa-se ainda dominar pelas hy-

potheses de "tendencias", de "influencias", de acções mais ou menos vagas e arbitrarias.

A geographia medica orientou-se, de ha muito, na trajectoria illuminada pelo clarão da aurora pasteuriana. As molestias transmissiveis — contagiosas, propagaveis — tiveram seus agentes desvendados, deixando de ser attribuiveis ás causas ambientes. Adquirira-se a noção das molestias por germens. A epidemiologia e a climatologia esclareciam capitulos obscuros. As noções de immunidade, de receptividade, de acclimação, eram aclaradas á luz da nova verdade. Muitos dos novos argumentos podiam explicar casos mal interpretados de distribuição de raças, das populações do globo. Descobre-se que a connexão entre o "quadro natural" e o "homem" é estabelecida por certos seres vivos, que são elementos mechanicos e physiologicos da propagação das molestias infecciosas, cuja geographia passa a ter relações importantissimas com a geographia humana.

Chegou-se a comprehender que certos phenomenos não dependem da raça nem do meio, embora déssem tal impressão e por ella fossem interpretados. Tomemos um exemplo: A receptividade extrema dos estrangeiros recem-chegados, em face

da infecção amarillica, era um facto incontrastavel na éra anterior a Oswaldo Cruz; a immunidade dos nacionaes, diante da febre amarella, era um facto opposto áquelle e igualmente incontestavel; a immunidade dos estrangeiros, que haviam escapado á infecção na primeira quadra de permanencia em nosso paiz, tambem não podia ser posta em duvida. Dizia-se com apparente logica, que os ultimos eram acclimados e os primeiros não. E incluia-se, na comprehensão dêsses factos, a influencia climatica sobre os individuos tornados immunes ao typho americano.

O phenomeno, entretanto, elucida-se pelos conhecimentos da epidemiologia moderna: os nacionaes estavam defendidos do mal por uma immunidade adquirida, á custa de acommettimentos anteriores da infecção, benignos e frustos. Estavam vaccinados; assim como vaccinados ficavam os estrangeiros, após certo tempo de permanencia no paiz, por se terem immunizado pelo mechanismo exposto.

A receptividade dos estrangeiros recem-vindos, na idade lugubre da febre amarella, não era, portanto, um phenomeno climatico, como não era climatico o phenomeno de immunidade dos nacio-

naes e dos estrangeiros residentes desde algum tempo no Brasil.

Numa e noutra hypotheses, demonstrava-se a verdade já exposta: a biologia de um insecto regulava o phenomeno. Era a pullulação dos culicidios, cujo instincto hematophagico forçava-os a picar doentes e sãos, transmittindo o virus da doença ou simplesmente a vaccina immunizante.

A vida do culicidio ou mosquito (stegomya fasciata) não era uma fatalidade do clima, do meio natural, do ambiente physico.

A vida dos mosquitos não decorria fatalmente do clima, não era uma imposição do meio: a proliferação de *stegomyas* fazia-se mercê das aguas paradas, em pequenos recipientes, em diminutas collecções, facilmente extinguiveis. O mosquito por si só seria inocuo ao picar o individuo são. Para infeccionar, precisava do germen, cujo fóco era o amarellento.

Com duas providencias — isolamento do doente e destruição do insecto vehiculador do virus — extinguia-se a febre amarella, embora o clima continuasse o mesmo e o solo inalteravel.

A receptividade de estrangeiros e a immunidade de nacionaes, em face da febre amarella, são

phenomenos biologicos, sorologicos, funccionaes; independem do clima e da acção tellurica.

A extrema susceptibilidade de certas raças, para determinadas infecções, não é indicio de incapacidade a que estejam ellas condemnadas para habitarem as regiões onde essas affecções grassam. Essa vulnerabilidade é consequencia da falta de vaccinação que assegura hereditariamente a immunidade racial.

O determinismo climatico tem pesado inexoravelmente sobre a interpretação de certos factos de distribuição dos povos sobre a terra; o imperativo racial, parallelamente, orienta tal analyse no sentido aprioristico.

Com o progresso hygienico, reduzir-se-ão dia a dia os limites das zonas chamadas incompativeis com a vida humana.

Não condizem ao progresso industrial do mundo moderno, os passos dados pela sociedade para a conquista hygienica do globo.

Data de poucas decadas a rehabilitação de regiões famosas, como as do Panamá e do Madeira-Mamoré, condemnadas por lethaes e improprias á vida. O Rio de Janeiro, até 35 annos atraz, era

considerado uma terra apta a gerar um mal tremendo e irremovivel — a febre amarella.

A hygiene ha muito entrou em sua idade aurea, mas as suas normas, na execução pratica, ainda são timidas e hesitantes, por falta de uma consciencia sanitaria, que impere decisivamente sobre a orientação civilizadora do mundo moderno.

Os codigos ainda se não alargaram sufficientemente para conter as novas idéas e as praticas salutares na sua extensão mais ampla. Ainda se allega o direito á liberdade, para resistir ás medidas exigidas em pról da saude publica. O ambiente social é que tem de fazer o ambiente hygido, de que necessitam os homens para plenitude de seu equilibrio organico. Da hygiene ao direito, do direito á pratica social — tal a trajectoria desses principios em sua objectivação real. A sciencia experimental apprehende o condicionamento dos phenomenos — o facto; o direito corporificará as leis que aquellas verdades inspirarem; os costumes decorrerão da infuencia repressiva alcançada pelas sancções penaes, que levarão ao automatismo a pratica, quasi inconsciente, dos actos salutares, conforme a formula psychologia da educação objectiva.

O homem, individualmente, não entra, só, nessa equação; ás sociedades, como corpos integralizados, cabe a tarefa de annullar as diatheses e as infecções, attenuar ou desviar as taras e destruir os inconvenientes do meio natural.

Far-se-á a selecção: não a selecção eliminatoria e determinista da terra, mas a selecção intelligente promovida pela propria sociedade humana, visando o aperfeiçoamento da especie.

Os problemas de povoamento, de distribuição das raças sobre a terra já não comportam as interpretações supersticiosas, com as soluções falseadas; têm de ser estudados á luz da geographia medica. Esta encerra os segredos das verdades, que muitos anthropogeographistas e sociologos se recusam ainda a comprehender e admittir.

TERCEIRA PARTE

O homem em face da historia

I — Guerreiro amazonico: mentalidade revolucionaria; nacionalismo incandescente; irritação nativista. Cabanagem.

II — Sobrevivencia do sentimento nacionalista. Maués — a Mundurucania moderna. Tempera e caracter do caboclo de Maués. Terra do "dono da terra". Ultimo reducto do amazonense no Amazonas.

III — O desbravador nordestino. Mentalidade de conquista. "Guerreiro, não cangaceiro". A epopéa acreana.

Guerreiro amazonico: mentalidade revolucionaria; nacionalismo incandescente; irritação nativista. Cabanagem

A historia da Amazonia sagra-se com a repercussão no Pará, antes que em qualquer outra parte da colonia, do movimento de reacção operado em 1820, contra o regimen absolutista que lavrava em Portugal desde 1697.

Este victorioso impeto de constitucionalismo, infuenciado pelas idéas liberaes que a Convenção franceza e a revolução americana semearam, teve no Brasil o seu primeiro echo naquella provincia, com a deposição do General Conde de Villa Flor e a organização de uma junta provisoria presidida pelo sarcedote, que foi depois o bispo Dom Romualdo de Seixas.

Era a explosão de um mal contido sentimento de nacionalismo, que a caracterização cada vez mais crescente do mameluco ia accentuando; era a tendencia preponderante ao antagonismo das raças, ao se defrontarem os filhos do Reino e os indigenas.

Esse antagonismo, incontido e aggressivo, os criticos da historia do Brasil attribuem acertadamente ás divergencias entre povos que derivam uns dos outros, maxime quando a nova nacionalidade se vai differenciando pela fusão ethnica, caldeada com um novo e afastado elemento racial.

A arrogancia, a prepotencia, o despotismo dos militares portuguezes, com a mentalidade fóra da constituição, ainda mais exacerbavam essas irritações nativistas.

Teve então o absolutismo o seu instante climaterico, do qual por fim emerge o Reino pela "revolução constitucional".

Da irrupção no Pará, antes que em qualquer outra parte do Brasil, do sentimento reaccional contra o despotismo monarchico, deprehende-se que o ambiente social amazonico já então se inculcava como clima apropriado ao triumpho das aspirações libertarias.

Semeava-se o levedo rebellionario no seio da planicie amazonica, onde devia elle encontrar seivoso meio de cultura. Traz a semente da rebellião uma grande figura de agitador, arguto e eloquente, embora reconhecidamente morbido. E' Patroni, sob cuja influencia se elege a Junta Provisoria de Janeiro de 1821, que acarreta, na logica das consequencias irreprimiveis de seu programma, as directrizes da revolução separatista, incoercivel e inevitavel.

O ideal de um governo autonomo no Brasil começa a agitar e a dividir, no arraial das hostes combatentes no Pará.

Pleiteia-a um partido chamado *intransigente*, de "brasileiros natos", cujas idéas sobem o Rio Amazonas até Manáos, o qual é chefiado pelo conego Baptista Campos, a maior figura desse movimento autonomista, com um perfil de linhas viris e salientes caracteristicas de caudilho.

Baptista Campos inflamma pela imprensa jacobina e pela tribuna popular, propagando as idéas nacionalistas e alliciando adeptos.

A guarnição portugueza reage: depõe a Junta Provisoria e deporta seus membros, bem assim muitos brasileiros dedicados á causa nacional.

Os chamados "intransigentes", membros da "Confederação Brasileira", embora sem a chefia de Baptista Campos, que a tempo pudera evadir-se, procuram restabelecer a Junta Exilada; mas são rechassados, presos a ferros, empilhados em numero superior a duzentos nos porões de um navio e deportados para Lisbôa, onde chegam depois de uma tormentosa travessia de dois mezes, reduzidos pela morte á metade.

O sentimento nativista, tão caro aos que o cultivam, continúa a lavrar sob a prepotencia das autoridades portuguezas, alastrando-se até os confins da provincia. E' reprimido pelo despotismo dominante e não pode fazer vingar na Amazonia o regimen da independencia, implantado victoriosamente desde 7 de Setembro de 1822.

Como, para as massas gazozas, tanto maior se pronuncia a sua elasticidade quanto mais fortemente comprimidas, na Amazonia o poder de expansão dos sentimentos autonomistas dilata-se, á medida que a compressão da prepotencia legalista tende a reduzil-os e conspurcal-os. Por isso, anceios nacionalistas não são annullados, apenas recalcados, para depois explodirem de modo mais violento e deflagrante. Nessa sedimentação de

odios, resentimentos e paixões, gerou-se a mentalidade nativista, sufficiente para explicar o periodo de agitação guerreira, que se iria desdobrar ás margens do Rio Amazonas, e caracteristica do espirito de regionalismo, de ultra-nacionalismo, que define até hoje o traço fundamental do caracter do caboclo amazonico.

A independencia continuava letra morta na Provincia do Pará, dominada pelas forças luzitanas, alli acantonadas, em attitude de reacção anti-emancipadora, com intuito restaurador.

Como em todo o extremo norte, só cessou o dominio portuguez em 1823, graças á intervenção da esquadra libertadora de Cockrane.

Do Maranhão o almirante inglez expede a Belém um só navio, o brigue *Don Miguel*, sob as ordens de Grinfell, que, fundeando perto da barra, manda um emissario á terra para alli exigir a submissão ao Imperador. E' quando reapparecem em scena, "como por encanto", de todos os lados, capitaneados por Baptista Campos, os "intransigentes", que se põem a serviço da causa emancipadora.

Attribuem os historiadores á argucia de Grinfell a adhesão do Pará; muito mais efficaz e decisiva foi certamente a acção dos patriotas liberta-

dores conduzidos pelo influente caudilho Baptista Campos. A Junta é deposta, presos os seus membros, desentranhados das gavetas os actos, decretos e avisos do Governo Imperial, alli retidos desde 1822.

Baptista Campos é o arbitro politico da situação e consegue eleger, sob os auspicios de Grinfell, um governo ultra-radical.

Esta Junta é extremada: jacobina, com propositos de acinte contra todos os funccionarios provindos da Metropole, obsecada pela preoccupação de *revanche*, decorrente da fraqueza muito humana da vingança. Ella faz intensificar a ebulição de resentimentos e odios contra os portuguezes, sempre aggravada por um espirito de nativismo exaggerado, que se denuncia como uma sobrevivencia da reacção nacionalista contra a inhabilidade, os excessos, a prepotencia dos elementos luzitanos, através dos movimentos de autonomia e de independencia.

Si na Amazonia continuava a elaboração da mentalidade guerreira que, contra os portuguezes, deveria em breve deflagrar sob forma violenta e cruel, pelo Brasil afóra persiste até a abdicação o entrechoque das duas correntes, dos *exaltados* e

dos *moderados*, em que se desdobra pelo novo Imperio o sentimento nacionalista, resentido sempre.

Assim Joaquim Nabuco historía as causas da abdicação: "A força motora do 7 de Abril, a que deu impulso ao elemento militar, foi o resentimento nacional. Em certo sentido o 7 de Abril é uma repetição, uma consolidação do 7 de Setembro. O Imperador era um *adoptivo* suspeito de querer reunir as duas corôas (de Portugal e Brasil). O fermento politico da revolução foi secundario; a excitação real, calorosa, foi o antagonismo de raça, então facilmente exploravel". (*Um Estadista do Imperio*, tomo I, pag. 26).

Esse "resentimento", a que allude Nabuco, fôra a causa affectiva ou sentimental, a impulsionar o exercito. A indisciplina militar — o effeito mais explicito e historico da abdicação — explica a desordem que começava a minar o Brasil independente.

Echo dessa anarchia do exercito, irrompe no Pará a sedição militar de 7 de Agosto de 1831, sendo deposto o novo governador, Visconde de Goyana, que acabava de chegar e tomar posse, e aprisionado Baptista Campos.

Em caminho do degredo, que deveria cumprir no antigo presidio do Crato, no Rio Madeira, Baptista Campos é reconhecido como Vice-Presidente da Provincia, por diversas Camaras do Baixo-Amazonas. Foi um grande desapontamento e alvoroço no seio do partido restaurador, ao receber a noticia do reconhecimento de Baptista Campos. Comprehendiam os seus encarniçados adversarios o fascinio que elle exercia sobre os elementos jacobinos, e previam as consequencias graves de sua evasão e proclamação á alta investidura de autoridade da Provincia.

Baptista Campos campeia na jornada de revolucionar o interior, pregando o odio, a vingança, a morte contra os portuguezes.

Verdade é que a abdicação repercutiu no Pará de modo fragoroso. As funcções militares mais altas ficaram nas mãos de estrangeiros, sendo chefe da flotilha um inglez. Registre-se, dentre os factos irritantes, uma expedição ao Acará, com intuitos de chacina e exterminio; assignale-se que Acará era centro dos partidarios de Baptista Campos, capitaneados por Felix Malcher, e comprehender-se-á como se encadearam os actos de encarniçamento que culminaram na Cabanagem.

Impopularizavam-se os Governos do Pará, inhabeis e intolerantes, e presentia-se a trepidação da desforra, promovida pelos elementos nativistas, que não podiam olvidar as offensas e ultrajes das epochas reaccionarias anteriores, ainda menos em face da pressão cada vez mais exorbitante.

Os governos de Machado de Oliveira e Lobo de Souza elaboraram o periodo de tremendas represalias que haviam de vir. Todos traziam a preoccupação de annullar o proselytismo que prestigia e exalta a figura dominadora de Baptista Campos.

Uma circumstancia fortuita vem facilitar a ruptura decisiva. Baptista Campos, numa sessão do Conselho Provincial, discorda de Lobo de Souza que contra elle investe acremente, procurando humilhal-o. O caudilho reage com phrases asperas. Basta um passo para lhe cahir sobre a cabeça a excommunhão. As intrigas fazem o resto. E' perseguido e maltratado. Evadido, o seu prestigio o ampara e o acoberta no interior. Todos o acolhem e o agasalham, poupando-o á sanha das autoridades inimigas.

O grande combatente, campeão do nativismo

amazonico, invencivel ás ciladas e perseguições, depois de longa e penosa odysséa, cahe victima de uma infecção na face, que se generaliza e lhe produz a morte, certamente por scepticemia. Foi o fim inglorio da mais acabada estructura de caudilho libertario das luctas da fundação da nacionalidade, nas terras do Baixo-Amazonas.

Baptista Campos encarnou a bravura sã do caudilhismo libertador. Si á sua phisionomia guerreira não faltavam o traço da crueldade symptomatica do heroismo bellico e o desequilibrio proveniente do desvio de sua funcção sacerdotal, caracterizava-se, entretanto, por uma galharda força moral, que a aspiração de grandes ideas incandescentemente inflammava.

Reagindo contra o despotismo luzitano no periodo das agitações autonomistas e, depois da independencia, contra as tendencias restauradoras, Baptista Campos foi sempre uma figura varonil e temida, obcedada por seu idealismo inquebrantavel. Predicando contra os portuguezes, depois da sedição militar de Agosto de 1831, persistiu nos seus ideaes de autonomia, que julgava sacrificada pelos excessos do autoritarismo luzo.

Grande agitador, cuja influição avassalladora alliciava proselytos quasi fanaticos, foi elle o grande animador da agitação de espiritos, cuja consequencia viria a ser o movimento sangrento, desencadeado na Amazonia logo após a sua morte, com a designação de Cabanagem, em que degenerou o ideal do grande caudilho, substituido já então por menos nobres e menos habeis guiões.

O espirito revolucionario propaga-se pelo ambiente afóra, até paragens longinquas do valle.

Os habitantes de Manáos, cujos anhelos de autonomia vinham sendo sacrificados desde o juramento á Constituinte portugueza, soffreram doloroso desapontamento com a Independencia, que lhes não trouxera a almejada separação.

Ha em 18 de Abril de 1832 um movimento tumultuoso no intuito de proclamar a Provincia do Amazonas. Explode um motim em Manáos, jugulado pelas tropas vindas do Pará, apesar da tentativa de resistencia do fortim das Lages, que capitulou sob a desproporção das forças.

Coincidem esses factos com o 7 de Abril e a deposição do Presidente Goyanna. Derivando delles o inicio da reacção vermelha de Baptista

Campos contra os portuguezes, pode-se bem avaliar da opportunidade e do exito de sua acção excitadora sobre os animos descontentes e resentidos na Comarca do Amazonas.

Mais aggravou essa irritação a questão da moeda de cobre, proveniente da lei que obrigava o recolhimento das moedas, por terem sido postas em circulação muitas falsas. Os comicios succedem-se em Manáos e o alvoroço degenera em motins. A Camara publica edital suspendendo a execução da lei. O Governo da Provincia toma providencias energicas; a Camara submette-se.

O ambiente torna-se cada vez mais propicio ás agitações revolucionarias que sacodem a capital da Provincia e o Baixo-Amazonas. Os partidarios de Baptista Campos, após a sua morte, haviam-se arregimentado em torno de Felix Malcher, grande influencia localizada no Engenho Acará, que se tornou centro de actividade guerreira, desabrida e propagadora.

Desse laboratorio de idéas revolucionarias, em que a fermentação de resentimentos e paixões cada vez mais acidulava a consciencia collectiva, desencadeou-se a Cabanagem, ultima consequencia

da impregnação de odios e de ancias de vingança na alma nativa amazonica, que os excessos e desmandos de Machado de Oliveira e Lobo de Souza souberam exaltar contra os portuguezes e levar á extrema saturação.

A cidade de Belém não resiste á invasão e cahe em poder dos cabanos. O Presidente Lobo de Souza foi assassinado. Felix Malcher, que recolhera por herança o prestigio de Baptista Campos, é acclamado Presidente da Provincia; Francisco Vinagre, feito Commandante das Armas.

Malcher, para assumir a Presidencia, sahiu da Fortaleza da Barra, onde estivera recolhido desde a primeira investida dos cabanos, que então haviam sido batidos no Acará, ás proximidades da fazenda daquelle chefe rebelde. Simulava-se assim um governo legal, em plena voragem da anarchia revolucionaria.

Impulsivo, morbido em suas arremetidas, Malcher dentro em pouco tempo cahia morto. Vinagre o substituiu na Presidencia, persistindo a situação anteriormente criada. Chega o novo Presidente, Marechal Jorge Rodrigues, que presume poder restabelecer a legalidade, sem estrepido guerreiro, apoiado nas forças de mar compostas da esqua-

drilha imperial e de navios portuguezes, especialmente a corveta "Eliza", cujo commandante entrara em entendimento com Vinagre e passara a ter certa actuação sobre elle. Não houve, pois, re acção dos cabanos. Vinagre, dissimulado, parecia conformar-se com os factos e apparentava discreta attitude. Mas, em realidade, recomeçava intensamente a acção dos cabanos pelo interior. Vinagre não tardou a cahir. Morto elle e preso seu irmão, Eduardo Angelim assume a chefia dos rebeldes.

Sobe á scena guerreira uma das figuras impressionantes da Cabanagem. Tribuno ardoroso, demagogo, agitador das massas, fascinador das multidões, Angelim traz elementos muito especiaes á mentalidade revolucionaria, que elle arrebata e incendeia. Impetuoso no ardor bellicoso, era temerario, intrepido, louco na sua coragem indomavel, embora não fosse perfeito estrategista e habil coordenador. Arregimenta pelo verbo, mas não sabe ser o chefe que o momento reclamava. Para tornar mais suggestiva a sua figura, crêa insignias, que symbolizam as tendencias que elle inspira para "a volta ao indianismo puro". Este lemma interpreta o ideal novo da Cabanagem.

Recrudesce a investida rebelde contra a Capital. Do interior não vêm soccorros sufficientes, que seriam de esperar, dada a attitude unamime das Camaras Municipaes — Luséa (Maués) á frente, — acudindo todas ao appello da Villa da Barra (Manáos), em pról do apoio á Regencia. Faltam, porém, arregimentadores. O Marechal Jorge Rodrigues, quasi valetudinario, não dispõe de elementos efficazes. A sociedade que o cerca preoccupa-se mais com o fausto e as recepções festivas. Angelim incandesce os animos. A defensiva da Capital amortece. Belém, pela segunda vez, cae em poder dos cabanos, depois de mais de uma semana de assédio, refugiando-se o Presidente em Tatuóca.

O fracasso legal, restituindo a Capital da Provincia á anarchia revolucionaria, começa a repercutir maleficamente pelo interior a dentro, enchendo de temores e de panico os seus habitantes, que presentem ameaçados o bem estar e a propriedade.

Pleno florescimento fruia o Baixo Amazonas até a conflagração dos cabanos. A lavoura e a creação garantiam prosperidade e abastança ás populações ribeirinhas, pacatas e laboriosas. Mas a

propagação revolucionaria começava a ameaçar a região. O morticinio e a deposição das autoridades, verificados respectivamente na primeira e na segunda quedas da Capital, tornavam periclitante por toda parte o principio da ordem legal. Propagava-se a desordem facilmente, condicionada pela geographia da região. Todos temiam a invasão dos cabanos. Faltava, porém, uma força coordenadora, que só apparece em meiados de 1835 na figura guerreira do Padre Sanches de Britto, em Jurity. E' "o futuro heroe da legalidade no Baixo Amazonas" (Bertino Miranda). Elle já tem a intuição estrategica de que Obidos deve ser "a base central das operações".

Organiza-se uma grande reacção na Bahia de Maués, intensificado o bloqueio do Baixo Amazonas. Os cabanos têm seu ponto de apoio perto do Tapajóz, em Icuipiranga, onde se entrincheiram. Ambrosio Ayres, estrangeiro de origem mysteriosa, residente em Thomar (Rio Negro) e casado com brasileira, secunda Sanches de Britto. Os dois chefes alliam-se e investem contra os cabanos, unificada a sua acção na conferencia de Faro (1836). O Baixo Amazonas torna-se theatro das principaes façanhas da Cabanagem, constituindo

scenario onde se tem de decidir a sorte da lucta. A reacção legalista incrementa-se na Capital da Provincia. Os cabanos são numerosos, impetuosos, mas, sob a influencia ideologia e logomachica de Angelim, resentem-se da falta de um General.

Apparece então Apolinario Maparajuba, que surge justamente no momento em que os cabanos, deslocados da Ilha de Marajó, repellidos de Macapá; recuam pelo Amazonas acima, saindo do archipelago de Gurupá.

Entra a enfraquecer então a acção conjuncta de Sanches de Britto e Ambrosio Ayres, vulgo "Bararoá". Falta-lhes articulação, cohesão, synergia, convergencia de acção. Maparajuba interpõe-se-lhes. Corta-lhes a juncção. Os cabanos engrossam as suas forças, incorporando-lhes os indios que vão sendo seduzidos á medida que os rebeldes alcançam as respectivas malocas. Com esse recurso, ampliam consideravelmente a sua efficiencia guerreira. Começam a dominar o Alto Amazonas. Manáos cae em poder dos rebeldes em Março de 1836.

Bernardino Sena chefia a invasão da Villa da Barra, secundado por Maparajuba que, á frente de 1.200 homens, toma "a Fortaleza da Barra, o

Quartel e o trem de guerra". A Camara Municipal adhere á revolução. Mas a reacção surdamente se elabora. Em 31 de Agosto a população da Barra expulsa os cabanos. Na lucta, dirigida por Gregorio Naziazeno, morre Sena. Em Novembro, nova invasão dos cabanos, chefiados por Maparajuba. São rechassados por Gregorio Nanziazeno, Rodrigues do Carmo e Freire Taqueirinha. Forçados ao recúo, são empurrados até a Fóz de Maués. Ambrosio Ayres faz-se acclamar Commandante Militar na Villa da Barra. Com Freire Taqueirinha organiza forças para combater os cabanos, destroçando-os desde a Barra até a Fóz do Ramos. No anno seguinte destroça-os no rio Urubú e nos Autazes. Ao regressar, é surprehendido pelos cabanos, que o matam.

As forças da expedição do General Andréa, das quaes fazia parte o grande brasileiro que viria a ser depois o Almirante Barroso, haviam apertado o cerco dos rebeldes, tornando insustentavel a situação dos cabanos, que abandonam Belém. Voltara a Capital ao poder dos legalistas; Angelim, chefe das forças rebeldes, internara-se no matto, onde morre ingloriamente. Assim empallidecera

a estrella do caudilho fascinador e processara-se o occaso de uma das mais suggestivas figuras de guerreiro amazonico.

O General Andréa, cuja irascibilidade de temperamento tornou-se lendaria, não conseguira pacificar o Baixo Amazonas. Desalojando os cabanos, os legalistas os haviam empurrado pelo Tapajós acima. A pressão das forças imperiaes, provindas de diversos pontos da costa do Norte do Brasil, lograra deslocar os cabanos, promovendo-lhes o recúo, internando-os pelo Amazonas acima. Mas a tactica fora defeituosa porque, do Alto Tapajóz, eram faceis para os cabanos as communicações com a bahia de Maués; e, de Maués, facilimo lhes era dominar o Baixo Madeira, que invadiram pelo canal de Canuman.

Tornaram-se senhores de Maués e do Baixo Madeira. Luzéa, outrora tão ciosa de sua solidariedade á Regencia, adhere á Cabanagem. A infiltração, a contaminação dos ideaes nativistas da Cabanagem vão sendo facilmente favorecidas. Alliciando indios, os cabanos conquistam malocas. São subtis e dissimulados. Bertino Miranda assim caracteriza percucientemente a acção dos cabanos: "Antecedem de 70 annos os nippões, com o seu pro-

cesso de espionagem, de propaganda surda e minaz, e sem que os espionados se apercebam do perigo".

A expedição militar do Pará de 1837 tivera como resultado pratico deslocar os cabanos, arrastando-os para Maués. Redundara, portanto, num golpe anti-estrategico, porque encaminhava-os para logar, tacticamente muito mais importante para elles por ser a chave do Madeira. Perseguidos pela expedição militar, evacuam a Bahia de Luzéa, mas insinuam-se pelos affluentes do Rio Maués. Entram então num regime de luctas de guerilhas e emboscadas, que cançam as forças legaes, forçando-lhes a resistencia.

Ao contrario, pois, do que informam os mais acatados historiadores brasileiros, o General Andréa não conseguiu extinguir a Cabanagem. O seu mais perigoso fóco, por localizado numa região geographicamente propicia ás atitudes estrategicas em que se haviam notabilizado os cabanos, facultava-lhes um centro de operações sempre temiveis e funestas aos adversarios.

Em 1839 ha uma offensiva legal brilhantissima: O Primeiro Tenente da Armada Araujo e Amazonas, depois de uma acção violenta, corta a fuga dos cabanos, que então ficaram entre dois fo-

gos: do lado do Tapajóz, contidos pela expedição legal de 1837; do lado do Amazonas, pela expedição de 1839, com fortificações em Luzéa, dominada a sua bahia pelas unidades navaes.

Com a ascensão de Souza Franco á Presidencia da Provincia, novas praticas são inauguradas no combate á Cabanagem, no Alto Amazonas. O que não conseguiu o furor bellico do General Andréa, deveria lograr a pratica de meios suasorios e pacificadores, adoptada pelo novo Presidente da Provincia.

O ambiente de conciliação e de clemencia formava-se quasi automaticamente. Em 4 de Outubro de 1839 a Municipalidade da Barra representa á Presidencia do Pará, pedindo amnistia para os cabanos sitiados em Maués. Uma nova phase da acção legal prepara o apaziguamento do Alto Amazonas.

Nomeado Commandante Militar de Luzéa em Março de 39, o Major J. Coelho de Miranda Leão seguio para Luzéa, com a sua expedição, na escuna "Porto Alegre". Alli chegando procurou agir por meios brandos, diplomaticamente, convidando o chefe cabano, que era Gonçalo Jorge de Magalhães, para entendimentos e conferencias, a que

este sempre se excusou. Quasi descrente desses meios suasorios, Miranda Leão ameaçou os cabanos de lançar mão dos meios extremos. Começava a agir, com resultados que afastaram os cabanos para além de Luzéa, quando chegou o decreto de amnistia aos cabanos, de 4 de Novembro de 39.

Miranda Leão passou a agir com o decreto de amnistia na mão. Chamou insistentemente o chefe cabano e seus homens. Deante de evasivas e negaças dos rebeldes, Miranda Leão, entre energico e brando, autoritario e tolerante, agiu sempre no sentido de entendimento com os cabanos. Foi quando o chefe Gonçalo Jorge de Magalhães com 880 cabanos chegavam em suas canôas á Bahia de Maués. Deteve-se em frente a Luzéa e pedio refem ao Commandante Militar. Este, num gesto tocante e conciliador, mandou como refem, em uma canôa tripulada por militares, o seu filho primogenito, cadete Rodrigo J. C. de Miranda Leão. De regresso, a mesma canôa trouxe o chefe cabano e seu estado maior para terra. Ahi celebrou-se a confraternização, em solemnidade publica, prestando o chefe cabano e os seus subordinados juramento de fidelidade ao Imperador, e submettendo-se ao Governo Imperial. Assim terminou a Cabanagem.

Sobrevivencia do sentimento nacionalista. — Maués. — a Mundurucania moderna. — Tempera e caracter do caboclo de Maués. — Terra do "dono da terra". — Ultimo reducto dos amazonenses no Amazonas.

A opulenta bacia hydrographica do Madeira, das mais favorecidas de quantas irrigam o valle amazonico, offerece-se ao pesquizador sob aspectos bem differenciados: florestal, quasi selvagem, nas vastas extensões de terras mais elevadas, onde as heveas nativas se ostentam na pujança de sua primitiva imponencia, começa a ceder docemente, em inclinação suave, no regime de declive das vertentes do Rio Mar, com attenuação accentuada de sua caudal, que se vem abrandando pela reducção de altitude, para permittir que a torrente, cada vez menos caudalosa, se espraie fartamente, desdobrando-se o curso do rio em multiplas derivações late-

raes, que anastomosam o Madeira ao Amazonas, em torno da area da confluencia daquelle tributario.

Os angulos de convergencia dos rios Madeira e Amazonas encerram, nas areas de seus sectores, para Leste como para Oeste, regiões uberrimas, capazes de abrigar vastas populações, excellentemente propicias á agricultura, nas suas explorações de pecuaria ou de lavoura: sejam os ricos Autazes, com os seus já bem incrementados rebanhos; ou esse caprichoso reticulo de canaes, de *furos*, de *paranás*, que tramam o labyrintho hydrographico, cujo eixo é o portentoso Urariá, e que, entre o Madeira e o Tapajóz, quasi como duas parallelas liquidas, distendidas para o Norte e para Leste sobre o curso principal do Amazonas, delimita a região, historicamente famosa, que "a geographia dos meiados do seculo XIX" chamou Mundurucania".

Essa formosa região abrange grande parte daquella que constitue o ultimo reducto dos amazonenses, em face da absorpção nordestina: é o Amazonas que restou aos seus filhos.

Sem os arrojos, sem a audacia destemerosa dos desbravadores dos sertões do Alto Amazonas, o ca-

boclo amazonico vem rimando em cantantes odes de trabalho, o poema da terra amazonica, mal comprehendida e aviltada.

Alli, na projecção daquelle systema liquido de vias de communicação que têm o Canuman ou Uraciá por espinhaço, a traçar, á feição de uma columna liquida mestra, esse esplendido canal que liga o Madeira ao Amazonas; ergue-se alli, sem ritos nem cerimonias externas, um culto á tradição e ao progresso. E' o pedaço da terra amazonica que falará sempre á alma nativa, como um cantico da vida colonial, para ensinar áquella gente que sua terra tem historia.

O monumento ao progresso lá tambem está erguido: é o trabalho herculeo e vencedor dos caboclos, que esplende heroicamente nos guaranasaes, nos seringaes, nos cacauaes plantados, na obra da lavoura laboriosa e lenta, através da qual refulge a gloria da terra e rebrilha, num desafio aos calumniadores, o brio da raça, a energia viril do homem, que repelle a vergasta dos insultadores e brada o hymno altisonante do trabalho rehabilitador.

Mundurucania é a terra dos mundurucús, os famosos indios guerreiros, vigorosos na enfibra-

tura physica e na compleição moral; solidos na estructura do corpo e na rijeza do caracter.

Mundurucania, nome que sentimentos nativistas têm evocado em expansões reivindicadoras, deve ser restaurado. Os habitantes de Maués são dignos descendentes dos Mundurucús.

Vimol-o desde as primeiras campanhas nacionalistas.

As tendencias autonomistas correspondem á divergencia de raças e á reacção contra o despotismo colonizador. A abdicação, dando curso desenfreiado á indisciplina militar, desencadeia por todo paiz a tormenta da anarchia, que passa a ser causa de novas rebelliões e luctas armadas, degenerando em guerra civil a exacerbar os dias procellosos da Regencia. O ambiente revolucionario ou guerreiro estimulava desforços contra aggravos, oppressões, ultrajes e humilhações, que a má tactica dos governantes havia provocado.

A's primeiras investidas da Cabanagem, Luzéa, que era por assim dizer capital da Mundurucania, porta-se como uma sentinella avançada da ordem legal. Responde ao appello da Comarca da Barra, leader do movimento reaccionario contra a

rebellião, com o mais caloroso voto de solidariedade, como complemento da attitude anti-revolucionaria tomada desde mezes antes.

Mas a ferocidade legalista tinha de trazer como consequencia as manifestações de sympathia aos rebeldes. Os legaes foram deshumanos e crueis na sua acção repressora. Promovem o sentimento de adhesão aos cabanos que Luzéa, em breve, deveria exprimir, adherindo á Cabanagem.

Já está tardando a hora da rehabilitação dos cabanos, ou pelo menos a rectificação historica que se impõe no julgamento de suas attitudes e de seus processos. Não foram mais crueis que os legalistas. Foram apenas mais guerreiros do que elles. Habilmente tacticos, estrategistas avançados, usaram dos meios deshumanos, caracteristicos do heroismo guerreiro, com tanta crueldade quanta despenderam os elementos fieis á causa legal. Inflammou-os sempre o sentimento nacionalista, deformado por um nativismo ferrenho, que os levara ao odio de morte aos colonizadores.

A região amazonica fôra o berço das idéias liberaes, surgidas contra o despotismo de Beresford. Lá soaram os primeiros vagidos do nacionalismo,

que, em nome do "constitucionalismo", nascia para reclamar a reposição da Lei.

Foi no Pará que primeiro se fizeram sentir os effeitos da reacção da metropole portugueza no sentido da proclamação da monarchia constitucional. A chamada "revolução constitucional", contra o absolutismo que se pretendia transplantar de Portugal para o Brasil, teve a sua primeira adhesão brasileira no Pará. Assim começou a formar-se o clima nacionalista e libertario, a cujo oxygenio se deviam desenvolver as vocações guerreiras e nativistas de Baptista Campos, Angelim, Maparajuba e outros.

O caudilhismo libertador teve essa origem historica. Não foi producto do meio physico, nem de outras causas discutiveis. Aquelle ambiente, saturado de aspirações de liberdade, foi o excitante de taes sentimentos. A prepotencia das auctoridades portuguezas foi o estimulo das reacções que se accentuaram dia a dia, pelo tempo afóra, chegando por fim a deflagrar na rebellião que durante um decennio talou e ensanguentou as margens do Rio Amazonas.

O jocobinismo, aliás, teve o seu advento, sob céo amazonense, em principios do seculo XVII,

com a opposição offerecida pelos indios á penetração dos portuguezes e sua installação no local onde está edificada a cidade de Manáos.

A penetração do Alto Amazonas assignala-se, entretanto, por duas ordens de facto: resistencia do indio e crueldade do branco; isto é, resistencia do amerindio á caça que lhe dava o branco e crueldade do portuguez para escravizar o indio. Implantavam-se a escravidão e o trafego. O indio, objecto da cobiça e da crueldade, era antes de tudo uma mercadoria. Ahi, talvez, a origem da ferocidade dos indigenas. Ainda hoje subsistem as consequencias do facto. Os indios são ferozes porque se mantêm sempre na defensiva. Guardam dentro do ser, latente, uma reacção de defesa contra os golpes que sempre esperam dos civilizados.

A conquista do Amazonas é aggressiva, em vez de ser catechista. E' natural que no intimo dos selvagens se tenha preparado uma revolta contra o conquistador, que, para o autochtone, era um usurpador. Reacção do occupante, do morador hereditario, contra o invasor.

A arma de conquista e penetração foi, pois, cruel e deshumana. Essa a obra dos sertanistas.

A dos missionarios, ao contrario, foi beatifica e humanitaria. Tal a acção dos Jesuitas. Vieira sobreleva pela virtude e pela eloquencia. Converteu com a cruz e com a bondade. Si a Igreja não retivesse já a suprema autoridade moral do globo, a Companhia de Jesus ter-lh'a-ia conquistado com a obra de protecção aos indios amazonicos. A catechese é a obra super-humana dos Jesuitas. Na vóz de Antonio Vieira soaram os hymnos á redempção de uma raça, que o captiveiro degradara e deshumanizara.

Que o resaibo ficasse travando na alma do indio, comprehende-se e justifica-se. Por isso foi renhida a lucta para a penetração do Alto Amazonas. Retardada pela resistencia dos indios, até o seculo XVIII, foi pelo coração attenuada. Um incidente affectivo, romanticamente, facilitou a conciliação dos indios com os portuguezes: Guilherme Valente casa com a filha de um tuchaua. Assim consegue fundar Manáos. Continúa, entretanto, a perseguição contra os indigenas. E os Jesuitas continuam a bradar contra essas perversidades. Só o Provincial dos Jesuitas attenúa a crueldade dos conquistadores.

A Mundurucania, com as adjacencias, é o ultimo reducto do amazonico nativo: é a terra do "dono da terra".

Composição ethnica quasi impermeavel ás infiltrações immigrantistas, o caboclo de Maués isola-se da absorpção cosmopolita para restar como o mais legitimo exemplar do homem da região.

Descendentes, netos dos Mundurucús, aquelles cabóclos resguardam-se da influencia absorvente, assimiladora das correntes de colonizadores. Guardam as suas caracteristicas proprias. Attenuaram a selvageria indiana, transmutando-a em energia serena e indomita. São altivos, reservados, valentes, briosos, cheios de um orgulho mudo e sobranceiro; combatentes e guerreiros.

Verçosa foi um homem-symbolo. Era um paradigma daquella coragem serena e altiva, intransigente e irreductivel. De uma feita recusa uma cadeira na Assembléa Legislativa, que lhe é offerecida pelo Governo do Estado e negociada com o movel de sua adhesão ao situacionismo. Repelle a proposta e acceita a inclusão de seu nome numa chapa de combate, idealista e platonica, á qual traz o concurso eleitoral de seu formidavel

prestigio politico e de sua combatividade indefessa. A's vesperas de sua morte, já adiantadissima uma lesão aortica que o acabrunhava, reagiu contra a prepotencia governamental de modo galhardo e vibrante. Convidado para uma conferencia em Palacio, para ouvir do Governador do Estado a proposta da candidatura, para prefeito de Maués, do official de Policia ás ordens do Governo, Verçosa fria e seccamente declarou ao Governador, face a face, que não a acceitava, que suffragaria o candidato que seus amigos escolhessem. Assombrado com aquella energia feroz, o governador tremeu de colera. Mas Verçosa deixou-o entregue ás suas iras inermes, impotentes diante da rijeza inquebrantavel daquelle indomavel caracter caboclo. Regressou a Maués, disposto a movimentar, para derrota do Governo, a maior campanha eleitoral daquelle municipio. O traumatismo moral, porém, fôra excessivo; fulminou-o dois dias depois de sua chegada á encantadora rainha do Baixo Amazonas. A população do municipio armou-lhe uma formosa apotheose no momento de baixar seu corpo á sepultura. Sua tradição vive e reponta nos fastos da heroica terra dos Mundurucús.

A politica de Maués caracterizou-se sempre por um cunho de altivez e intransigencia memoraveis.

Facto illustrativo do caracter e da tempera daquella gente, documentando as suas caracteristicas viris e inquebrantaveis, temol-o no incidente bellicoso occorrido em 1923-1924 e que sobresaltou os governantes de então. Foi uma justa reacção de amor proprio e de defesa, provocada pela concessão de terras, em beneficio de um magnata da politica e da administração, a qual o governo do Estado pretendera decretar. Posseiros de epochas immemoriaes, ameaçados do confisco de suas terras pelas demarcações e concessões autorizadas pelo governo de então em favor de aproveitadores e opportunistas, armaram uma incrivel reacção dos caboclos contra o Poder. Levantaram-se em pé de guerra. Providenciaram sorrateiramente para que os seus fornecedores, de Itacoatiara, lhes enviassem munições, dissimulando os cartuchos de balas, nos caixotes de sabão e nos paneiros de farinha, sotopostos a essas mercadorias. A reacção rompeu, feriu-se a lucta armada, que revestiu as formas da tactica moderna. Caboclos, reservistas do exer-

cito, em numero approximadamente de 70, puzeram em pratica os processos de combater que haviam assimilado durante sua conscripção no 27 B. C.. Cavaram trincheiras e vallas e montaram artificios perfeitos de *camouflage*. Kepis fincados em varas, com simulacro de dolmans, davam a impressão de vultos de combatentes mal disfarçados. Carabinas, cravadas em diversos pontos, completavam essa simulação. Emquanto isto, disfarçavam-se os combatentes em pontos protegidos e estrategicos, donde agiam encobertos e fóra do alcance das balas adversarias.

Um contingente razoavel da força policial do Estado, sob commando do mais valente e fiel militar em serviço activo e desfructando uma nobilissima tradição de coragem e lealdade, é batido impiedosamente. Em risco de ser destroçado, o contingente policial resguarda-se no fundo dos batelões de transporte e desce o rio, a mercê da corrente, completamente desmoralizado...

Desse modo, a gente de Maués, guerreira pelas influencias ancestraes, briosa por uma educação de intransigencia e combatividade, soube repellir

a violencia e a expoliação premeditadas por um governo que pretendera despojar os heroicos caboclos de suas posses, herdadas de seus avoengos e defendidas pelo brio e pela coragem dos dignos descendentes dos Munducurús.

O desbravador nordestino, — Mentalidade de conquista, — "Guerreiro, não cangaceiro". — A epopéa acreana

A transmigração dos nordestinos para a Amazonia desdobra-se por lances quasi epicos.

Com a evocação da odysséa das primeiras levas de *retirantes* ou *flagellados* da secca de 77, recompõem-se os aspectos da tormentosa jornada de espectros, de cadaveres ambulantes, como em marcha colonizadora não registrara ainda a historia, a photographar os primeiros feitos da occupação de uma terra virgem e exuberante, conquistada por gente physiologicamente fallida e abastardada pela miseria.

Por esses quadros tetricos, quasi macabros, inicia-se a epopéa da colonização do Amazonas que, durante cerca de meio seculo, deveriam animar,

através de vicissitudes maximas e provações implacaveis, até os ermos longinquos das terras inexploradas, os nordestinos acossados pelo flagello da sêde ou aguilhoados pela ambição de fortuna, promettida na Chanaan que os seduzira como fugidia miragem...

Inanidos ou mal nutridos, os immigrantes do nordeste affrontam o deserto, a precariedade dos recursos, a floresta virgem e selvagem, diante da qual o homem se faz um masculo operario, um titan no seio da natureza vulcanica.

Para enfrentar essa terra, extranha nos seus aspectos e avassalladora na sua grandeza, os colonizadores estreitam-se numa defensora solidariedade. Modifica-se-lhes, de *fond en comble*, a mentalidade nativa de sertanejos nordestinos. O ser psychico na terra natal era feito, no dominio religioso, de abstruso e impreciso monotheismo, com tendencia para as aberrações mysticas, para o fanatismo, para o fetichismo, sempre attrahido para as superstições e as crendices; no dominio moral registra-se-lhe uma hypertrophia do amor proprio ou do brio mal comprehendido, um instincto latente de aggressividade, uma reactividade exaggerada aos contactos e ás excitações, uma valentia

cruel, uma "energia barbara" e quasi criminosa que, pretendendo realçar-se em golpes heroicos, resvala para as formas mais repulsivas do canibalismo.

Assim são elles na terra secca do nordeste, nos sertões adustos, mas não na planicie encharcada pela bacia amazonica.

A ambiencia social transmuda-os; a funcção social metamorphoseia-os. Grande papel lhes está reservado nesse scenario. Não são alli apenas hospedes, seres extranhos e intrusos, violadores dessa immensidade, perturbadores desse silencio e dessas solidões florestaes. São tambem os descobridores, os povoadores dessas paragens invias e immensuraveis.

Formou-se alli uma nova sociedade, numa terra deshabitada. Aquella gente, transplantada para a nova patria, vinha occupar uma terra despovoada, sem sociedade, sem vida social. Vinha fazer uma terra nova, uma terra sua; e, em realidade, fizera uma terra nova, uma gente nova, uma sociedade nova. Para isto, menos influiu o meio physico do que o ambiente social.

O clan é a mais rudimentar forma de agrupamento politico das sociedades inferiores. Economico ou militar, não escapa nunca á *essencia mystica* que o crêa e consolida. E' o poder do dominio que anima o chefe, cuja fascinação se exerce sobre a massa dos homens, fazendo-a obediente e passiva.

O espirito de clan domina as populações ruraes brasileiras que, ao juizo de Oliveira Vianna, são forçadas a congregar-se em torno dos senhores territoriaes, pela "necessidade de defesa contra a anarchia branca". Assim elle objectiva o seu julgamento: "O nosso camponio carece completamente de força pecuniaria, de força material e de força social. Não tem meios para reagir contra o arbitrio, que o ataca, ou o expropria, ou o opprime". (*Populações Meridionaes do Brasil,* pag. 170).

Essa mentalidade das nossas classes inferiores, que operam nos campos, na actividade rural, no interior do paiz, significa uma contingencia a que as forçam o atrazo individual e o atrazo das instituições, que têm por mister a salvaguarda dos direitos dos que vivem em sociedade.

No Alto Amazonas, onde se formou uma sociedade nova, com gente nova e novos costumes,

não se consolidou definitivamente o clan, que é a mais elementar unidade social. Apenas se esboçou, sob a modalidade economica, na vida dos seringaes. Mas o systema de explorar a propriedade dissolveu-o promptamente. O dono do seringal não chegou a conquistar a autoridade de chefe de clan. Seria por causa da instabilidade das populações dos seringaes, fluctuantes entre uns e outros? Por ser desnecessaria a reacção contra o "caudilhismo judiciario" e o "banditismo policial" que alli não infestaram o dominio dos direitos humanos? Ou seria porque o seringueiro era mais um associado que um subordinado do patrão, por força do systema de pseudo-cooperativismo ou de simulacro de fraccionamento de latifundios, adoptado para exploração de seringaes? Verdade é que a autoridade do senhor dos seringaes latifundiarios nunca impediu as praticas de insubordinação ou de menospreço, que davam os seringueiros, evadindo-se de um seringal, onde deixavam grande debito a cobrir, para ingressar em outro, no qual eram admittidos com o fim de iniciar vida nova e sem compromissos anteriores.

Tambem não medrou o clan politico, na sua expressão bastarda de politica de campanario. A

politiquice é episodio apenas das cidades e villas. A disseminação das massas difficulta os contactos sociaes e afrouxa, quasi destróe, os laços de partidarismo.

O clan é symptoma de sociedade primitiva. Se não se prende, nas representações actuaes, pelo laço mystico do *totem*, forma-se á acção de um elemento suggestivo, a reunir e solidarizar os homens pela confiança, autoridade e prestigio de um chefe, que conquista o respeito e a obediencia até o fanatismo. Mas exprime, sobretudo, uma necessidade de defesa. Por isso elle delineia-se, nos sertões amazonicos, sob a modalidade militar, ás primeiras investidas dos *caucheros* em diversos pontos da região. A feição definitiva de clans guerreiros, porém, adquire formas epicas nas campanhas do Acre e do Alto Purús, contra os bolivianos e os peruanos. Não faltaram então nem chefes nem soldados, disciplinados e obedientes, ousados e valentes, para compôrem aquelles batalhões de forças irregulares, que eram os mais indicados, pelo conhecimento da região e pelas lições bellicas nella aprendidas, para traçarem na historia, gloriosas, as estrophes da epopéa acreana.

Para esta nova sociedade, especie de nacionalidade nova que formaram, os nordestinos não trouxeram velhos odios de familia, hereditarios e contagiosos, nem mal soffreadas sêdes de vingança.

A propriedade rural offerecia-se-lhes vasta e incommensuravel, e, mesmo aos que não se faziam senhores de terras, reconhecia-se o direito de proprietarios das gommas que extrahiam.

O regime de credito, de que usaram e abusaram nas transacções commerciaes, e as maximas facilidades de negocio, crearam uma confiança reciproca, uma especie de pacto entre todos.

Sem codigo de trabalho, sem trabalho organizado, sem policiamento para reprimir os abusos, deslocavam-se os trabalhadores relapsos de um seringal para outro, sem provocarem, entre os respectivos proprietarios, represalias nem quaesquer actos de hostilidade reciproca.

Não havia luctas fratricidas, nem odios encarniçados. As inimizades entre vizinhos não acarretavam consequencias sangrentas. Conheci dois grandes proprietarios limitrophes, no local da Fóz do Caheté, onde depois foi localizada Senna Madureira, que cultivavam reciprocamente uma

inimizade irreconciliavel, sem se entregarem a praticas de desforços nem violencias.

Tudo fez com que não se désse, para o Amazonas, a translação da moral sertaneja do nordeste, ao menos nas suas formas mais chocantes e asperas. Assim é que não se aclimou o "cangaço" naquellas paragens.

A corrente immigratoria, canalizada para alli, trazia na sua ascendencia dois seculos de cangaceirismo nos habitos mentaes, á força da pressão do atavismo que se incrementara pelas praticas do banditismo familiar e profissional.

Vinha toda ella dominada pela tradição de uma moral erronea, transfundida para os habitos da sociedade sertaneja por influencia de phenomenos de imitação, de assimilação ou de repetição historica, mas que não medrou nos sertões do Amazonas.

Em verdade o cangaceirismo, essa forma impetuosa de banditismo errante que assola os sertões do nordeste, não é creação de nossa raça nem de nosso meio. E', apenas, a modalidade indigena de uma diathese social que corroeu a Italia durante muito tempo; é o equivalente, naquellas

plagas calcinadas, do caudilhismo platino, romantizado pelas narrativas, mas barbaro e feroz na sua essencia.

Disseccando na trama psychologica os fundamentos morbidos das acções apparentemente nobres e heroicas do caudilhismo, Euclydes da Cunha já surprehendera, na estructura moral de uma das suas figuras mais representativas, os estigmas do "heroismo criminoso", as caracteristicas dos "heroes degenerados, que invadem desabaladamente a historia, fugindo da policia correccional". E assim o retrata: "Era José Artigas, o motim feito homem, o primeiro molde dos caudilhos, primeiro resultado dessa combinação hybrida e anachronica de Don Quixote, do Cid e de Hernani — a idealização doentia, a coragem explendorosa e o banditismo romantico — indo perpetuar na America a ociosidade turbulenta, a monomania da gloria e o anhelo de combate que sacrificaram a Hespanha do seculo XVII".

Vem de longe dominando a mente humana um conceito erroneo e anomalo do heroismo, que presuppõe nobreza na valentia selvagem, no arrojo indomito, na coragem brutal, ainda que lhes faltem a magnanimidade, a grandeza d'alma, a ge-

nerosidade e a doçura, unicos predicados que poderão tornar bella qualquer acção humana.

Si heroismo fosse uma bravura intrinsecamente cruel, sem os objectivos da bondade e do altruismo, heróes e bandidos seriam aprendizes da mesma escola; crimes e heroismos — equipolentes do mesmo estado moral. E uma dualidade nociva assim os distinguiria: heroismo-virtude, effeito de uma exaltação psychologia, mas fundamentalmente altruista; heroismo-attitude criminosa, em funcção do despotismo, da tyrannia, do banditismo.

Mas ha um só heroismo: é o heroismo sereno e nobre. O outro, ou supposto tal, é equivalente psychico de uma aberração mental ou da epilepsia. E' deflagração de tara, é expressão de anormalidade, é impulso de criminalidade.

Contrabatamos, pois, a impropriedade do termo e do pensamento de certos criticos e de certos moralistas.

Perquirindo a genese do cangaceirismo no nordeste, através da interpretação dos mais cultos, vemol-o envolvido nas vestes romanticas, ao menos nas expressões de um temor meio supersticioso e meio admirativo.

Parece certo, entretanto, que ella está ligada a uma reacção contra as actuações chocantes do meio social. A falta de justiça para punição dos culpados, por excessos de policia ou por aggressões pessoaes, é talvez a maior causa. GUSTAVO BARROSO informa: "Todo cangaceiro começa por ser um revoltado e acaba sendo bandido" (*Almas de lama e de aço*).

Trata-se, na quasi generalidade dos casos, de uma reacção contra a iniquidade do apparelho social repressor. A justiça é obra de cada individuo ou de cada familia. Questões de limites de propriedades, intrigas de vizinhança, interesses domesticos tangentes, geram prevenções, malquerenças, odios, que se exaltam, exacerbam e hypertrophiam através dos actos de vinganças encarniçadas, de audacias ferozes, que confinam nas praticas de canibalismo e luctas de exterminio.

Um desforço produz a primeira morte, e esta, em certos casos como nos mais illustrativos das familias dos Araujos e dos Macieis, através de embates e peripecias horripilantes, acarreta dezenas de mortes.

Assim se crêam, cultivam-se e perpetuam-se os odios de familias através da descendencia.

Nessas vindictas revela-se o *heróe* — assim classificado ao conceito erroneo que o preconceito inspirou — em momento imprevisto muitas vezes. O acaso favorece uma sortida ou um assalto, um golpe de astucia ou um truc habil de surpreza para dominio do adversario; e a força moral, resultante de uma victoria imprevista, improvisa o *heróe.* Fica a fama, a notoriedade a revigorar, no individuo, a propria confiança; e o receio, o medo nos demais.

O momento faz o heróe, o falso heróe; e a suggestão, o resto.

O cangaceirismo apoia-se quasi sempre no odio ancestral, hereditario, transmissivel. Remontando á historia colonial, já lá vamos divisal-o, ha dois seculos, enrubescendo os fastos da vida dos sertões nordestinos. E como ás vezes se confundem com feitos patrioticos, taes os que culminaram naquelle tentamen da "Republica do Equador", ficaram ligados taes lances de intrepidez malfazeja aos actos de bravura patriotica e nobilitante.

As lendas desses periodos, em narrações romanescas e commovedoras, embalavam a mente juvenil, plastica e suggestionavel, nos serões casei-

ros, preparando a mentalidade dos homens do futuro, apaixonando-os por esse banditismo lendario.

O *pasquim*, abjecto repositorio de obcenidades e de aleivosias, collado ás paredes frontaes das casas com cêra de abelhas, que foi indigno precursor da imprensa nos sertões, vehiculava as mais torpes accusações, exacerbando paixões e envenenando animos prevenidos e conturbados.

A litteratura sertaneja, na espontaneidade das trovas e canções que enriquecem o *folk-lore* nordestino, age como uma espinha irritativa da susceptibilidade criminosa, como uma causa occasional de revelações criminaes. Os desafios, não raro, descantam as proprias façanhas escarnindo das derrotas dos inimigos. A eclosão do bandido, em Antonio Sylvino, não teve outra opportunidade: verificou-se num desses torneios de poesia repentista, ao ter de repellir versos provocantes allusivos a seu famoso pai e outros facinoras da familia.

Arregimentam os chefes de bandos, para as suas correrias, gente má e gente bôa, contagiando esta nas praticas malsãs. São incorporados os criminosos egressos das prisões — degenerados sanguinarios ou salteadores — perseguidos pelas

autoridades, além de individuos revoltados contra as iniquidades da justiça e honestos vaqueiros envolvidos pelos caprichos da sorte na malha daquella vida de crimes e assaltos.

Foi causa fundamental dessa preoccupação delirante, uma estrabica moral social, que inscrevia o vocabulo "banditismo" como synonimo de heroismo, interpretando curiosos arrebatamentos como expressões de pseudo brio; que reputava valentia de arraial e desforço brutal como equivalentes de sentimento de nobreza e de virilidade.

Esse preconceito foi o elemento gerador maximo da atrocidade latente na gente inculta dos sertões do nordeste. Em realidade apenas emersão da animalidade, porque o homem se distingue da fera, da besta humana, precisamente pela força de controle sobre si mesmo, pelo poder frenador dos impulsos instinctivos.

Para erradical-o dos costumes daquella gente, não bastam escolas de diffusão do A B C; mais alguma cousa se impõe: educação civica, moral e politica, cuja forma pratica não pode deixar de ser a reforma dos habitos sociaes e dos processos de politicagem regional, da qual são instrumentos

os cangaceiros atrazados em cultura e obcecados pelas crendices.

O senhor Gustavo Barroso, estudando a figura do pai de Antonio Sylvino, faz os seguintes commentarios: "Obedeceu ás inclinações da raça e da familia, aos impulsos do sangue e aos exemplos da parentela" (*Op. cit.*, pag. 75).

Muita importancia dá o illustre escriptor cearense ás influencias de "raça" e de "sangue". Não se podendo negar o peso da herança na genese dos crimes de banditismo sertanejo, são inadmissiveis as inclinações de raça e os impulsos de sangue na ficha de taes delinquentes. Quando muito, influencia de familia.

Embora lhes accuse a historia pregressa uma ascendencia de bandidos, não ha naquella gente o pendor homicida, irresistivel e fatal, mas sim uma reacção anormal, mais morbida pelo factor extrinseco do que pelo intrinseco, uma aggressividade facil e prompta, uma replica latente ás excitações, aos desafios, ás provocações.

Não ha fatalidade de raça nem de sangue; ha, sim, uma influencia atavica como causa predisponente, os "exemplos da parentela" como factores

essenciaes e a circumstancia provocadora como causa occasional.

Ha uma influencia poderosa, decisiva, do meio social, a cujos estimulos e excitações reage a organização, retardada pela incultura, do sertanejo abandonado ás suas proprias reacções e ao seu proprio atrazo mental; influencia maxima de uma sociedade cuja moral capitula de cobardia todo desaggravo que não seja mais cruel do que a offensa soffrida.

Reconheça-se, pois, a ambiencia social como a causa etiologica dessa diathese sertaneja — o cangaceirismo.

Fechando o parenthesis dessa digressão necessaria, perquiramos a razão por que não se implantou o cangaço na vasta região amazonica.

Se não ha fatalidades geographicas, ha circumstancias geographicas a serem analysadas na evolução dos povos.

A proximidade de fronteiras mal demarcadas despertou nos primeiros povoadores do Alto-Amazonas uma reacção guerreira contra a arremettida invasora das republicas limitrophes.

A lucta contra as invasões estrangeiras consolidou a alliança, a fraternidade, a solidariedade entre os homens, para, mais fortes, combaterem os usurpadores. A guerra contra os inimigos communs fel-os alliados, assim como já os fizera, para a vida, a lucta contra as hostilidades e asperezas da natureza ambiente. Mas, ao revez de cangaço, como no nordeste nativo, os nordestinos, feitos já acreanos, improvisam exercitos valorosos; em lugar de bandos de salteadores e bandoleiros, arregimentam forças libertadoras e patrioticas, cuja acção reivindicadora conquistou o Acre, que a apathia e a transigencia da diplomacia brasileira haviam tacitamente reconhecido como boliviano.

A rarefacção demographica, a aggressividade das feras, a primitividade selvagem do meio physico, tudo faz o homem aguerrido e armado, para a sua propria defesa, tornando-o um manejador habil e seguro das armas de fogo; tudo concorre para lhe compôr a mentalidade bellicosa, que não se degrada nas guerrilhas, assaltos e correrias, mas se sublima no combate nobilitante em pról da integridade nacional.

O homem daquellas paragens precisa viver armado, muito menos para matar do que para viver: matar a fera e abater a caça, que o deve nutrir. A segurança da vida e a subsistencia estão em funcção dos recursos de munição. A pericia venatoria não é um esporte; é um attributo essencial para sobreviver. O homem é forçado a andar com as armas de fogo na mão. Mas não abusa dellas.

Cumpre desfazer a lenda do "44". Difundiu-se a versão de que a arma de tal calibre resolvia tudo — fazia justiça summaria e inappellavel.

O medico americano Doctor Walcott, que viveu dez annos no Alto-Madeira, em serviço profissional do hospital da Candelaria, da "Madeira-Mamoré", insurgiu-se contra tal lenda, em discurso proferido na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, em 1918. Observando de perto aquella gente, affirmou elle poder attestar o animo pacifico e o sentimento de respeito á autoridade, que dominam os habitantes dos sertões do Amazonas.

O traquejo das armas não desvirtuou os pendores humanos daquella gente. O Acre, como

todo sertão amazonico, não foi meio de cultura do banditismo: medraram alli apenas guerreiros e alguns despotas.

A semente do banditismo foi esterilizada naquellas paragens. Manoel Felicio Maciel, descendente dos famosos Macieis, do Ceará, (estirpe que deu Antonio Conselheiro), fez-se grande proprietario no Acre, onde firmou reputação de homem mau, com tendencias a poderoso, despota, mandão. Cahiu assassinado. Assassinado foi Cariry, de quem se narravam façanhas impressionantes. Fim tragico identico tiveram todos os que vinham demonstrando predicados de autoritarismo e de ferocidade.

A população do Alto-Amazonas vive numa especie de regime patriarchal, a seu modo, ao menos, de confiança generalizada e reciproca.

Nunca houve alli assaltos á propriedade, apezar da fragilidade do material de construcção das habitações, em sua quasi totalidade de *pachiuba* e de *sapé*, muitas vezes reduzidas a infimos *tapirys*, só com cobertura de palha e sem paredes. As casas menores — as barracas — raramente têm portas. Grandes stocks de mercadorias ficam abrigados em *barracões* sem resistencia.

Espalhadas pelos territorios, ha quasi trinta annos, vi amontoadas as chamadas *pelles* de borracha, grandes bolas obtidas pela coagulação do leite da seringueira, em avultado numero agglomeradas ao ar livre, nas áreas que circumdam os barracões dos grandes seringaes do Juruá, Madeira, Purús e Acre, representando, naquelle periodo aureo da gomma elastica, valores correspondentes a grandes fortunas, montantes a centenas de contos de réis. Grande era o transito de pequenas embarcações a remo, silenciosamente manejado, ou descendo ao sabor da corrente, em horas caladas da noite. Jamais se verificou o extravio, o furto, o desvio doloso de uma só pelle de borracha.

Para documentar a asserção que sustento, de não ser a região do Alto-Amazonas propicia á cultura da fauna dos criminosos, basta este registro: Potentado commerciante do Acre, cerca de trinta annos atraz, teve razões para suspeitar da fidelidade da esposa, que manteria relações illicitas com um advogado prestigioso, em serviço profissional na região. Ao em vez de trucidal-o lá, como reclamava seu apetite de vingança, desceu elle até a Capital do Amazonas, onde realizou o seu lugubre

intento, de modo cruel e aviltante, matando seu rival e mutilando-lhe o cadaver, alta madrugada, numa das ruas mais centraes de Manáos.

A imperiosa necessidade de disputar ao violador do territorio patrio os pedaços de terra que os seus proprios esforços haviam conquistado e desbravado, dilatou e illustrou aquella verdade, com roupagem de hyperbole, segundo a qual a patria é o lar, é o retalho de solo que habitamos e cultivamos.

Os acreanos, armados por força das exigencias do meio e audaciosos pela ascendencia bellicosa, travaram nos sertões do noroeste brasileiro uma nobre, dignificante guerra de reivindicação patriotica. Corrigiram os erros do governo brasileiro que, pela sua diplomacia, reconhecera a um paiz estrangeiro o direito de installar um consulado boliviano em Caquetá, com o apellido de "Puerto-Alonso". Creando um *casus-belli*, transmudaram a feição internacional do caso acreano, rehabilitando a nossa soberania, que Rio Branco firmou alli definitivamente pelo Tratado de Petropolis.

Irrompeu então furiosamente, no sentimento daquella gente ferida em seu ardor patriotico, o espirito de clan guerreiro; não faltaram chefes nem tropas.

A acção militar dos batalhões de voluntarios patriotas, que combateram os bolivianos no Acre e os peruanos no Alto-Perús, caldeou uma alma heroica, brava e audaz, que galvanizou na historia patria uma das mais inequivocas expressões de coragem civica e de capacidade para a lucta. E esse estado de espirito expurgou, defecou a alma daquella gente de todos os intuitos malsãos, de todos os instinctos ferozes, de todos os estigmas aviltantes, que uma ancestralidade criminosa lhes houvesse por ventura infiltrado no ser moral.

Os habitos guerreiros, incrementados pela reacção contra a occupação e as invasões estrangeiras, poderiam ter deixado o fermento do caudilhismo ou, peor, do cangaceirismo, nos costumes das populações do Alto-Amazonas.

Nada mais propicio do que o meio physico para cumpliciar-se nos assaltos e nas correrias: a matta é um intrincado labyrintho em cujas malhas estreitas se occultam e disfarçam as feras

e os homens; os rios correm acceleradas milhas a favorecerem a fuga precipite; os furos, os saccados, os atalhos, são pousos e esconderijos estrategicos para as tocaias e as emboscadas. Alli não ha as estradas nem as encruzilhadas forçadas; ha sim o emmaranhado protector da floresta, em cujo tecido o homem se refugia e se segrega, escapando á caça e á batida.

Planta exotica, estiolou-se no seu novo habitat aquella bravura selvagem, incidentemente criminosa, que faz o chamado heroismo dos bandidos. E daquelle tronco, por phenomeno de transmutação psychologica, brotou uma floração sadia e opulenta de patriotismo reivindicador.

A valentia, adormecida na latencia de um atavismo recalcado, exercitou-se em sã bravura e despertou sob a forma de heroismo authentico, patriotico e restaurador da soberania nacional.

A tendencia ao cangaceirismo foi contrariada, regenerada pelo salutar ambiente de labor indefesso, na lucta e na paz.

Tambem não vingou alli a semente do caudilhismo. Vehiculado na energia dominadora de

Placido de Castro, o levedo do caudilhismo transporta-se das planicies enxutas dos pampas para as planicies enxarcadas da bacia amazonica; mas só fermenta no ardor bellico de Placido de Castro, que tinha dentro em si a chamma ardente a illuminar a alma collectiva, a inflammar aquelles corações tumidos de brio rubro e nacionalista, de patriotas que, desde 1899 com Luiz Galvez, aspiravam á liberdade da região, conclamavam os brasileiros contra o descaso da nossa chancellaria e repelliam a occupação estrangeira e a affronta á soberania patria, sonhando com a phantasia da Republica do Acre.

Guião sereno, arguto e estrategista, Placido de Castro dominou aquelles phalangiarios ardorosos, no sentido de uma melhor tactica de guerra, e denodadamente levou-os á victoria.

Coroada a sua obra por um feito que dilatou a gloria diplomatica do nome de Rio Branco, o heroe-guerreiro sentiu o ambiente muito mais propicio ao trabalho do que á lucta, trocou o fusil pelo theodolito e aventurou-se á conquista pacifica das terras, onde avaramente se escondiam os mananciaes, os filões de oiro liquido. E dentro em pouco era possuidor do maior seringal do Acre.

Foi quando o despeito e a cobiça, gerados por interesses mal satisfeitos, alliançaram-se para derrubar o general dos exercitos acreanos. Victimou-o o egoismo desenfreado, no entrechoque de ambições exaltadas, já então pacificada a região; aplacado o furor guerreiro do heróe, é despertado em seu espirito o sentido utilitario da vida em face da riqueza amazonica.

Com elle cahiu o primeiro e o ultimo caudilho acclimado nos altos sertões amazonicos, em plena aurora da civilização do seculo XX que despontava.

QUARTA PARTE

O homem em face da familia

— O trafico da mulher (Esboço de estudo sobre a influencia da mulher na genese da formação social do Alto-Amazonas).

O trafico da mulher

A prolação das massas colonizadoras consummou-se, no Amazonas, á revelia dos preceitos da hygiene e da sciencia economica, sem os aprestos que a previdencia dos povos cultos dispõe nos dominios destinados a abrigar populações immigradas, civilizadas ou por civilizar.

Ha, porém, alguma coisa ainda a registrar. Ao colono ignorante e desapparelhado, com as mais negativas qualidades de adaptação, faltou até mesmo a assistencia moral, affectiva e physiologica da mulher.

A etapa a vencer na transmigração penosa, dos arenaes calcinados do nordeste para os semipousos lacustres da famosa "hilœa" do nordeste, foi sempre dura, aspera, dispendiosa.

Debitada, como parcela aggravante da conta do freguez, a somma das despesas de viagem desde

os sertões nordestinos aos reconcavos amazonicos, aportava a seu destino o futuro extractor já compromettido por uma divida correspondente ao seu valor economico, pela qual respondia a sua liberdade.

O homem chegava hypothecado, compromettido; impraticavel, portanto, quasi sempre o transporte de uma companheira, que tornaria exorbitante o valor estimativo do colono — o seu preço.

Esboçava-se, assim, uma sociedade singularissima, tendo como decalque o agrupamento masculino ao em vez da familia; e, com o phenomeno, definia-se um paradoxo demographico, de que nos dá testemunho esta estatistica anomala, traduzida numa desproporção censitaria: mais homens do que mulheres.

Operou-se, conseguintemente, com a expressão dessa formula de censo aberrante, uma contingencia anti-natural, gerada pela unilateralidade decorrente para a funcção genesica, mutiladora da especie e comprometedora da normalidade organica do individuo.

Porque foi essa uma sociedade que se formou contrariando as leis naturaes, ao sabor da sorte —

da má sorte, aliás, — atravez de regiões enigmaticas, inexploradas, trancadas ao homem, quanto mais á mulher!

De HONORÉ DE BALZAC a PAUL BOURGET, o realismo na litteratura franceza vem demonstrando que a familia é a verdadeira cellula social. E HENRI BORDEAUX, num livro que é um excelso ensinamento evangelico da mais santa das indulgencias — a de perdoar e de esquecer; BORDEAUX, que é um dos grandes, profundos investigadores da psychologia social contemporanea, transmitte-nos esta lição magistral, por elle aprendida de um misero soffredor, lá pelas ondulações escarpadas das montanhas da Savoia: Não ha uma "casa", não ha um "lar" verdadeiro, onde não arde uma chamma, onde não se accende um fogão, onde não assiste o genio tutelar da mulher.

Só lentamente passou ella a influir naquelle mundo novo, aberto penosamente a uma colonização tumultuaria e anarchica, angariada á custa de meios-valores economicos — homens sem saúde, sem cultura, sem recursos.

Por muito tempo o homem luctou quasi só nos altos sertões amazonicos.

A moral é a mais relativa das leis sociaes: varia geographicamente, atravez do tempo, por pressão mesologica, por contagio de costumes, por determinação historica, por actuação do momento.

Os preconceitos são infiltrações hereditarias, preceituadas pelo convencionalismo da ethica, artificial ou legal, acceita ou decretada pelas sociedades.

Ha, entretanto, na formação e evolução dos nucleos sociaes, alguma coisa mais fatal que o despotismo atavico e mais incoercivel que o voluntarismo governante — é a tyrannia das contingencias. E alli, naquellas paragens quasi mysteriosas do Acre lendario, por volta de menos de meio seculo, o absolutismo do instincto se havia de chocar de encontro á muralha das premencias ambientes, para desse entrechoque surgir um novo costume, uma pratica nova, e, com ella, uma nova moral.

Transplantado para este solo cheio de antagonismos, soffre o homem, reflectindo o contraste do meio cosmico no seu proprio senso psychologico, a subversão, a mutação de um sentimento innato, congenito, secular. Luctando com a falta

da mulher, acceita-a como objecto de transacção commercial, concorrendo para a implantação desse trafico, senão generalizado ao menos adoptado naquelles tempos remotos, cuja memoria se vae já apagando sem que ao menos registrada fique a sua historia.

A carencia da mulher, dentro do seio de um organismo social que teve por genese uma calamidade, ainda sem a prostituição a ulcerar-lhe a intimidade dos tecidos, creou, — na época de ebulição da vida acreana, na idade trepidante do contagioso delirio de grandezas no "far-west" amazonico, — um novo genero de commercio, de "camelotage", de "ciganagem" (esta a expressão perfeitamente ajustada á gyria local), que consistia no trafico de mulheres decahidas, transformadas em objecto de negocio de certos agenciadores ou regatões. Praticavam tal commercio menos por falta de escrupulo do que pelo desejo de bem servir a freguezia do alto; consignavam as "venus" mercenarias, mediante factura especificada em gastos e commissões, ao pessoal mais abonado dos seringaes, contra resgate em borracha ou carta de ordem.

A resultante daquella aberração censitaria, em funcção do amalgama de uma sociedade de originalidades chocantes, forneceu á chronica daquelles tempos incipientes, já hoje lendarios, episodios impressionantes, com a tonica alternativamente dramatica ou comica, dos quaes trasladamos dois especificos, desdobrados naquelles scenarios selvagens, ha por ahi cerca de quatro decennios.

A. B., guarda-livros de importante seringal do Alto-Acre, exercendo ahi a actividade de "faz-tudo", exercicio que lhe era facultado por uma cuidada educação de familia illustre, de cujo seio no Rio de Janeiro se desprendera ao impulso quasi allucinado de uma aventura amorosa; mentalidade instavel de estroina e sentimental, bohemio e misanthropo, aventureiro e timido, A. B. regressava ao "barracão", do qual se ausentara por oito dias, em incursão pelo seringal a dentro, até o "centro" distante e ermo, através de varadouros inhospitos e igapós sombrios, em busca de uma borracha arrancada a freguezes mais negligentes, quando ao chegar foi acolhido com uma expressão dubia, entre maliciosa e alviçareira, do "gerente" que lhe annunciava, além da nova da passagem do "gaiola" X, anciosamente esperada

desde longos dias, o recebimento de um pacote de jornaes, um volume de correspondencia e... — enfeitando a narração das novidades com um ar comicamente mysterioso — a "encommenda" que fizera ao commandante E. G. A scena fora movimentada pela concorrencia de todos os "habitués" da loja do barracão: os demais empregados; os freguezes attrahidos do centro pelo acontecimento da chegada de um navio, que ha cerca de seis mezes alli não aportava; alguns convalescentes, que em procura de pilulas ou cafés-panacéas se haviam alli homisiado, acossados pelas tremedeiras de sezões inveteradas; finalmente os "brabos" aparvalhados que haviam desembarcado recentemente do "gaiola", pasmados numa alvar e meio atordoada curiosidade.

A. B., num instantaneo phenomeno de desaggregação da personalidade, sente-se desfeito, sacudido por estremecimento estranho, tolhido por uma inhibição brusca na audacia aventureira, caso inedito em sua accidentada historia passional. O seu archivo de conquistas mais ou menos faceis recolhera, através de uma vida bohemia e aventurosa no sul, lances mais ou menos emotivos, mais ou menos ousados; mas aquelle aviso imprevisto

despertou-lhe uma sensação nova, estranha, inexplicavel, em que trepidava a sua emotividade, numa crispação histerica, paroxistica, intimamente convulsiva, para se lhe derramar a alma logo após, como anniquilada, num deliquio syncopal.

Guiado por um gesto expressivo do "gerente", que picarescamente lhe indicava a "encommenda", depositada no quarto, para este se encaminhou somnanbulicamente; mas, caminha e recúa, quer e não quer, pretende ver de surpreza sem ser visto, surprehendel-a na attitude espontanea e natural... Banhado num estado emocional que não conhecia, agitado por uma ancia que não sabia interpretar — uma especie de desejo contradictorio de ir e não ir, uma duvida entre angustiosa e terna, consoladora e amedrontada, — segue, caminha vacillante, amortece as pisadas, rythma os passos, e assim, imperceptivel, approxima-se do local buscado. A emoção lhe hypertrophiara toda a vibração cardiaca e respiratoria. Tremia e arfava. Mas não quer alcançal-a de chofre; queria vel-a sem ser visto. Foi-lhe facil o intento, furando com o olhar voraz a fresta da "pachiuba" mal apparelhada; e abre-se-lhe então á pupila estreitada uma visão surprehendente que lhe compraz o espirito,

enternecendo-o suavemente, com uma sedação instantanea. Era uma rapariga vistosa, de feições proporcionadas, morena clara, compungida na sua dôr, numa attitude contrafeita, com uma expressão que dizia estar trabalhada por um pezar, que não conseguira lenir, e que se objectivava nas palpebras entumescidas e conjunctivas avermelhadas, das quaes corriam, de quando em quando, compassadas, silentes lagrimas. Embalava-se dolentemente numa rede e voltava os olhos, implorando, para uma oleographia suspensa á parede, com a imagem da Senhora do Perpetuo Soccorro. Tudo nella reflectia magoa serena e digna.

A. B. perde a noção do tempo naquella contemplação. Dentro no seu ser, nos arcanos inaccessiveis até aquelle momento ás reflexões do altruismo, opera-se uma demonstração raciocinada: alli estava a mulher que seria sua por algumas "pelles de borracha" e que, fascinada pelas mentirosas seducções daquelle "inferno dourado" que a elle enganara tão torpemente, vinha arrebatada pela mesma illusão enganadora, por essa miragem fatidica, e deixava talvez — e deixou certamente — uma affeição real, espontanea, gratuita. Estavam, em verdade, attingidos os dois pelo mesmo

golpe do destino; eram dois mystificados por essa trahidora tentação de um eden mallogrado... Recúa voluntariamente e reentra na "loja", onde os circumstantes o recebem com estrepitosa ovação. Correspondeu de um modo vago, incomprehensivel de todos, que o julgavam tolhido de satisfação. E dentre os abraços a que elle automaticamente correspondia, um foi mais demorado, prolongou-se por mais tempo, emquanto o manifestante, um "freguez" abonado e com "saldo", assim transmittia o seu enthusiasmo: "E' tão bonita que, se não a quizesse, com ella eu me casaria hoje mesmo". Desvencilhado do ultimo abraço, A. B. chamou de parte o pretendente e interpellou-o: "Queres a moça para casar? Toma-a; é tua. E' só pagares a factura ao gerente".

E naquelle mesmo dia, com as formalidades summarias, perante o juiz districtal, realizou-se o casamento.

*

* *

Jazia sobre tres taboas, improvisadas em leito de morte, o corpo deformado de F. S., que um

tronco de arvore gigantesca, ao ser por elle derrubada, ás primeiras horas do dia, abatera inanimado e sem vida.

A triste nova correra, com a velocidade das "montarias" celeres, até onde as aguas escassas daquella vasante extrema permittiam. E, depois de algumas horas, começaram a affluir os moradores das barracas daquelles arredores, após duas, tres e até quatro horas de viagem. Já ao anoitecer chegava um dos mais retardatarios, por de mais longe se ter movido. Cumprimenta os presentes, contempla o cadaver com desalento, e, approximando-se da viuva, que chorosa velava á cabeceira do cadaver, aventurou: "Dona Izabel, a senhora quer se casar comigo?". Ao que ella oppoz, promptamente, a voz entrecortada por soluços: "Não posso, porque já estou compromettida com *seu* Serapião".

Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes", Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118, em outubro de 1937.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

